

COLECÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS
SÉRIE TEXTOS

GAIO VALÉRIO FLACO

CANTOS
ARGONÁUTICOS

TRADUÇÃO DO LATIM, INTRODUÇÃO E NOTAS
MÁRCIO MEIRELLES GOUVÊA JÚNIOR

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

(Página deixada propositadamente em branco)

Gaio Valério Flaco

Cantos Argonáuticos
Argonautica

TRADUÇÃO DO LATIM, INTRODUÇÃO E NOTAS DE
MÁRCIO MEIRELLES GOUVÊA JÚNIOR
Universidade de Coimbra e Universidade Federal de Minas Gerais

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUJEITOS A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

TÍTULO • CANTOS ARGONÁUTICOS - ARGONAUTICA

TRADUÇÃO DO LATIM, INTRODUÇÃO E NOTAS: MÁRCIO MEIRELLES GOUVÊA JÚNIOR

AUTOR • GAIO VALÉRIO FLACO

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS - TEXTOS

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO: Maria do Céu Fialho

CONSELHO EDITORIAL

José Ribeiro Ferreira

Maria de Fátima Silva

Francisco de Oliveira

Nair Castro Soares

DIRECTOR TÉCNICO: Delfim Leão

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

E-mail: imprensauc@ci.uc.pt

Vendas online:

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Simões & Linhares

ISBN

978-989-26-0512-8

ISBN DIGITAL

978-989-26-0780-1

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

DOI

<http://dx.doi.org/>

10.14195/978-989-26-0780-1

CONCEPÇÃO GRÁFICA & PAGINAÇÃO

Rodolfo Lopes & Nelson Henrique

PRÉ-IMPRESSÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

DEPÓSITO LEGAL

358451/13

1ª EDIÇÃO: CECH • 2010

2ª EDIÇÃO: IUC • 2012

3ª EDIÇÃO: IUC • 2013

© ABRIL 2013.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS (<http://classicadigitalia.uc.pt>)

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de *e-learning*.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO GERAL	9
Sandra Maria Gualberto Bianchet	
INTRODUÇÃO	15
<i>CANTOS ARGONÁUTICOS - ARGONAUTICA</i>	
CANTO I	31
CANTO II	65
CANTO III	89
CANTO IV	117
CANTO V	145
CANTO VI	171
CANTO VII	199
CANTO VIII	223
BIBLIOGRAFIA	241

(Página deixada propositadamente em branco)

Agradecimentos:
Aos meus orientadores nos mestrados,
Doutora Sandra Bianchet
Doutor Carlos Ascenso André

O avô de Gonçalo, Damião, doutor liberal dado às Musas, desembarca com D. Pedro no Mindelo, compõe as empoladas proclamações do Partido, funda um jornal, o Anti-Frade, e depois das Guerras Civis arrasta uma existência reumática em Santa Irenéia, embrulhado no seu capotão de briche, traduzindo para vernáculo, com um léxicon e um pacote de simonte, as obras de Valerius Flaccus.

A Ilustre Casa de Ramires – Eça de Queiroz

(Página deixada propositadamente em branco)

APRESENTAÇÃO

Em que reside o encantamento de se ler, hoje, no século XXI, a tradução de um texto épico escrito em latim há quase 20 séculos, que revisita e reescreve mitos e lendas de heróis gregos, quase tão distantes do século I quanto agora o é de nosso tempo o texto original da tradução que aqui se apresenta? Não seria essa apenas mais uma versão da notabilíssima história da viagem dos argonautas à Cólquida, em busca do velocino de ouro, e dos desdobramentos da tumultuada relação amorosa entre Jasão, o chefe da expedição, e a selvagem Medeia? Não seria essa obra apenas mais um produto do esforço emulatório de um escritor romano da “decadente” época flávia a partir da obra homônima escrita por Apolônio de Rodes? Não há dúvida de que a resposta a cada uma dessas perguntas – ou, melhor dizendo, provocações – é não. Apesar do inquestionável culto ao princípio da *imitatio*, que, de resto, era parte integrante do fazer poético na antiguidade, Valério Flaco, em seus *Argonautica* (*Cantos argonáuticos*), deixa a marca evidente de sua originalidade, mormente ao apresentar ao leitor um novo modelo de herói, anacronicamente revestido de diversas *uirtutes* caras aos romanos.

A obra de Valério Flaco certamente traz em si a memória de toda a produção literária – épica, em

particular, de Homero a Lucano – a que o autor flaviano teve acesso, e não é difícil identificar ao longo dos *Cantos argonáuticos* a retomada dos paradigmas estabelecidos por seus antecessores, principalmente por Virgílio. Mas traz também a marca do novo, das tendências estéticas literárias então florescentes, num claro movimento ora de aceitação, ora de rejeição, ora de inovação em relação ao cânone literário.

Sob essa perspectiva, o verso inicial da narrativa épica de Valério Flaco, de certa forma, pode ser interpretado como esclarecedor do alcance e da sublimidade da obra pretendidos:

Prima deum magnis canimus freta pervia natis.

O caráter sublime da épica se revela através da cuidadosa escolha lexical na composição do verso 1: os três primeiros vocábulos põem em destaque a primazia (*prima*), a superioridade (*deum*) e a grandiosidade (*magnis*) da narrativa que se inicia; o quarto vocábulo, por sua vez, reforça a firme vinculação com o ritmo e a musicalidade do canto bélico: o poeta não *diz*, não *narra*, não *informa*, apenas; o poeta *canta*.

Mas seremos, nós, leitores do século XXI, capazes de compreender a obra de Valério Flaco para além do enredo, dos episódios eróticos e das digressões de caráter mitológico? A presente tradução poética dos *Cantos argonáuticos*, a primeira em língua portuguesa de que se tem notícia, se nos apresenta como uma via segura de acesso não só às informações do argumento, mas também ao som, ao ritmo, à cadência, enfim, à musicalidade do poema épico. Através da manutenção

da dimensão sonora, o ritmo do poema não se perde – cria-se um novo ritmo, dentro dos parâmetros prosódicos do novo código linguístico, do novo lugar do texto poético.

Esta tradução poética dos oito cantos dos *Cantos Argonáuticos*, feita a partir do texto estabelecido por Ehlers na edição da *Bibliotheca Teubneriana*, representa o resultado bem-sucedido de um trabalho acadêmico levado a cabo com esmero em relação ao texto latino e com sensibilidade poética. Tal como um intrépido marinheiro, o tradutor Márcio Meirelles Gouvêa Júnior, mestre em estudos clássicos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG e em Cultura Clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, fez a opção, corajosa, pelo verso metrificado, e, com sua bravura, consegue preservar do “naufrágio” o caráter imponente e sublime do canto épico, reproduzindo em língua portuguesa o ritmo marcial e a musicalidade encontrados no original latino. A escolha do metro dodecassílabo, nas modalidades formais 4x4x4, ou 6x6, com cesura, permite manter a correspondência verso a verso, original e tradução – para cada hexâmetro, um dodecassílabo – sem dispensar a propalada *brevitas flaqui*ana.

De fato, o tradutor é um leitor que se impõe a tarefa de externar sua leitura, com as impressões e, algumas vezes, imprecisões, decorrentes da própria situação de distanciamento temporal e cultural em que texto de partida e texto de chegada se encontram.

Assim, antes de tudo, o tradutor é um leitor, poder-se-ia dizer, diferenciado, que tem o privilégio (ou seria ousadia?) de concretizar uma experiência de leitura que é sua, que é interior. Aqui, através de suas escolhas sintáticas, lexicais e rítmicas, o tradutor processa o signo poético e, com engenho, abre a via para o inacessível, sem relevar as perdas e ganhos inerentes ao processo tradutório. Dessa maneira, estabelece ele, tradutor-já-agora-autor, a aproximação da tradução com o texto de Valério Flaco. Destaca-se o cuidado com a correspondência entre o metro e o gênero da poesia adotados; com a expressão adequada do imaginário da sociedade romana da época e de suas crises políticas, crenças e desejos; e, principalmente, com os elementos rítmicos: som e sentido se associam e se complementam.

Se toda tradução representa uma versão, uma dentre as várias possíveis opções de transposição de um texto para outra língua, o leitor da presente tradução dos *Cantos argonáuticos*, indubitavelmente, terá acesso a uma versão brilhante da obra e certamente não terá suas expectativas frustradas, se o desejo é o de se deleitar com o valor poético de que os *Cantos argonáuticos* se revestem.

Retomemos, por fim, a pergunta inicial: em que reside o encantamento de se ler, hoje, no século XXI, a tradução de um texto épico escrito em latim há quase 20 séculos, que revisita e reescreve mitos e lendas de heróis gregos, quase tão distantes do século I quanto agora o é de nosso tempo o texto original da tradução

que aqui se apresenta? No canto está o encantamento, a recompensa, o prêmio do leitor que se decide por singrar *prima freta*, que se tornam *pervia* pelas mãos seguras de um tradutor que ousou não permitir que o canto épico se perdesse na sintaxe e nas escolhas lexicais.

Doutora Sandra Maria Gualberto Bianchet
(Professora da Universidade Federal de Minas Gerais)

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Quando Gaio Valério Flaco, no último quartel do século I d.C., compôs seus *Cantos Argonáuticos*, a política imperial romana vivia tempos de restauração. Isso porque toda a estabilidade e a grandeza alcançadas no paradigmático principado de Otávio Augusto – o grande fundador do Império Romano –, haviam sido comprometidas pelos desastrosos atos praticados por uma seqüência de controversos e turbulentos Césares. Tal como aparece na corrente dominante da historiografia da época, às muitas qualidades do primeiro *Princeps*, sucederam a brutal tirania de Tibério, a loucura desvairada de Calígula, a burocrática tibieza de Cláudio, a vaidade histriônica de Nero e a sangrentas e malfadadas disputas entre os apoiadores de Galba, Otão e Vitélio. Por isso, em 69 d.C., quando o velho general Vespasiano, vencedor das guerras da Judeia, foi finalmente aclamado imperador de Roma pelos exércitos do Oriente, sua mais urgente tarefa foi a de buscar restaurar a solidez das instituições de poder e a estabilidade sócio-econômica conhecidas pelos romanos nos anos do começo do Império. Teve, então, início um vasto programa de reconstrução dos templos dedicados aos antigos imperadores divinizados; de edificação de monumentos comemorativos às vitórias dos novos soberanos; de produção de faustosos triunfos em honra

das conquistas bélicas dos generais e de suas tropas, sob o comando simbólico dos imperadores; de reemissão de moedas com a efígie dos príncipes anteriores, mas com inscrições atualizadas, a fim de ligar a imagem dos novos detentores da dignidade imperial à dos antigos descendentes dos Júlio-Cláudios. Afinal, como a nova dinastia – a de Vespasiano, Tito e Domiciano: os Imperadores Flávios – não provinha de antepassados ilustres, necessitava de afirmar, com insistente veemência, seus próprios méritos e suas pretensas virtudes.

Nesse esforço propagandístico de enaltecimento e legitimação da nova linhagem dinástica, também a literatura ocupou papel relevante. Mais uma vez, em recorrência ao período do Divino Augusto – quando os poetas dos círculos de Mecenas e de Polião levaram ao apogeu as letras latinas –, e com o deliberado intuito de se rechaçarem as inovações e tendências ao exagero e à dramaticidade patética valorizadas pela literatura produzida entre os governos de Tibério e de Nero, houve por parte dos literatos a tentativa de retorno às formas e aos modelos já consagrados como clássicos no cânone literário de então.

De fato, essa profunda alteração no estilo da produção artística e literária decorreu principalmente da política cultural dos novos *principes*. Graças aos incentivos de Vespasiano¹, foi retomada a colaboração entre os intelectuais e o Regime Imperial – tão significativa durante o principado de Augusto. Ademais, com o início do governo de Domiciano, regressaram os

¹ Suet. *Ves.* 18-19.

mecenatos imperiais e privados, com o conseqüente relançamento de abundante produção literária. No entanto, o rígido controle imperial dos Flávios não só da literatura, mas de toda a propaganda do período, cooptou e direcionou esses escritores, que passaram a produzir, sobretudo, panegíricos adulatórios ao Imperador. Lançaram-se, então, as poesias laudatórias e de circunstância, com conteúdo expresso encomiasta, sob a inspiração emulatória de Virgílio, que celebrara a grandiosidade de Roma e de Augusto no canto épico de sua *Eneida*.

Retomando, pois, a tradição da poesia épica latina, cujo teor ideológico patriótico remontava às manifestações arcaicas do gênero, Valério Flaco compôs os *Cantos Argonáuticos*. Escrito inicialmente para celebrar os feitos navais de Vespasiano, que durante o principado de Cláudio realizara a façanha marinheira de participar da expedição que contornara pela primeira vez o mar da Caledônia – atual Escócia –, o poema épico tinha por tema a mítica viagem inaugural da nau Argo, o primeiro navio a singrar o mar até então desconhecido.

Eis seu argumento: Jasão, o jovem e sempre garboso príncipe de Iolcos, compelido pelo tio Pélias que temia sua crescente fama, partiu para a maior aventura até então realizada pelo gênero humano – a abertura dos mares à navegação. Contudo, ele não o fez sozinho. Sob a proteção das deusas Juno e Minerva, acompanhavam-no os maiores e mais afamados heróis da Hélade, desde os divinos Hércules, Orfeu e os Dioscuros, até os pais dos combatentes de Tróia e os participantes da célebre

caçada ao javali da Caledônia. Embarcados na sagrada nau Argo, construída por inspiração direta de Minerva com as proféticas madeiras falantes do monte Dodona e do monte Pélio, os intrépidos jovens partiram em busca do Velocino de Ouro, o precioso pelame metálico do carneiro forjado por Vulcano para transportar ao Oriente, em fuga pelo mar, Hele e Frixo, os parentes de Jasão que foram perseguidos pela cruel madrasta Ino. No entanto, como a intenção do rei Pélias ao mandar Jasão ao mar não era a de aumentar a glória do sobrinho, mas de causar-lhe a morte, incontáveis foram os perigos a que se sujeitaram os audazes marinheiros antes de alcançarem a remota Cólquida – a distante terra no levante que acolhera Frixo – e de conseguirem, finalmente, o Tosão de Ouro. Assim, nas escalas da navegação, os argonautas enfrentaram perigos e desafios, fortalecendo suas têmperas e afirmando-se como valorosos heróis. Então, na ilha de Lemnos, eles fecundaram as viúvas assassinas dos maridos; em Tróia, Hércules libertou a virgem Hesíone e matou o cruento monstro que aterrorizava a cidade de altas muralhas; por sua vez, no reino de Cízico, os corajosos varões lutaram, posto que em infausta luta, com denodo e valentia, espalhando mortes e desgraças, como instrumento de vingança da divina Cibele; já na Bebrícia, o ágil Pólux venceu o gigante Âmico no pugilato, derrotando, assim, o terrível e feroz filho de Netuno; por seu turno, junto ao cego adivinho Fineu, os alados filhos do deus Bóreas caçaram as Harpias, afastando, por conseguinte, a terrível pena imposta por Júpiter ao vate por ter desvelado aos

homens seus desígnios; e, finalmente, na entrada do mar Euxino, os indômitos nautas passaram por entre os terríveis e, até então, intransponíveis rochedos moventes, abrindo, com tal ato, o mar às navegações. Só então os argonautas puderam atingir, na foz do rio Fase, a tão almejada Cólquida, governada por Eetes, o filho do Sol. Então, diante do rei, Jasão, sob a proteção das sagradas regras de hospitalidade, pediu-lhe que lhe entregasse o Velocino de Ouro, considerado pelo povo o talismã máximo daquele reino. Em razão daquele pedido, Eetes, irado e impedido de matar os jovens gregos pelos sacros deveres de anfitrião, viu-se constringido a concordar com a solicitação do herói, impondo, contudo, a condição de que antes Jasão e os argonautas lutassem ao lado das tropas reais na guerra contra Perses, irmão de Eetes, confiado em que os nobres gregos não sobreviveriam aos aguerridos combates. Por isso, comandando mais uma vez o contingente dos argonautas, Jasão enfrentou bravamente o campo de batalha e proporcionou ao rei dos Colcos a vitória na guerra, merecendo, por isso, pela primeira vez, o prêmio prometido – o Tosão. No entanto, Eetes, atemorizado pelos vaticínios contrários à entrega do pelame, apesar de suas promessas, não lho concedeu; pelo contrário, impôs ao jovem herói novas e difícilimas provas – provas que apenas ele mesmo conseguira realizar nos dias de sua juventude: jungir os touros de pés de bronze que vomitavam fogo; arar com eles o campo de Marte; semear com os dentes da serpente de Cadmo as messes lavradas; e derrotar os guerreiros de pedra surgidos das lavras, que deveriam ser mortos

antes do final de um dia. Entretanto, o pérfido rei não contava com o auxílio que sua jovem filha, a feiticeira Medeia, proporcionaria ao herói marinheiro. Esta, sob os influxos da paixão despertada por Juno com os artifícios emprestados por Vênus, apegara-se violentamente ao capitão dos argonautas, de tal modo que seu pudor e seus deveres filiais foram suplantados pela infeliz paixão pelo formoso Jasão. Ela, então, sob o império do épico amor deletério, concedeu ao herói os sortilégios que o protegeriam do fogo soprado pelos touros mágicos, e um elmo divino – o Elmo da Discórdia – que, lançado entre os guerreiros de pedra, os faria lutar entre si até a morte. Em troca, mesmo sem qualquer pedido da princesa bárbara, Jasão prometeu-lhe o casamento e uma nova vida na Grécia. Por isso, protegido pelos feitiços da jovem maga, o herói venceu com galhardia todas as provas. Mas mais uma vez Eetes lhe entregou os justos prêmios. Jasão, por isso, com nova ajuda de Medeia, conseguiu, às ocultas, furtar o pelame, mas não sem antes ver a princesa colca fazer adormecer, para prejuízo de seu pai, de seu reino e de sua virtude, a imensa serpente guardiã do rico velocino. De posse, enfim, do prêmio tantas vezes prometido e negado, Jasão partiu de volta para Iolcos, levando consigo a donzela, com quem ele se casaria sob o beneplácito dos companheiros, e com quem consumaria as núpcias sobre o pelame dourado. Perseguiu-os, todavia, Absirto, meio-irmão de Medeia, mandado pelo rei seu pai para levar de volta à Cólquida o velocino e a feiticeira. Contudo, as deusas protetoras da expedição provocaram uma terrível tempestade, que

desbaratou praticamente toda a frota comandada pelo príncipe bárbaro. No entanto, Absirto, que sobrevivera à tormenta, sitiou os argonautas, que passaram, daí, a hostilizar Medeia e a desprezar o pacto celebrado entre ela e Jasão. Este, por seu turno, constrangido pelos sócios decidiu, a despeito de todas as suas juras, devolver a jovem princesa ao irmão, levando-a a queixar-se com ele de sua ingratidão, pouco antes do término abrupto do poema, a poucos versos de seu esperado desfecho.

Tratava-se, contudo, de uma temática bastante conhecida na Antigüidade, uma vez que menções ao mito dos argonautas podem ser achadas já nos cantos homéricos². Além disso, as referências à primeira saga náutica são também encontradas em Hesíodo³, Píndaro⁴, Eurípidés⁵, Teócrito⁶, Apolônio de Rodes⁷, Ênio⁸ e Ovídio⁹, além de em uma miríade de outros escritores cujas obras encontram-se na atualidade demasiadamente fragmentadas ou perdidas. No entanto, apesar de tamanha fortuna poética do mito, Valério Flaco conseguiu conferir à narrativa uma certa dose de originalidade, ao adaptar a velha temática grega a feições e valores típicos latinos.

Quanto à vida de Gaio Valério Flaco, o único registro confiável acerca dele, proveniente ainda da

² Hom. *Il.* 8, 467-469; Hom. *Od.* 9. 253-259; Hom. *Od.* 13. 55-82.

³ Hes. *Th.* 956-962; 992-1002.

⁴ Pind. *P.* 4.

⁵ Eur. *Med*

⁶ Theoc. 13; 22.

⁷ Apollon. 3; 4.

⁸ Enn. *Scen.*

⁹ Ov. *Ep.* 6 e 12; Ov. *Met.* 7; Ov. *Medeia* (hoje perdida).

Antigüidade, foi transmitido por Quintiliano no breve lamento deixado em razão de sua morte – *multum in Valerio Flacco nuper amisimus*: “Há pouco, muito perdemos com Valério Flaco¹⁰”. Trata-se, certamente, de uma singela nota, mas que foi capaz de fornecer à história da literatura a exclusiva indicação da data limite do presumível encerramento da composição do poema, definida pelo ano de 95 d.C., quando da publicação da obra de Quintiliano. As demais informações sobre a vida do poeta foram extraídas, com todos os riscos de imprecisão daí decorrentes, da obra do próprio escritor e de precárias anotações deixadas nos manuscritos medievais que transmitiram seu texto. Graças a um desses manuscritos – o Códice Vaticano 3277, do século IX –, pretendeu-se adicionar aos nomes do poeta referidos por Quintiliano os epítetos de *Setinus Balbus*, em pretensa e frágil indicação ao local de seu nascimento – a região da Sécia, na Campânia. Por outro lado, pela leitura do proêmio dos *Cantos Argonáuticos* (1, 5-6) e pelo consenso dos estudiosos, concluiu-se que Flaco fora um dos *quindecimviri sacris faciundis* – um dos quinze sacerdotes a serviço de Apolo, responsáveis pela guarda e pela consulta dos Livros Sibílicos¹¹, ou seja, um dos exclusivos intérpretes em momentos de crise ou de aparecimento de prodígios, demandados apenas pelo Senado, dos sagrados livros que conteriam os vaticínios e os rituais concernentes aos destinos de Roma.

¹⁰ Quint. *Inst.* 10. 1. 90

¹¹ Liv. 7.27; 21. 62; 31.12.

Por seu turno, se para a data de conclusão, ou de interrupção, do poema o texto de Quintiliano forneceu seu *terminus ad quem*, foram mais uma vez os próprios versos de Valério Flaco que deram indicações da data de início, ou pelo menos do período de produção dos *Cantos Argonáuticos*: a invocação a Vespasiano (1, 7-12); a referência à destruição de Jerusalém, no ano 70 (1, 13); a homenagem às pretensões literárias de Domiciano (1, 12); a instituição do culto divino a Vespasiano (1, 15); a erupção do Vesúvio, em 24 de agosto de 79 (3, 207-208; 4, 507 e ss.), e as esparsas indicações acerca da campanha de Domiciano contra os Sármatas, no ano de 89 d.C.

Quanto ao *corpus* do poema propriamente dito, embora haja evidências de sua veiculação parcial em coletâneas e florilégios medievais, seu texto integral – ou aquele que alcançou a modernidade – apenas foi descoberto em 1416, no mosteiro de Sanctus Gallus, na Suíça, pelo humanista florentino Poggio Bracciolini, que o transcreveu e o pôs em circulação treze anos mais tarde. Tratava-se de um conjunto, hoje perdido, de 5.592 versos hexâmetros, dispostos em oito cantos, interrompidos bruscamente antes da conclusão da narrativa poética. Essa incompletude do texto, por sua vez, ocasionou acirrados debates que buscaram inferir a provável extensão original do poema – se composto por oito cantos, em estreita correlação com os quatro cantos dos *Argonautica* de Apolônio de Rodes, ou, por outra, se composto por doze cantos, aos moldes da *Eneida*, de Virgílio. Apesar das óbvias incertezas quanto ao tema, a

opinião majoritária atual faz crer que o poema flaquiano devesse contar apenas com os oito cantos atuais; e que a parte faltante, estimada em 300 versos, a julgar pela média dos demais cantos, em vez de ter se perdido, talvez mesmo nunca tenha sido escrita.

Quanto ao poema em si, em uma interpretação que privilegia a hipótese de sua extensão original em oito cantos – em paralelo estrutural com a divisão em duas metades da *Eneida*, segundo a qual a primeira parte do poema de Virgílio corresponderia à viagem formadora do herói; e a segunda, ao canto de seus feitos – também os *Cantos Argonáuticos* apresentam-se, no seu atual estado de conservação, cindidos em duas grandes seções: a viagem dos argonautas, nos seus primeiros quatro cantos, e os feitos de Jasão na Cólquida, nos quarto derradeiros. Na porção inicial, concorreram todos os marinheiros, em episódios de curtas aventuras, por meio das quais foram provadas e enaltecidas suas virtudes; na metade final, após um grande combate em que tanto os heróis quanto seu capitão exerceram suas qualidades já comprovadas, seguiu-se a gesta de Jasão, capaz de angariar os favores de Medeia e de cumprir os difíceis trabalhos lhe impostos pelo tirânico e pérfido Eetes.

Já quanto à estrutura poética da obra, Valério Flaco seguiu praticamente todos os paradigmas do canto épico. Estão presentes os elementos característicos do exórdio (proposição e invocação), os catálogos dos heróis, a cena da tempestade, o completo aparato divino, inclusive com as desavenças entre as divindades

(Juno, Minerva e Vênus, como deusas favoráveis; Sol e Marte, como deuses opositores), e mesmo uma cena de vaticínio que, embora não seja uma verdadeira descida aos infernos, prediz os eventos futuros, em nova recorrência ao encontro de Enéas e Anquises no Orco. No que concerne aos deuses, estes foram tratados, sobretudo, de modo decorativo, respondendo à feição racionalista da época; no entanto, mantiveram seu poder alegórico, notadamente Júpiter, para anunciar a grandeza de Roma e de seu Império.

Quanto ao herói das *Argonautica*, este se revelou herdeiro inequívoco de toda a tradição épica. Êmulo aguerrido de seus pares literários, ele conseguiu suplantá-los, a ressaltar as qualidades de cada um daqueles, e a rechaçar seus defeitos, aquilatados no tempo dos Flávios. Por isso, como os guerreiros da *Ilíada* e como o Enéas latino, o Jasão flaquiano mostrou-se indômito combatente, capaz de enfrentar as batalhas e de existir em uma sociedade predominantemente bélica e castrense, como a romana imperial; por outro lado, como o herói da *Odisseia*, o capitão dos Argonautas alcançaria sua glória e fama a partir da realização de ingentes trabalhos, em uma valorização inequívoca da *patientia*, ou melhor, da capacidade de padecimento ou de tolerância perante os sofrimentos tipicamente romana; contudo, outra vez como Enéas, Jasão ainda se revelou pio e reverente, como o deveria ser o cidadão ideal do Império formado por Augusto; finalmente, como o Jasão helenístico, o herói latino fez-se diplomático e sedutor, em uma adequação precisa e necessária aos tempos cosmopolitas do final do

século I d.C., quando Roma, à semelhança do império de Alexandre, atingia sua máxima abrangência.

Por seu turno, o canto de Valério Flaco apresenta ainda outra característica fundamental – desta vez, para sua leitura no original latino. Trata-se de sua característica declamatória, como, de resto, de boa parte da literatura pós-*virgiliana*. As *declamationes* tão típicas do período de Tibério, de Cláudio e de Nero – a julgar pelos relatos de Suetônio e de Quintiliano – haviam impregnado o gosto literário latino, de tal sorte que os efeitos grandiosos, os aparatos artificiais e as intensidades apaixonadas caracterizaram boa parte da produção poética da época. Assim, o texto *flaquiano* exige uma atenção especial no que se refere ao ritmo da declamação, de tal maneira que o sentido do verso apenas se desvela se forem respeitadas as rigorosas e intrincadas normas de prosódia latina. Sob a cadência do hexâmetro e com a atenção mantida nas cesuras do verso original, o sentido se patenteia sem qualquer entrave. Por esse motivo, justifica-se a presente opção tradutória, feita, a partir do texto estabelecido por Ehlers na edição alemã da *Bibliotheca Teubneriana*, executada em versos dodecassílabos pela primeira vez em língua portuguesa, os quais permitem, apesar da impossibilidade de restauração do ritmo latino, a repetição, no português, de um passo heróico e grandioso, como aquele intentado por Flaco nos mais de 5.500 versos de sua obra. Por outro lado, a opção preferencial pelo uso da forma variante rítmica ternária dos versos dodecassílabos (4x4x4) permitiu a adequação da brevidade do canto latino ao português, ao admitir três seções de ideias no

interior de um único verso, como, também de forma majoritária, foi a opção de Valério Flaco.

Por fim, agradeço muito pela generosidade dos meus orientadores, a Doutora Sandra Bianchet e o Doutor Carlos Ascenso André, responsáveis diretos pela conclusão dos meus mestrados pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, no Brasil, e pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal. Foi graças a eles que esta tradução realizou-se. Agradeço também ao Doutor Francisco de Oliveira pelas muitas sugestões, sempre acolhidas, para a melhoria, correção e clareza do texto final; e ao Doutor Delfim Leão, cujo ânimo incansável e o vigor intelectual tanto têm contribuído para a integração dos Estudos Clássicos desenvolvidos nos diversos países lusófonos. Finalmente, agradeço com máximo entusiasmo ao Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra que, por intermédio de sua entidade publicadora, fez concreta não apenas a divulgação desta proposta de tradução, mas sobretudo pela iniciativa e pela coragem de patrocinar a formação da coleção *Classica Digitalia*.

(Página deixada propositadamente em branco)

CANTOS ARGONÁUTICOS

ARGONAUTICA

(Página deixada propositadamente em branco)

Do povo eleva-me, ó Pai Santo, e da brumosa 10
 Terra, e auxilia-me a cantar as venerandas
 Façanhas dos heróis. A queda da Idumeia¹¹
 Teu filho mostra¹², pois que o pode, e o irmão feroz¹³,
 Negro de pó, tochas lançando às torres Sólimas¹⁴.
 Culto divino a ti, e um templo à tua gente¹⁵, 15
 Prestará ele quando, ó pai, no céu brilhares
 E à tíria nau não for a Ursa melhor norte,
 Nem pelo mestre grego a Barca¹⁶ mais marcada.
 Se assinalares, a Fenícia, a Grécia e o Nilo
 Darão suas naus ao mar. Ó Sereno, a iniciar 20
 Me ordena, e que esta voz encha as urbes latinas.
 Pélias regia a Hemônia¹⁷ desde os primos anos –
 Temor dos povos, grave e longo. O Jônio¹⁸ buscam
 Todos os rios que eram seus. O Hémon e o Ótris
 Fértil arava, e o pé do Olimpo¹⁹, mas sem paz 25
 Na alma assustada por divinas ameaças
 E pelo filho do irmão: que este seria
 O fim do rei os vates cantam. Maus presságios
 No altar repetem-se; e do herói a fama aumenta –

¹¹ Jerusalém.

¹² Domiciano, que teria escrito um poema sobre a tomada da Judeia.

¹³ Tito, participante da Guerra da Judeia.

¹⁴ De Jerusalém.

¹⁵ Referência ao *Templum Gentis Flaviae*, construído por Domiciano.

¹⁶ Ursa e Barca: constelações usadas pelos marinheiros para navegação.

¹⁷ Tessália.

¹⁸ Mar da Jônia.

¹⁹ Ótris, Hemon e Olimpo: montes da Tessália.

Ao rei, porém, essas virtudes não agradam. 30
 Ele decide, então, findar o herói e o medo
 E imagina a ocasião e o modo de o fazer.
 Porém, não vê nas vilas gregas guerra ou monstros:
 Já com a clenaia boca²⁰ o Alcides cobre as têmporas,
 Da lérnea hidra, há muito, a Arcádia é protegida 35
 E de ambos touros já quebrados são os chifres²¹.
 Tem por melhor a ira e os riscos do oceano.
 Então, fitando-o com tranqüila face, manso,
 O alcança; e dá aos fictos ditos peso e vulto:
 “Anui por mim com esta empresa, que é mais bela 40
 que as dos antigos. Sabes como o creteu Frixo²² –
 Sangue nosso – fugiu dos altares do pai.
 O fero Eetes²³, que cultivava a Cítia e o Fase
 Enregelado – ó horror p’r’o Sol! –, matou o hóspede
 Entre os ritos da ceia, ante a atônita mesa,
 Não lembrado de nós ou do deus. Não só a núncia
 Fama o diz: lamentando a seva sorte, ao jovem
 Eu mesmo vejo quando o tardo sono prende-me
 O corpo exausto. A sombra dele, com ais constantes,
 Ao deus do Mar e a Hele chama. Se me houvesse 50
 A antiga força, então verias tu já a Cólquida
 Penar e, aqui, do rei as armas e a cabeça.
 O meu ardor perdeu-se há anos e o meu filho
 Não inda é pronto para o mando, a guerra ou o mar.

²⁰ A cabeça do Leão de Nemeia.

²¹ O touro de Creta, domado por Hércules, e o Minotauro, morto por Teseu.

²² Filho de Atamante, que foi transportado, com a irmã Hele, ao Oriente sobre o Carneiro de Ouro.

²³ Rei da Cólquida.

Tu, em quem vigoram já inquietudes varonis, 55
 Vai, Honra, e o velo²⁴ do carneiro de Nefele
 Ao altar grego traz – sê digno dos perigos!”
 Assim o exorta, ou mais, lhe ordena; este, valente,
 Calou-se. As Ciâneas no mar cítico se chocarem
 Não sabe, e ser guardado o velo pela serpe 60
 Que as línguas vibra, a quem com cantos e oferendas
 Chamava templo afora a filha régia e dava-lhe,
 Com os venenos estrangeiros, verde mel.
 Logo mostrou-se o dolo mudo e não cuidar
 Do velo o rei, mas de o²⁵ lançar por ódio ao mar. 65
 Segue buscando por qual arte aos colcos chegou:
 Queria de Perseu as sandálias aladas
 Ou o carro e as cobras que guiava, qual se crê,
 Quem²⁶ com o arado encheu as terras não sabidas
 De Ceres e, co’o trigo, o carvalho danou. 70
 Que faz? Ou chame o débil povo hostil ao velho
 Tirano e os nobres que de Éson se apiedaram,
 Ou, fiado em Juno e na armissonante Palas,
 Não mais espere e enfrente o mar, se alguma fama
 Pode surgir, domado o ponto, de tais feitos. 75
 Só tu inflamas, Glória, os ânimos e a mente;
 Verdes te vêem e imune ao tempo, firme às margens
 Do Fase, aos jovens a chamar. Enfim, o culto
 O incerto n’alma e o coração confuso firma.
 Erguendo aos céus as pias mãos: “Ó onipotente 80

²⁴ O Velo, ou o Tosão, ou o Velocino de Ouro: o pelame do Carneiro de Ouro, forjado por Vulcano.

²⁵ A Jasão.

²⁶ Triptólemo, inventor da agricultura.

Rainha”, diz, “ - que, quando, túrbido, no escuro
 Céu, Jove sacudira a negra tempestade,
 Eu carreguei pelo Enipeu²⁷, da chuva inchado,
 Segura aos campos, e não pude crer-te deusa
 Até que, co’o trovão e o raio, reclamou-te 85
 O esposo, e vi-te presa por súbito medo -,
 A Cítia e o Fase dá-me! E tu, inuba Palas,
 Salva-me! O velo ao vosso templo ofertarei;
 Dará meu pai ao fogo vítimas com áureos
 Chifres, e cingirão o altar as níveas reses”. 90
 Pelo ar as deusas o escutaram e, num arrojo
 Tomaram rumos diferentes: a Tritônia
 Ao muro téspio, ao caro Argo, desce rápida.
 Construir a nau lhe ordena e, a ferros, deitar árvores;
 Às pélias²⁸ sombras o acompanha. Espalha Juno 95
 Por macedônicas e argólicas cidades
 Que Jasão desafia inexplorados ventos,
 Que a nau é pronta e que, soberba pelos remos,
 Busca a quem leve e exalte os feitos pelos séculos.
 Anseiam todos: capitães, co’ a fama em guerras 100
 Já comprovada, e os que na flor da juventude
 Não têm ainda obras muitas que os recordem.
 Os que nos campos e no inócuo arado esforçam-se
 Os estimulam. Pelos bosques e caminhos,
 À luz do dia é a nau levada; cantam faunos, 105
 Deusas da selva e os ribeirões de altivos cornos.
 Da ináquia Argos o Tiríntio²⁹ logo acorre

²⁷ Rio da Tessália.

²⁸ Do monte Pélio, situado na Tessália.

²⁹ Hércules.

Cujos arco e as flechas inflamadas por veneno
 Arcádio o jovem Hílas leva aos ombros ledos –
 Quisera a clava, mas a mão ainda não era 110
 Capaz do peso. Irada Juno os segue e as queixas
 Costumeiras repete: “Oxalá a juventude
 Grega não se lançasse à honra pelos feitos,
 Ou que estes por nosso Eristeu³⁰ fossem mandados.
 Tormentas, trevas, cruel tridente e, há muito, o fogo – 115
 Embora o esposo – eu já teria arremessado.
 Quisera agora que não fosse sócio e esteio
 Do nosso barco e eu não tivesse de confiar
 No hercúleo auxílio, ou dever tanto a tal soberbo!”
 Disse e os olhos volveu para as ondas da Hemônia. 120
 Bulir-se tudo pelos homens logo viu,
 Tombada a mata e soar a praia co’ a bipene;
 Já vê o Téspíade cortar co’ a serra os pinhos,
 Bordos se unirem, se amoldarem dúcteis travas
 Em fogo lento; e Palas vergas procurando, 125
 Co’ os remos prontos, para o mastro porta-velas.
 Quando tornou-se estanque ao mar a grande nave
 E fina cera completou ocultas frestas,
 Dispôs a deusa, na pintura, honores vários:
 Aqui, esperando um deus, num peixe, Tétis vai 130
 Ao leito de Peleu; o delfim corta as águas
 E ela o monta; co’ o véu caído sobre os olhos
 Lamenta Aquiles não nascer maior que Jove.
 A seguem Doto, a irmã Panope, e alegre n’água,
 Co’ os braços nus, buscando os antros, Galateia – 135

³⁰ Rei de Micenas, que ordenou a Hércules a execução dos trabalhos.

Da praia sícula o ciclope a chama em vão³¹.
 Defronte, é o fogo, o verde leito, o pasto e os vinhos
 E o Eácida, co'a esposa, entre os deuses do mar;
 Quíron³², depois, a lira tange; noutra parte,
 No Fóloe³³, Reco³⁴, pelo muito vinho insano, 140
 E, pela virgem Hipodâmia, a luta enceta.
 Voam altares e crateras, mesa e taças,
 Lavor insigne dos antigos. Bom co'a lança,
 Peleu lá está, e Éson, feroz, co'a espada é visto;
 Mônico³⁵ traz Nestor no dorso, a contragosto; 145
 Com brasas Clânis³⁶ a Átor segue; Nesso foge
 Num corcel negro. Reclinado entre tapetes,
 No ouro vazio, Hipasso esconde sua cabeça.
 Embora o Esônide se espante co'os prodígios,
 Consigo diz: “Pobres de pais e filhos nossos! 150
 Enviados somos – almas mansas – neste barco
 Contra as sombras? O mar acossa só o Esônide?
 Não levarei o moço Acasto³⁷ aos mesmos riscos
 E perigos? Que um mar seguro à odiosa nau
 Escolha Pélias e, co'as mães, às ondas rogue”. 155
 Assim pensando, pela esquerda, a jóvea armígera
 Vem no ar e traz um anho preso às fortes garras³⁸.

³¹ Alusão aos amores de Polifemo e Galateia. Cf. *Ov. Met.* 13.750 e ss.

³² Centauro, filho de Saturno, instrutor de Aquiles e de Jasão.

³³ Monte da Tessália.

³⁴ Um dos Centauros, envolvidos na luta por Hipodamia.

³⁵ Centauro.

³⁶ Centauro, que matou Peleu.

³⁷ Filho de Pélias e primo de Jasão.

³⁸ Sinal de bom presságio.

Dos redis seguem-na os pastores com clamor;
 Ladrar de cães! A agitação ocupa os ares,
 Foge a raptora sobre o mar do Egeu profundo. 160
 O Esônio o augúrio colhe e busca, alegre, a casa
 Do altivo Pélias. Para ele acorre então,
 Do rei o filho, unindo os peitos fraternais.
 “Qual crês, não venho, Acasto”, diz o capitão,
 “Co’ indignas súplicas. Juntar-te à expedição 165
 Intento, pois nem Telamon, Idas ou Canto,
 Ou Cástor julgo ser mais digno do tosão!
 Ah, quanta terra, quanto céu ver poderemos!
 A quantos usos abriremos o oceano!
 Talvez pesada a empresa creias, porém leve 170
 Ao meu retorno, quando a nau me traga a Iolcos.
 Mas que vergonha a tua ouvindo nossos feitos!
 E a teus suspiros contarei de tantas gentes!”
 Acasto mais não deixa: “Basta, que estou pronto
 P’ra ir aonde chames. Fraco não me julgues, 175
 Ou que confio, mais que em ti, no pátrio império:
 Ao teu comando, as primas honras buscarei –
 Se me deres crescer co’a fama tua. Assim,
 Para que o zelo de meu pai, por medo imenso,
 Não me impeça, eu o enganarei e chegarei 180
 Súbito quando pronta nau deixar a praia”.
 Disse, e aquele, alegre, tais promessas na alma
 Acolhe e volve ao litoral os passos ávidos.
 Do chefe às ordens e ao aviso, os Míneas juntos
 O barco aos ombros sobem; joelho tenso adiante, 185
 Andam e entram no mar. Não faltaram os brados

Aos ofegantes nautas, nem Orfeu co'a lira.
 Então, alegres, aras erguem. Rei das águas,
 Grande honra a ti! Na praia, Anceu a Glauco, aos Zéfiros
 E a ti um boi, de azul fitado, e uma novilha 190
 A Tétis imolou. Ninguém melhor que ele
 Para cortar, co'a acha letal, as gordas nucas.
 Libando três vezes a gávea ao pai das águas,
 O Esônio: “Tu, que co'um aceno o espúmeo reino
 Abalas; que co'o mar envolves todas terras, 195
 Perdoa! Sei que único sou de toda a gente
 A tentar rotas e a borrascas merecer:
 Não por vontade vou, nem busco juntar montes
 Ou provocar do Olimpo o raio. Que não te movam
 Votos de Pélias – que com más ordens espera 200
 Mandar-me aos colcos e dos meus causar a dor.
 Então, que aceites em tuas ondas não iradas
 Tal capitão e a tripulada nau por reis”.
 Falando assim, co'a libação engrossa a chama.
 Quando, a lutar na densa entranha, alteou o fogo 205
 As línguas e saltou nas palpitantes vísceras,
 Na praia, o sacro Mopso, pelo deus tomado,
 Brande, terrível, no ar as fitas, a arrepiada
 Coma e o laurel. A voz horrenda, finalmente,
 Aos homens dá-se. Faz-se, ao vate, então, silêncio: 210
 “Que vejo? Pela nossa audácia atraído, há pouco,
 Netuno chama os áqueos deuses a um concílio.
 Todos exortam-no a fremir e a defender
 A Lei. Assim, num abraço, ó Juno, enlaça o irmão,
 E tu, Palas, a nau não abandones: ora 215

Do tio³⁹ afasta as ameaças. Quieta o mar
 E ao barco aceita! A quantos riscos sou levado!
 Por que com um véu súbito cobrem-se os cabelos
 Do belo Hílas? De onde vem a urna aos ombros
 E a escura veste aos níveos membros? E estas chagas, 220
 Pólux? Ah, quanto fogo sai das táureas ventas.
 Dos sulcos todos brotam lanças e escudos
 E braços mais. Que guerra eu vejo junto ao vela?
 Plena de morte, quem co'as serpes corta os ares?
 Co'a espada os fere? Pobre Esônide, aos pequenos 225
 Salva! Diviso arder o leito conjugal!"
 E muito o vate aterra os Míneas co'os enigmas,
 Ídmon, porém, o fêbeo, enfim sem medo aos homens,
 Nada espantoso, sem a coma desgrenhada,
 Possuído pelo Fado e a quietude de Febo – 230
 A quem o pai deu antever todos oráculos
 Caso, de perto, visse a chama, as pingues vísceras
 Ou o céu, de vôos certos cheio. Assim cantou
 A Mopso e aos nautas: "Quanto Apolo e a prima flama
 Ensinam, vejo u'a rota plena de labores, 235
 Porém a nau que, suportando, tudo vence.
 Perseverai, heróis, volvei ao doce abraço
 De vossos pais!" Caíram lágrimas do vate
 Que viu p'ra si, nas chamas, Argos proibida.
 Tão logo o dito, o capitão assim ajunta: 240
 "Já que dos deuses os desígnios vedes, homens,
 E que esperança grande é dada a esta empresa,
 Trazei convosco a força e os ânimos paternos.

³⁹ Palas é filha de Júpiter e sobrinha de Netuno.

Não culparei as impiedades do tirano
 Ou seus ardis: ordena-o o deus com bons presságios. 245
 O próprio Jove quis o comércio no mundo
 E misturar tantos trabalhos dos humanos.
 Parti comigo, heróis! Vencei nas incertezas
 O que lembrar nos faça, e anime nossos netos.
 Passai na praia, alegres sócios, em folguedos 250
 E doces falas esta noite, que já chega!”
 É feito. Os jovens na macia alga se deitam
 E o Tiríntio, no leito. As vísceras tiradas
 Do espeto e Ceres os escravos distribuíram.
 Chegava Quíron, a correr desde o alto cume; 255
 Mostrava Aquiles, que chamava o pai ao longe.
 Quando o menino viu Peleu com um grande passo
 À conhecida voz os braços estendendo,
 Saltou e, longamente, abraçou-lhe a cerviz.
 Não lhe atrai nem a taça espumante de forte 260
 Baco, nem marcas admiráveis no metal
 Antigo: encanta-se entre os homens, ouve-os muito
 Jactantes; do leão hercúleo a pele arrasta.
 Então, feliz, o filho ao colo Peleu beija
 E diz, olhando o céu: “Se em brando mar quiserdes 265
 Que Peleu singre e escolha os ventos favoráveis,
 Deuses, cuidai deste menino! E Quíron, tu,
 Dá-me mais. Pasma-o, guerra e trompas lhe contando;
 Que ao teu ensino, leve armas pueris
 Qual caçador e, às nossas lanças, se apressure!” 270
 O ardor da rota a todos se une; e em grande anseio
 Querem zarpar. Se lhes promete o velo fríxio

E que Argo voltará, por ouro recoberta.
 O sol se põe e junto ao ledos Míneas⁴⁰, ondas
 O dia levam. Pela praia curva, espalham-se 275
 Chamas que ainda não apontam terra aos nautas.
 O Trácio⁴¹, então, co'a doce lira, alonga a noite
 Cantando como ergueu-se Frixo, ornada a fronte
 Por fitas, e fugiu do altar injusto, oculto
 Em nuvens, a deixar, com Learco, Atamante⁴²; 280
 Como o áureo condutor levou-o às tristes vagas
 E como se assentou nos presos chifres Hele.
 Sete vezes a Aurora e a lua o céu correram;
 Não vista ao longe a separar-se pelo mar
 De Abido, Sesto⁴³ começara a se apartar. 285
 Ali a irmã⁴⁴, p'ra sempre célebre, do Eólido
 Caiu, e em vão foi libertada da madrasta!
 Co'as mãos cansadas ela ainda busca o úmido
 Tosão, mas onda arrasta as vestes encharcadas
 Com o peso urgente, e as mãos resvalam no ouro liso. 290
 Frixo, que dor!, pelo esto rápido abalado,
 Vendo da virgem triste as faces suplicantes,
 O fim das mãos e, sobre as águas, os cabelos!
 Já findos vinho e brinco, em quietos leitos postos,
 Silenciaram-se. Só, entre os adormecidos, 295
 Insone fica o capitão. Vígil Alcímede

⁴⁰ Os argonautas também são chamados de Míneas, porque eles descendiam das filhas de Míneas, rei de Orcómenos.

⁴¹ Orfeu.

⁴² Atamante matou o filho Learco, nascido de sua união com Ino, no lugar e Frixo, a quem a madrasta pretendia assassinar.

⁴³ Cidades da Propôntide.

⁴⁴ Hele.

E o velho Éson⁴⁵, vêm-no juntos – têm os olhos
 Rasos d'água. Jasão lhes fala com palavras
 Mansas, e o dito acalma os corações aflitos.
 Quando, vencidos pelo sono, os olhos fecham-se, 300
 Fulgente é vista a tutelar deusa da nau
 Instando o capitão: “O carvalho dodono,⁴⁶
 Servo de Jove, vês. Contigo ao mar adentro.
 Da profética mata arrancar-me a Satúrnia
 Não conseguiu sem a promessa antes do céu. 305
 O tempo chega: eia te apressa e enquanto as águas
 Singras, incerto se trará nuvens o céu,
 Já o medo afasta, em mim confiando e nos divinos”.
 Falou. E ele, a tremer, embora o bom presságio,
 Saltou do leito. Logo aos Míneas se mostrou 310
 Crispando o mar num novo dia a alma Tritônia⁴⁷.
 Aos remos correm. Uns, do mastro, vergas soltam;
 Outros, os remos na marmórea água ensaiam.
 Argos, na proa, colhe a amarra. Os ais das mães
 Crescem e os fortes corações dos pais fraquejam; 315
 Chorando estreitam-se em abraços demorados.
 Porém, de Alcímede suplanta a voz aos choros:
 Transtornada, ela tolhe os fêmeos gritos tanto
 Quanto a trompa de guerra encobre a flauta idáia.
 E diz: “Ó filho, que hás de expor-te a cruéis labores, 320

⁴⁵ Pais de Jasão.

⁴⁶ Existia em Dodona o mais antigo oráculo da Grécia. A nau Argo foi construída com um tronco provindo desse santuário, razão pela qual a embarcação tinha o dom de pronunciar profecias *nau profética*, v. 2.

⁴⁷ A Aurora.

Nos separamos, sem à sorte antes o espírito
 Se armar. Porém, por ti temia guerra e terras.
 Que se cultuem outros deuses! Se o destino
 Traz-te a mim, se por mães o mar se aplaca, sim,
 Suportar posso a luz do dia e o longo medo. 325
 Mas se a Fortuna mais prepara, ó Boa Morte,
 Dos pais te apieda, enquanto há o medo e não a dor.
 Como haveria eu de temer o velo e os Colcos?
 Que dias vejo, que vigílias de aflição!
 Ah, quantas vezes, ao bater rouco das ondas 330
 Desmaiarei, temendo o mar e o céu da Cítia,
 E não creerei em nosso estio ingrato a ti.
 Dá-me um abraço, peço, e deixa-me aos ouvidos
 Perene fala; co'a mão doce os olhos fecha-me!"
 Assim Alcímede lamenta; mas diz Éson 335
 Mais forte os animando: " Ah se meu sangue fosse
 Como era quando, co'áureo vaso, parei Fóloe
 Que me atacava com cratera não mais leve,
 Primeiro as armas eu poria na ênea popa
 E de levar a remo a nau me alegraria. 340
 Porém, valeram minhas preces, pelos deuses
 Ouvidas: vejo reis por todo nosso mar
 E que és o capitão – guiá-los e os seguir
 Eu costumava. Chegue o dia, peço a Jove,
 Em que eu te acolha, vitorioso sobre o rei 345
 E o mar da cítia, com o tosão roubado às costas;
 Em que os meus feitos aos da tua juventude
 Dêem lugar!" Assim diz. Jasão manteve a mãe
 Junto a seu peito e recebeu no abraço o pai.
 Chegava a hora. Em triste toque, a terça tuba 350

Rompera os laços que prendiam nau e Zéfiros.
 Ao banco e ao remo, cada herói seu nome empresta.
 Daqui, tem Telamon o mar à esquerda; acima
 Ocupa o Alcides o outro bordo; os demais jovens
 Partem-se. Esforça o lesto Astérion que, ao nascer, 355
 Comete, o pai perésio, o banhou na confluência
 Onde o Enipeu as forças sente do Apidano⁴⁸.
 Aqui Talau forceja e Leódoco empurra
 Do irmão as costas com seu remo: os mandou Argos.
 Depois, Ídmon se mostra, embora os maus agouros – 360
 Mas ao varão temer futuro é vergonhoso.
 Nas curvas ondas se ergue Ífito, o Naubólide.
 Paternas águas fende aqui o netúnio Eufemo
 Que a ondissonante Psamatunte⁴⁹ e o sempre aberto
 Tênaros⁵⁰ rege. Vêm da suave costa pélea, 365
 Hábil co'os dardos, Deucalião e, co'a espada, perto,
 O nobre Anfião – ao mesmo tempo os pariu Hipsos
 Que distinguir não pôde ou quis os iguais rostos.
 Tangido o peito pelo forte remo, Clímeneo
 E o irmão Íficlo a nau movem. Cara brava 370
 É o que a tuas rochas, Cefaréu, guiará os Dânaos:
 Náuplio! E Oileu que a Jove o raio não lançado
 Lamentará, batido o filho pelo Eubeu;
 Cefeu, que a Hércules, suado sob o peso
 Do monstro de Erimanto⁵¹, ajudou na tegéa 375
 Porta, e Anfidamas (posto o irmão mais velho antes
 Quis com Anceu buscar o velo). Segue Eurítion,

⁴⁸ Rio afluente do rio Enipeu.

⁴⁹ Cidade da Lacônia;

⁵⁰ Promontório da Lacônia, uma das entradas do Inferno.

⁵¹ Terceiro trabalho de Hércules.

Coberto à nuca pela coma conservada
 Que à volta o pai no altar aônio cortará.
 Também te lança de Argo a fama ao mar, Nestor 380
 Que um dia, por velas micênicas, branqueadas
 Águas contemplará e os bravos mil pilotos.
 Aqui é o vate Mopso – a fiança do pai Febo –
 De quem, caído em torno aos púnicos coturnos,
 O branco manto toca as solas, com fitado 385
 Gorro à testa e o laurel peneio no alto do elmo.
 Tideu também na hercúlea fila se levanta,
 E Periclímeno, o Nelida – a quem Metona,
 A Élis do corcel e o Aulão exposto às ondas
 Viram quebrar adversas faces com seus cestos. 390
 Também, Poiante⁵², tu, com o remo, os colcos buscas:
 Duas vezes Lemnos hás de ver, ora afamado
 Pelo dardo do pai, um dia hercúleas flechas
 Portarás. Próximo, da Ática, vem Butes
 Que cria inúmeras abelhas e, soberbo, 395
 Co' o enxame ofusca o dia quando abre as colmeias
 Plenas de mel e os reis conduz ao doce Himeto.
 Falero, o segues; com tua sina ornadas armas
 Levas: da árvore descida u'a cobra enroscada,
 Co' o dorso ardente, quatro vezes um menino 400
 E, ao longe, o pai aflito o túbio arco entesa.
 Tem Eribote armas gravadas co' outros medos.
 Peleu, nos sogros e na esposa é confiado:
 Esplende, ó Eácida, na proa a tua lança
 Que é tanto mais alta entre as outras hastes quanto 405

⁵² Filoctetes.

Sobrepujara na montanha os olmos pélios.
 No antro de Quíron, deixa seu filho o Actóride⁵³
 P'ra que, de Aquiles companheiro, junto estude
 A lira e, moço ainda, lance leves dardos
 E aprenda a cavalgar do manso mestre o dorso. 410
 Flias, de quem é vera a fama de ser filho
 De Lieu, deixou crescer do crânio as pátrias comas.
 Não teme a mãe enviar ao ponto Anceu que, grávida
 Gerou do rei do mar. Seguro n'água é Érgino –
 Também netúnia prole é dito – que as insídias 415
 Do mar conheceria, as estrelas da noite
 E o vento que Éolo libertasse dos covis –
 Não tema Tífis lhe passar da nau o mando
 E a vigia dos céus, de olhar p'ra Arcto exausto.
 Veloz Lacônio calça o duro táureo couro 420
 Com chumbo feridor para que ao vento lance
 O punho e a nau pagásia veja o oibálio aluno
 A celebrar no litoral seguro jogo;
 E com bridão tessálio o grande quebra-bocas,
 Cástor, que, enquanto ao condutor de Hele buscasse, 425
 Da amíclea⁵⁴ erva consentiu nutrir-se Cílaron⁵⁵:
 Neles igual reluz a púrpura tenária,
 Obra espetacular que a mãe, em gêmeos panos,
 Teceu: duas vezes o Taígeto e as selvas
 Bordara, e o Eurota duas vezes, co'ouro fino. 430
 Cada um leva seu cavalo de alvo fio

⁵³ Menécio, pai de Pátroclo.

⁵⁴ Âmiclas: cidade da Lacônia.

⁵⁵ Cavalo de Cástor.

E no peito dos dois revoa o pátrio cisne⁵⁶.
 Soltou-se a fíbula de tuas vestes presas
 E revelou os fortes ombros e o tamanho
 Do peitoral, ó Meleagro, igual ao de Hércules! 435
 Cilênia prole é numerosa tropa: Etálide,
 Certo ao lançar co'arco invibrátil⁵⁷ flechas rápidas;
 Eurito, bom ao ir co'o gládio em meio às hostes;
 E Équion, famoso aos Míniás pelo ofício pátrio,
 Do capitão aos povos leva os núncios ditos. 440
 Argo, que não há de voltar pelos teus braços,
 Ífis tuas cinzas deixará na cítia areia
 E chorará o quieto remo em teu assento.
 Por tal pastor felizes, dão-te os campos féreos,
 Admeto, pois em tua seara esteve preso 445
 O Délio, que matara Estéropo co'o o arco –
 Ah, quanto a irmã chorou no bosque achando o fâmulos⁵⁸
 Que do carvalho do Ossa a sombra aproveitava
 E mergulhava as tristes comas no Bebeio!
 No banco se ergue e, a remo, o mar revolve Canto 450
 A quem, no Eêio pó, tombará lança bárbara;
 No entanto o acompanha o honor do nobre escudo
 Que o pai levava: o Euripo⁵⁹ corta o áureo couro
 Com a onda, a fugir das areias da Cólquida;

⁵⁶ Júpiter se apresentou a Leda, mãe de Cástor e Pólux, sob a forma de um cisne.

⁵⁷ Porque seu arco não vibrava, mas retornava ao lugar onde a mão colocava a nova flecha.

⁵⁸ Apolo, por haver matado o ciclope que forjava os raios de Júpiter, foi condenado a converter-se em pastor e a guardar os rebanhos de Admeto, na Tessália.

⁵⁹ Estreito na Eubeia.

E, agitando os bridões dos lobos monstruosos, 455
 Surges, Netuno, no ostrífero Geresto.
 Na volta de Argo, Polifemo, a ti reserva-se
 Achar do pai os restos que ante a vila ardam
 E os servos que, em justa piedade, muito esperem
 Até que chegues. Co' o mais curto remo, o último, 460
 Idas golpeia a água e ocupa, ao longe, o banco.
 O irmão Linceu p'ra grandes feitos é guardado:
 Do Arene vindo, p'ra que possa romper terras
 E desvendar segredo estígio co' a visão;
 Mostrará terras entre as ondas ao piloto 465
 E astros à nave: ainda que Jove o céu toldasse
 Com nuvens, só Linceu as atravessaria.
 Os filhos da cecrópia Orítia⁶⁰ ficam livres –
 Zetes e o irmão – para ajustarem cordas trêmulas. 470
 E o odrísio Orfeu não é aos bancos dedicado
 Ou vence a remo o mar, porém co' o canto ensina
 Irem as pás no ritmo e n'água não lutarem.
 Do obrar dos moços e do mar Jasão libera
 Íficlo: a Fílaca⁶¹ apieda-se da idade 475
 E não o envia à faina, mas que dê conselhos,
 E inflame os homens co' as ações dos ancestrais.
 Argo, cuida da nau! As muralhas da Téspia
 Mandam-te, experto – dom de Palas. Cabe a ti
 Que, em parte alguma, o barco traga oculta água
 E unir com cera ou pez a greta aberta às ondas. 480
 Ao astro⁶² arcádio olhava o vigilante Tífis,

⁶⁰ Filha de Erecteu, mãe dos Boréadas.

⁶¹ Cidade da Tessália.

⁶² Ursa Maior.

Filho de Hágnio, que o uso de astros lhe ensinou,
 E a seguir cursos pelo mar co' o céu por guia.
 E eis que, ligeiro, por atalhos da montanha
 O capitão, feliz co'a astúcia, vê Acasto 485
 Temível com sua lança, e brilhante co' o escudo.
 Quando ele ao barco, entre os broquéis e heróis chegou,
 Partiu o Esônide co'a espada ardente as cordas.
 Qual quando o ágil caçador foge da mata
 Saqueada e apressa seu cavalo temeroso 490
 Pelo amo, que no peito aperta os tenros tigres
 Que, em dolo pávido, roubara enquanto a mãe,
 Deixada a cria, no Amano⁶³ oposto caça –
 Assim avança o barco. As mães na praia ficam –
 Seguem co' os olhos brancas velas e os escudos 495
 Batidos pelo sol, até que o mar, mais alto
 Que o mastro, e o céu imenso a nau à vista ocultam.
 Então, o pai, vendo do empíreo a grega empresa
 E começarem feitos tantos, regozija-se
 Pois não aprova do paterno⁶⁴ reino o ócio. 500
 Se alegram deuses: para si as Parcas vêem,
 Vindouro ao mundo, o tempo e as rotas dilatarem-se.
 No entanto, o Sol, o pai dos Cítios, pela afronta
 Ao filho irado, falas tais deitou do peito:
 “Sumo Criador, p'ra quem meu dia, anos a fio, 505
 Tantas vezes refaz-se e finda, é tua a vontade?
 A grega nau vai por teu nuto e condução?
 Posso irromper em justas queixas? Tal temendo,
 Ou que a meu filho alguma tropa odiosa houvesse,

⁶³ Monte da Síria.

⁶⁴ Saturno.

Não elegi as terras médias nem os campos 510
 De rica plaga (os tenham Tróia fertilíssima,
 Vossos Pelópidas e os Líbios): ocupamos
 Campos e rios que com sevo gelo oprimes.
 E ele os daria, e além iria sem honor!
 Porém, acima, há a enevuada e opaca zona 515
 Que reverbera minhas luzes! Por que a cruel
 Região? Por que o bárbaro Fase, aos outros rios,
 Ou minha prole às outras gentes incomodam?
 Por que queixar-se os Míniás podem? Ganhou Eetes
 À força o velo? Antes, deixou unir-se às tropas 520
 O fugitivo; e o não levou às aras de Ino.
 Porém, retendo-o co' o império e a mão da filha,
 Agora os netos vê, da linhagem dos gregos
 Aos quais de genros chama, e às terras de sua gente.
 Muda o rumo da nau, Pai. Com nossas feridas 525
 O mar não abras. Sabem bem da dor os bosques
 Do Pó e, ao pai vendo, as irmãs⁶⁵ que lamentavam”.
 Brame e sacode a testa o deus belipotente
 Que vê o tosão, seu dom, ameaçado. Contra
 As queixas deles gemem Palas e a Satúrnia. 530
 E o Pai: “Desígnios meus antigos, todos seguem
 Em ordem; desde o início do curso das coisas,
 Fixos mantêm-se; não havia inda na terra
 Meu sangue, quando eu dei o Fado. Com justiça,
 Assim, reis vários eu dispus por tantos séculos. 535
 Porém, repetirei as leis de meus decretos.
 Faz tempo que a região que do Euro imenso desce

⁶⁵ As filhas do Sol, que choram pela morte de Faetonte.

Ao mar de Hele e até ao Tanai é rica em potros
 E varões, contra a qual nenhuma tropa ousa
 Desafiar ou buscar nome pela guerra. 540
 Os Fados e eu favorecíamos tais plagas,
 Mas chega o sumo dia e deixamos a Ásia
 Que cai – os gregos já reclama-me seu tempo.
 A trípode, o carvalho e as almas de ancestrais
 Ao mar lançaram esta tropa. É aberta a ti, 545
 Belona⁶⁶, a via pelas ondas e tormentas.
 Nem tanto o velo indigna, ou mais aquela dor
 Pela raptada virgem, mas (sentença alguma
 Me é mais firme) virá um pastor do Ida frígio
 Que levará aos gregos ódio e iguais presentes⁶⁷, 550
 Em mútuo dom. Que guerras entre os pretendentes!
 Quantos aqueus chorando vês no inverno teucro,
 Dos deuses quantos filhos nobres! Quantas tropas
 Movendo, e a Ásia a ceder aos grandes Fados...
 Daqui se assenta o fim dos dânaos; a outros povos 555
 Depois protegerei. Abram-se montes, selvas,
 Lagos e atóis. Medo e esperança haja p'ra todos.
 Movendo postos e fronteiras, como árbitro,
 Escolherei mais largos reinos para os povos
 E, quando certo, deixarei as dadas rédeas”. 560
 Os olhos volta ao mar Egeu e, vendo a hercúlea
 Maça e os filhos de Leda⁶⁸, assim diz: “Aspirai,
 Heróis, aos astros. Coube a mim o primo reino

⁶⁶ Deusa da guerra, irmã de Marte.

⁶⁷ Referência irônica quanto ao rapto de Medeia, que seria compensado no futuro pelo rapto de Helena.

⁶⁸ Cástor e Pólux.

Após as lutas contra Jápeto e os trabalhos
 Flegreus⁶⁹. Tracei p'ra vós um rude e árduo caminho 565
 Ao céu. Assim, corrido o mundo, foi que o Líber
 E o experto Apolo regressaram”. Disse e um raio
 Lançou, a iluminar as nuvens com um grande
 Sulco pelo ar, que se fendeu próximo à nave
 E aos dois tindáridas chegou; em meio às frentes 570
 De ambos irmãos pousou tranquilo e, ao
 mesmo tempo]
 Espalhou-se uma luz purpúrea inofensiva
 Que os pobres nautas suplicar um dia iriam.
 No entanto, vendo aceita a vela em meio ao mar,
 Bóreas, feroz, do alto Pangeu, incontinenti, 575
 Se lança à Eólia e às cavernas da Tirrênia.
 Sob as asas do deus a mata toda geme,
 Os grãos se espalham; sob o vôo, o céu negreja.
 Na água trinácia, onde o Peloro foge ao longe,
 Se ergue um rochedo, horrendo ao ponto:
 o quanto eleva-se]
 No céu, o mesmo tanto, afunda-se nas ondas. 581
 Junto há outra terra – rochas e antros não menores;
 Habita aquela o nu Pirácmon e Acamante⁷⁰;
 Ventos e nuvens esta, e tromba quebra-barcos;
 Dali, ao mar profundo e às terras é a passagem; 585
 Ali, outrora, o céu e o pélagos encrespado
 Se misturavam (Éolo ainda os não regia
 Quando arrancava o Calpe à Líbia o estrangeiro

⁶⁹ Flegra: cidade da Macedônia onde teve lugar a luta entre os Gigantes e os deuses.

⁷⁰ Ciclopes ferreiros de Vulcano.

Oceano; quando a Enótria, a chorar, à Sicília
 Perdera e as ondas adentraram nos rochedos), 590
 'Té que, do céu, o Onipotente trovejou
 E aos ventos pávidos deu um rei, a quem temesse
 A seva coorte. Logo o ferro e um duplo muro,
 No monte, o Euro prendem. Quando já não pode
 Tolher os sopros, chega o rei; os claustros parte 595
 E, por querer, cessa o murmúrio abrindo a porta.
 O núncio Bóreas do alto trono o faz descer:
 “Éolo, que horror vi do Pangeu” diz. “Jovens gregos,
 Que nova máquina fizeram co’o machado,
 E alegres domam, co’um veleiro imenso, as águas. 600
 A liberdade de agitar o mar no abismo
 Não tive, preso, como estava, por correntes.
 Daí, a fiança dos varões no barco feito
 E sua audácia, pois vêem Bóreas sob um jugo.
 Dá-me afundar gregos e nau – filhos não movem-me⁷¹. 605
 Detém a ameaça enquanto é junto à orla tessália
 E as outras terras ainda não viram tais velas”.
 Rugiram todos ventos dentro; o mar pediam.
 Com retorcido furacão, a forte porta
 O Hipodate⁷² empurrou. Saem do cárcere Zéfiros 610
 E os corcéis trácios; Noto de asas cor da noite
 Co’as filhas nuvens; por tormentas desgrenhado,
 O Euro de testa amarelada pela areia.
 Trouxeram tempestade! À praia, com ribombos,
 Juntos as vagas levam; não somente agitam 615
 O reino do Tridente – o ígneo céu desaba

⁷¹ Zetes e Calais.

⁷² Éolo.

Co'um trovão. Noite, em negro céu, a tudo oprime.
 Arrancam-se das mãos os remos, guina a proa;
 Ressoantes baques, de través, sente o costado;
 A volitante vela sobre o mastro trêmulo 620
 O vento arranca. Horror aos Míncias, que fremiam
 Quando na escuridão coriscos refulgiram
 E caíram diante à nau. Adernando a bombordo,
 Co'a verga o mastro agüenta a onda que se racha.
 Ignaros pensam que a tormenta e os ventos sejam 625
 Só erguidos pelo mar; então murmuram tristes:
 “Era o que nossos pais temiam: profanarmos
 Proibidas ondas co'os calabres. Ao soltarmos
 Da praia a nau, com que estridor alteou-se o Egeu!
 Nesta água as Ciâneas⁷³ não se chocam?
 Vem-nos, pobres,]
 Mar mais triste? Deixai no pélagos a esperança, 631
 Ó da terra, e de novo afastai-vos das ondas.”
 Repetem-no, chorando em morte vil tombarem.
 O Anfitrióniade⁷⁴ vê inúteis maça e flechas.
 Apavorados, uns adeus se dizem, outros 635
 Juntam as mãos e as bocas todas se fatigam
 Em mísera visão quando, a seguir, u'a prancha
 Solta-se e a nave, pela brecha, sorve o mar.
 Aqui e ali já o Euro açoita; se atirando,
 Já ao Noto e aos Zéfíros arrasta co'estrídor. 640
 Toda água ferve quando, súbito, Netuno
 Tirou do fundo a azul cabeça: “Minha irmã

⁷³ As Simplégades, rochedos moventes localizados à entrada do Bósforo.

⁷⁴ Hércules.

E Palas”, diz, “com choro o peito me acalmando,
 Vos salvam. Mas que as fárias naus e as tírias venham!
 Lícito o creiam; verei logo pelos ventos 645
 Velas roubadas e ondas cheias de clamores.
 Nem Órion ou o feroz Touro serão, co’as Plêiades,
 Causa de nova morte. Argo, da pobre gente
 A sorte aprestas; por teu mérito já, Tífis,
 Não quererão as mães o Elísio e as almas pias.” 650
 O deus sossega o ponto e a praia perturbada;
 Expulsa o Noto que, a seguir, co’o horror escuro,
 Co’a onda de úmidas entranhas e a borrasca,
 Juntos ao mar da porta Eólia se encaminham.
 Brilhou o aberto dia; o arco limpou os céus; 655
 Nuvens voltaram para os picos das montanhas...
 Já em águas calmas se alça a nave que, do abismo,
 Nereu – o sogro – e Tétis erguem com seus braços.
 Logo Jasão co’o sacro manto os ombros cobre;
 Segura a pátera esônia que, por dom 660
 De abrigo, alegre, Salmoneu dera, e ganhara
 O áureo carcás – inda não louco (quando a arma
 Fendida em quatro do alto Jove ideara ter –
 Rival de quem atroa o Ródope, o Ato e o bosque
 Da triste Pisa – ele queimara os campos Élidas). 665
 Liba com vinho o mar e assim começa: “Ó deuses,
 De quem é o mando das sonoras tempestades
 E das ondas, que têm por casa todo o céu;
 E tu, do Mar por sorte o Pai, e dos bifformes,
 Se foi um acaso a noite, ou se, volvido o céu 670
 Como ordenasse a obra divina e, em alternância,
 Ergueu-se o mar; ou se a visão nova do barco

E de armas e varões surgir as iras fez,
 Que expiado a culpa eu tenha, e teu nume, senhor,
 Que já melhor me seja. Dá voltar às terras 675
 Aos homens e abraçar o umbral da pátria porta.
 Por toda parte, honores muitos nutrirão
 Tuas justas aras; quanto em carros e cavalos
 Estás terrível – e Tritão segura os freios –
 Tanto é o fundar do culto teu por nossas urbes”. 680
 Clamor se ouviu e as mãos seguiram as palavras
 Do capitão: qual quando às messes e aos estábulos
 Sírio⁷⁵, devastador dos campos da Calábria,
 E a Ira dos deuses se arremessam, e os pastores
 Na mata unem-se e lhes dita os votos pios 685
 O sacerdote. Então, vêem Zéfiro descer
 Em suave queda; voa a nau a rédeas soltas,
 As ondas fende e espalha espuma na ênea proa.
 Tífis conduz e os homens, quietos, à ordem sentam-se,
 Qual, junto ao jóveo trono, as coisas são dispostas, 690
 Prontas p’r’o deus: as tempestades, ventos, neves,
 Os raios, o trovão e os rios nas nascentes.
 Mas, súbito, a apreensão, o medo a tudo aspérrimo
 E agouros maus Jasão abalam: atacando
 A régia prole, pelo embuste cruel do rapto 695
 De Acasto, os seus deixara à morte: em meio
 a um crime,]
 O fraco pai abandonara desarmado;
 Enquanto, ao longe, ele ia seguro, o furor todo
 Cairia neles – e ao futuro em vão não teme!
 Pélias irou-se. Viu, do monte, a amiga vela, 700

⁷⁵ Estrela da constelação de Cão.

Furioso, contra a qual não pôde se atirar.
 Não lhe serviram força ou reino. A coorte freme
 Pelo mar presa; a água reluz co'armas e tochas;
 Qual quando, do Ida aerissonante, o alado Dédalo
 Saltou com Ícaro de asas mais pequenas, 705
 Deixando as terras com u'a nuvem nova⁷⁶, em vão,
 A tropa grita e os cavaleiros, pelo olhar
 Exaustos, com os carcasses cheios à Gortina
 Voltam. No umbral, o rei, e no leito de Acasto,
 No chão tombado, beija os passos do rapaz – 710
 Inanes marcas. Co'as cãs soltas, a segui-los:
 “Talvez do triste pai a imagem e os suspiros
 De minha dor também te alcancem, filho”, diz,
 “Já vês o dolo e, em volta, as mil faces da morte.
 Seguir-te-ei, infeliz, por onde? Por quais praias? 715
 Esse feroz não ruma à Cítia, nem às portas
 Do mar; porém, cativo por falsos louvores,
 Duro ele fere-te, em tormento à minha idade.
 Se acaso fosse o mar por altas naus singrável
 Eu não teria, antes, mandado frota e jovens? 720
 Ai dos Penates sem a prole por arrimo”!
 Logo, ao minaz, terrível diz, com ira e fúrias:
 “Aqui, ladrão, as tuas fraquezas inda estão:
 Pranto e os queridos pais!” Assim, no alto palácio,
 Vai e vem bramindo, e a mais cruel das coisas pensa – 725
 Como o Tioneu⁷⁷, contra os culpados trácios, chifres
 Sevos lançou; e o triste Hemón com raivas mil,
 E o alto Ródope lamentam; tal qual fogem

⁷⁶ A sombra provocada pelo vôo de Dédalo e Ícaro.

⁷⁷ Baco.

Mulher e filhos de Licurgo pelos pórticos.
 Prestava, então, culto ao tartáreo Jove e aos manes 730
 Do Estige Alcímede, ansiosa pelo filho,
 Para, nas sombras invocadas, mais prever.
 A esposa leva facilmente o próprio Éson –
 Par na aflição, co' o coração preso por medos.
 Na cova, o sangue e a oferenda ao Fleguetonte⁷⁸ 735
 Oculto empoçam; com feroz tumulto, a velha
 Tessália chama os avós mortos e da grande
 Pleione⁷⁹ o neto. Os tênues vultos aos encantos
 Já invocara, e Creteu, olhando o filho e a nora
 Tristes, libando o sangue, coisas tais mostrou: 740
 “Não temais! Voa ele no mar. Quanto se adianta,
 A Éa mais se espanta ante os prodígios vários
 Dos deuses: movem, aos cruéis colcos, oráculos.
 Avança com que sorte! Horror alcança os povos.
 Voltará logo, com espólio cítio e noiva, 745
 Soberbo – então, eu quereirei romper as terras.
 Mas, contra ti, fraterna luta e triste crime
 Furioso o rei prepara e o fogo da ira acende.
 Por que não roubas a alma e foges lesto ao corpo?
 Vai, que és meu. Já no bosque esperam-te os silentes 750
 E Éolo, meu pai, que nos secretos campos voa.
 Tremeu, no ínterim, a infeliz casa, ao supremo
 Gritar dos servos. Pelos muros rumor corre
 Que o rei prepara tropas mil e já as comanda.
 O ardente altar, a veste e o bosque, presto Alcímede 755
 Logo abandona e Éson, temendo, em volta espreita

⁷⁸ Rio do Inferno.

⁷⁹ Mercúrio.

O que se turba. Qual leão que hesita em meio
 À multidão e, em ricto, franze olhos e fauces,
 Éson assim se inquieta: ou toma a imbele arma,
 Velho demais, e os apetrechos juvenis, 760
 Ou o inconstante vulgo move e os pais do reino?
 Mas, estendendo as mãos, a esposa o estreita ao peito
 E diz: “Ter-me-ás por companheira no infortúnio,
 Qualquer que o seja; não verei destino ou o filho
 Sem ti; já muito padecendo, quando a vela 765
 Ao mar lançou-se, quanta dor já suportei”!
 Falou, em lágrimas. Em torno Éson procura
 Que fim previna as ameaças, qual destino
 Digno receba; o filho, a terra, a raça eólia
 E as lutas ganhas exigiram grandes mortes. 770
 Tem diante os olhos outro filho, em tenra idade,
 Que o forte ânimo ingente e os feitos ele queira
 Saber um dia e celebrar do pai a morte.
 Ao sacrifício torna. À sombra de um cipreste
 Antigo estava um touro, sujo de ferrugem; 775
 Cerúleas fitas pelos chifres e, de teixos⁸⁰,
 Cingida a frente; inquieto, arfante e impaciente,
 Mesmo a ele aterra a vista escura do lugar.
 P’ra si a Tessália, por costume da nefanda
 Raça, o guardara para o tardo uso de Dite. 780
 Então, aplaca à tripla deusa⁸¹ e, com o supremo
 Fogo, suplica à plaga estígia, já sem volta
 Erguendo um canto: o atro barqueiro antes não leva
 As tênues sombras, nem franqueia as portas do Orco.

⁸⁰ Árvore consagrada aos deuses do Inferno.

⁸¹ Hécate.

Quando Éson viu chegar o touro no momento 785
 Do sacrifício, o deus à morte e, assim, por último
 Falou, co'a mão tocando os chifres do animal:
 “Vós, que o poder de Jove tendes, e um operoso
 Curso de vida, nos conselhos e nas guerras
 Sabidos nomes pela fama dos grãos netos; 790
 E tu, meu pai, vindo das sombras p'ra que visses
 Meu fim e as dores esquecidas padecesses,
 Da paz dai-me o caminho e que a enviada vítima
 Leve-me ao vosso reino. Tu, virgem⁸², que a Jove
 Os crimes contas, que vigias, c'olhos justos 795
 A terra, e ó deusas vingadoras, Mães das Fúrias,
 Pena e Lei, adentrai a merecida casa
 Régia e levai as sevas tochas. Temor pio
 Agarre o peito mau: não creia que serão
 Só as armas de meu filho e a nau; bandeiras pônticas, 800
 Frotas e reis irados pelo mar violado
 O inquietem – sempre, pelo medo, às ondas corra,
 Tropas levando: a tarda morte impeça a fuga
 E que escapar não possa às minhas maldições.
 Mas que os heróis veja chegando, de ouro, a trilha 805
 A refulgir. Exultarei e, diante, as mãos
 E os gritos hei de erguer. E se à trama não tentada,
 Ao crime e à forma de morrer desconhecida
 Sobreviveis, dai ao falaz o vergonhoso
 Fim da velhice e a morte indigna. Marte ou armas 810
 Ou de meu filho a espada nunca o matem, peço,
 Posto o mereça: que as confiáveis mãos das filhas

⁸² Astreia, deusa da Justiça.

O velho cortem, dilacerem e, a seus membros
 Não sepultem⁸³. Do rei se vingue nosso filho
 E toda gente que lançou ao oceano”! 822
 Levantou-se a maior das Fúrias e tomou 815
 Co’a mão a taça fumegante de atro sangue
 Que, derramado, eles na pátera sorveram.
 Frigor: irrompem com estrondo os que levavam,
 Por mando régio, a espada em punho e a ordem feroz.
 Já em meio à morte vêem os velhos co’olhos fixos, 820
 Sangue abundante sobre as vestes vomitando;
 E a ti, menino, no primeiro umbral da vida, 823
 Co’a face pálida ante a morte dos parentes,
 Matam e mandam-te co’os teus. Éson tremeu; 825
 Levou, partindo, a rancorosa sombra às nuvens.
 Sob o eixo nosso e separada dos supernos
 Fica a mansão do pai tartáreo. É inacessível
 Ao que cair do céu. Se volve a victa massa...
 <lacuna>
 Co’a boca imensa, jaz o Caos, que consumir 830
 O mundo em queda pode, e a matéria cansada
 De pesar. Aqui estão do inferno as portas duas –
 Por dura lei, aberta sempre, uma recebe
 Povos e reis; a outra, tentar forçar é crime:
 Rara e espontânea se abre apenas quando chega 835
 Um capitão, com chaga ao peito, cuja casa
 Por roda e elmo seja ornada, que aflições
 Mortais afaste, a fé cultue, destemido

⁸³ Alusão ao crime das filhas de Pélias que, instigadas por um dolo de Medeia, mataram e cozinham o pai na esperança de remoçá-lo.

E indesejoso; ou um sacerdote, em castas vestes.
A todos guia o neto de Atlas, pés alados. 840
Brandindo u'a tocha, o rumo aclara-se ante o fogo
Do deus, até que chega à selva e aos amenos
Campos dos pios, onde o sol dura o ano todo,
O dia é claro, há danças, coros, cantos de homens
Que já não querem mais os povos. A esses sítios 845
No eterno muro, o pai conduz o filho e a nora.
Então, a esquerda porta mostra, que por Pélias
Com quanta pena espera, com monstros no umbral.
Tanto barulho e a multidão que cai espantam-nos,
E da virtuosa alma o lugar e as honras íferas. 850

(Página deixada propositadamente em branco)

CANTO II

Jasão, no entanto, sem saber de crime ou luto,
Corta o oceano: conhecer o azar dos pais
Juno não deixa, p'ra que, ardente, em meio às ondas,
Não guine, e o Fado temerário, ao rei contrário,
Não precipite e frustre aos deuses seus desígnios. 5
No mar, o Pélio, co'altos olmos, já se aplaina
E, ao lado, o templo da Tisaia Diana imerge;
Já n'água o Cíato baixou-se e as Sépias foram-se.
O campo da Magnésia ergueu corcéis e pastos:
Pensam ter visto as sepulturas dolopeias 10
E, ao mar entrando com sinuoso curso, o Amiro
Com cujo vento as arribantes velas seguem.
Alçam-se aos remos e a Eurímena saúdam;
O Austro, voltando, recupera a vela e o ponto
E, numa nuvem, o Ossa chega, quando os Míneas 15
Alcançam mar. Terror dos deuses! Pela guerra
Condenado, eis Palene – em torno ao
monstro horrendo]
Vêm os terrígenos gigantes, adversários
Antes do céu, que a aflita mãe, com pedras e árvores
Vestiu; e montes, em fileira, ergueu aos céus. 20
Cada um, na rocha, a luta, o medo e as ameaças
Aguarda até agora; o Pai sacode as nuvens
E do alto lança bastos raios; mas, nas penhas,
O horror maior não 'stá: na Sícula é Tifeu!

Este, a fugir deitando do imo as lavas sacras – 25
 Qual se conta – Netuno o ergueu pelos cabelos
 E o mergulhou nas profundezas: ao surgir
 A cruenta massa, revolvendo ondas co'as serpes,
 Levou-o ao mar sicânio e, sob urbes pesadas,
 Pô-lo no Etna. Atroz aquele, os fundamentos 30
 Da roída rocha expele; então, toda a Trinácia
 Arqueja quando tirar tenta a caída massa
 Do exausto peito; mas, com inanes ais, desiste.
 Já o Hiperônio¹ carro alcança o mar da Hibéria
 E, ao fim do dia, as altas rédeas se lasseiam, 35
 Quando Tétis², a velha³, alçou o seio e as mãos
 E, n'água aberta, retumbou o sacro titã.
 A hora aumenta o medo: quando já voltado
 Viram o Olimpo e, logo, os montes e os lugares
 Longe dos olhos – ao redor, só graves trevas. 40
 O silêncio do mundo, a quietude das coisas,
 O Éter e os astros cintilantes amedrontam-nos.
 Qual quem se enleia em não sabidas regiões,
 Um rumo incerto toma, e os olhos e os ouvidos
 Não descansa – e o campo, a noite negra e as árvores 45
 Co'a sombra os medos lhe agigantam – os heróis
 Também tremeram. Mas, firmando o peito,
 o Hagnida:]
 “Não sem um nume este navio conduzimos:
 A Tritônia não só marcou-me o curso; amiúde,
 Por sua mão é a nau honrada. Acaso o não 50

¹ Hipérion: pai do Sol.

² Tétis, mulher do Oceano, que acolhe o Sol no regaço.

³ A velha, em oposição a Tétis, mãe de Aquiles.

Provamos quando, à luz fugindo, o dia súbito
 Tremeu co'a chuva? A quantos ventos resistimos!
 Por Jove! Quantas vezes, por artes de Palas,
 Desfez-se em vão da onda décima⁴ o inchaço!
 Eia, pois, nautas! Imutável, o céu reluz! 55
 Ergueu-se pura a Cíntia, co' o arco inda não cheio –
 Nenhum rubor na face. Disso o Titã certo,
 Se pôs incólume nas ondas, todo em ouro.
 E, pois que à noite os ventos dão-se ao mar e às velas,
 Nas mudas horas mais veloz segue o navio. 60
 Não é, contudo, intento meu seguir a estrela
 Que, descida do céu, no mar refaz-se. Ó Orion
 Já desce; já Perseu ressoa na água irada.
 Porém meu guia, nunca oculto em onda ilícita,
 Brilha no pólo – a Serpe! – e liga os sete-estrelas.” 65
 Lembra que o céu é fixo, a posição das Híades
 E da Plêione, em qual constelação cintila
 A Espada e com que luz o Boieiro rebrilha.
 Tendo assim dito, então os corpos recuperam
 Suas forças com os dons de Ceres e os de Baco. 70
 Cederam logo ao sono e os astros conduziram-nos.
 Já sob a tíbia luz da aurora, o campo aclara-se;
 Ursos ferozes, os redis deixando, buscam
 Tocas e abrigo; a praia envia ao mar as aves
 Quando, primeiro, co' os corcéis arfantes, Febo 75
 Despertou o Atos e espargiu nas ondas luz.
 Remos no mar porfiam; treme a proa ao curso;
 À flor das águas a Vulcânia Lemnos surge

⁴ A décima onda era considerada, pelos poetas, como a mais perigosa. Vide *Ov. Met.* 9. 529.

Por ti chorada, ó Ignipotente, pelos vários
 Afãs. A terra não te afasta com seu crime – 80
 O ódio das mães – e se envergonha de suas culpas.
 Ao pressentir surgirem frêmitos ocultos
 Dos deuses contra o novo reino enfurecidos
 E os silêncios da paz etérea não durarem,
 No Olimpo alado Jove ergueu, primeiro, Juno 85
 Mostrando o caos horrendo e os castigos do Báratro.
 Por intentar à apavorada mãe livrar
 Das correntes, do céu inda atirou Vulcano.
 Por noite e dia este rolou do firmamento
 Em turbilhão e, enfim, reboou na lêmnia praia. 90
 Quando o súbito grito atingiu a cidade,
 Numa rocha apoiado o acharam e o ajudaram
 A caminhar, ferido o joelho, os passos trôpegos.
 Então, ao que deixou-lhe o pai ao céu tornar,
 Lemnos ao deus foi cara, e menor do Etna é a fama, 95
 E as lípareias casas. Ledo, aos templos e aras
 Desce, forjado o escudo e pronto o raio horrível.
 Pelo contrário, o altar de Vênus sempre é frio,
 Dês que a deusa tremeu por justa ira do esposo
 E subjugaram Marte as ocultas correntes⁵. 100
 Ela, por isso, engendra um crime e, contra Lemnos,
 Fim cruel prepara – alma nem sempre tanto é vista:
 Por áurea fita a cabeleira tem atada,
 Sidéreo seio à mostra; e ao mesmo tempo, é imensa,
 Traz a face manchada, archote crepitante 105
 E o negro manto, como as virgens do Estige.

⁵ Episódio do adultério de Vênus.

Chegava o dia. O capitão lêmnio que à Trácia
 Levava as armas e que ousara em ténue junco
 Urdir navios e de couro os recobrir,
 Traz pelo mar sinais alegres; naus seguiam, 110
 Cheias de reses e mulheres – vestes bárbaras,
 Jóias vernáculas. Nas águas soam brados:
 “Ó Pátria, ó esposa ora ansiosa de atenções,
 Trazemos servas para ti – prêmios de guerra!”
 Quando, pelo ar, em nuvem negra, a turva deusa 115
 Arroja-se e procura, em incerta sombra, a Fama –
 Que o digno e o indigno canta, os medos espalhando,
 E a quem do calmo empíreo o Pai potente afasta.
 Ela, fremente, habita as nuvens; não é deusa
 Do céu ou do Érebo, e assola as terras ganhas; 120
 Presto, os que a escutam a rechaçam, posto o crendo:
 E a todos toma e treme a vila em línguas rápidas.
 Tal mensageira dos enganos busca a deusa.
 Tão logo a vê, para seu lado, ávida, voa,
 Prepara as falas e os ouvidos lhe desperta. 125
 Com tais palavras, a incita e a persuade:
 “Eia, vai, Virgem, debelar a equórea Lemnos,
 Verte-me as casas e antecede, como sóis,
 As guerras quando crias nos campos mil trombetas,
 Tropas armadas e o resfolgo dos cavalos. 130
 Dize que os homens chegarão, presos por luxo
 E cupidez, para levar ao leito as trácias.
 Principia, e que a dor instigue as mães raivosas.
 Logo estarei presente e, as guiarei, já prontas”.
 Ela parte e, contente, em meio à vila chega 135
 E encontra Eurínome, ao portal vizinho a Codro,

Roída de aflições. Guardando casto o leito,
 Pelo marido espera, e nas lãs cansa as servas
 Que, ao pé da cama, contam o tempo dos combates,
 E, no longo trabalho, as insônias suavizam. 140
 Co'as vestes de Nereida, em choro diz-lhe a deusa:
 “Quem dera, irmã, não fosse eu tal mensageira
 Ou que antes uma onda as dores nos ruísse,
 Porquanto neste instante o homem por quem clamas
 Com promessas e pranto, assim tão meritória, 145
 Se enlouquece e ao amor vulgar de escrava serve.
 Já chegarão; e de teu leito se aproxima
 U'a trácia que em beleza, em virtude ou pudor
 Não se compara a ti; não é prole doricla,
 Mas, bárbara, seduz co'o queixo e mão marcados. 150
 Serás, porém, talvez, noutra leito aliviada
 E, com mais sorte, escolherás novos Penates.
 Sem mãe, teus filhos me consternam, perseguidos
 Pela mulher que de soslaio os contemplando
 Já imagino; e as refeições envenenadas. 155
 Sabes que somos como fogo; aduz que é pátrio
 Os daas detestar. Virá curtida em gelo
 E no leite ferino, e alijada serei
 Por meu marido, é Fama, e a noiva adornada,
 Carregada do barco, ocupará meu leito”. 160
 As queixas cessa e a deixa em pranto, apavorada.
 Vai ter co' Ifinoé, e de iras enche a casa
 De Olênio e Amitaon. Grita por toda a vila
 Que serão todas desterradas e que os homens
 Co'as trácias reinarão. Dor e ódio se levantam; 165
 A cada uma que outra encontra, o mesmo conta,

Em boa fé. Com grito e queixa aos deuses bramam!
 Beijos nas camas, nos portais elas repetem.
 Por entre lágrimas detêm-se e olham de novo.
 Com pressa saem e não voltam mais às casas. 170
 Sob astros nus se conglomeram, e assim juntas
 O pranto incitam e praguejam contra as bodas
 E contra as tochas infernais da união maldita.
 Em meio àquelas chora Vênus, sob a forma
 Da triste Dríope e as excita em cruéis lamentos: 175
 “Quem dera a Sorte me deixara ter morado
 Em lar sarmácio e ter vivido os tristes frios,
 Ou levada num carro, o templo pátrio visto
 Tomado em fogo e o fim dos deuses. Já sofremos
 Outros combates! Como um louco, a que tarefas 180
 Ele me envia? Deixarei, fugindo, os filhos?
 Não armaremos com espada e tocha as mãos?
 E enquanto dormem com as noivas, algo horrível
 O Amor não instará”? Girando olhos ardentes,
 Lançou do seio, de cabeça, ao chão os filhos! 185
 Os ais de Vênus, exaltada, os corações
 Das mães, e mentes, arrebatam. Todas juntas
 Olham p’ro mar, simulam coros; com guirlandas
 Os templos ornam e se alegram co’os que chegam.
 Eles procuram casa e mesa. Sob os pórticos 190
 Deitam-se. Cada um ao lado tem sua esposa
 Irada e hostil, qual sob a noite do inferno,
 Com Flégia temeroso⁶ e Teseu, Tisífone

⁶ Flégia, em um ato de impiedade, destruiu o templo de Apolo em Delfos, porque o deus havia seduzido uma de suas filhas, sendo, por isso, lançado ao Tártaro.

Prova dos copos e das sevas iguarias;
 Num tipo de tormento, abraçam-nos serpentes. 195
 A própria Vênus, sacudindo a undosa tocha,
 Pronta p'ra luta, ajunta as trevas e se arroja
 Sobre Lemnos, que treme. Em nuvens e relâmpagos
 O Céu a segue e co' o trovão o Pai a alteia.
 Então, furiosa, novos gritos pelos ventos 200
 Redobra e o Atos e o Oceano e da Trácia
 O mar imenso, e mesmo as mães, nos leitos, tremem;
 E no regaço estreito os filhos se enregelam.
 A Discórdia e o Pavor dos estábulos guéticos
 E a Raiva negra, em faces pálidas, se apressam, 205
 E o Dolo, as Iras e, da Morte a grã figura
 Mostrando as mãos cruéis ao primeiro chamado,
 Quando a mavórcia amante ouviu-se e deu sinal.
 A preparar infâmia ainda mais tremenda
 Vênus imita os ais e os gritos dos que morrem; 210
 Invade as casas: u'a cabeça estertorante
 Leva na mão, de cruor recente os seios sujos
 E a coma desgrenhada: "Eis-me a voltar vingada
 Do leito. A hora chega"! E, vencidas co' o golpe,
 À cama as lança e põe a espada em mãos que tremem. 215
 Como direi do crime as faces ou o destino
 Dos moribundos? A que horror conduz-se o vate!
 Que feira se desponta! Ah, quem me ajudará
 Cantando o vero e livrar-me-á da vista as noites?
 Atacam os portais e os corpos antes caros: 220
 Umas, àqueles pelo vinho adormecidos;
 Outras, co' as mãos para o combate preparadas
 Com grandes tochas, aos insones, que vêem tudo –

Porém o medo lhes coíbe intentar fuga
 Ou pegar armas, pois que a deusa fê-las grandes 225
 Para os maridos, e maior a voz soar-lhes.
 Com medo, só os olhos tampam, qual se vissem
 As Fúrias, ou Belona a espada coruscasse.
 P'ra tanto, a irmã, a mãe cruel, a filha próxima,
 A esposa e o gênero das fêmeas os massacram 230
 Aos leitos presos – nem os Bessas derrotá-los,
 Nem pôde a força gueta, ou as iras do mar.
 Na cama, o sangue; e as feridas no arquejante
 Peito fumegam; rolam corpos pelos tálamos
 Em agonia. Diras tochas nos telhados 235
 Algumas lançam; cercam casas. Uns das chamas,
 Às pressas, fogem, mas à porta a dura esposa
 Os impede, e à visão da espada retrocedem.
 Outras às trácias despedaçam – causa e culpa
 Dos furores. Clamor bárbaro e os gemidos 240
 De suplicantes; enchem Céu as vozes soltas.
 Mas que cantos trar-te-ei, de tua audácia dignos,
 De uma pátria que rui, ó Hipsípila, honra e glória?
 Nada te furtará a fama de meus versos
 Enquanto os Fastos, pelos séculos, durarem, 245
 E os palácios do reino e de Ílio os deuses Lares.
 Filhas e noras, açuladas atacaram,
 E toda a ilha ardeu, com espalhado horror.
 Co'as pias mãos armadas diz: “De mim te afasta
 E da cidade, ó pai! Nem trácio ou inimigo 250
 Os muros toma; é nosso o crime, o autor não saibas!
 Foge, recebe o dom dest'alma que vacila,
 E, antes, toma a espada, eu peço”. Então o abraça,

Vela-lhe a fronte e, assim, condu-lo silencioso
 De Baco ao templo e, na soleira, as mãos erguendo: 255
 “Os crimes purga, ó Pai, e tem mercê dos justos
 Outra vez”. Leva, então, p’ra oculta sede o pávido,
 À destra, aos pés do deus. Sob a veste sagrada,
 O esconde a salvo. Os coros cantam, trietélicas
 Trombetas soam, nos portais os tigres rugem. 260
 Quando a rainha viu, em rósea biga, a Aurora
 Surgir, e as casas pelo esforço fatigadas
 Silenciarem-se, enfim, porquanto os grandes feitos
 Dão vigor e é maior a audácia na piedade,
 Co’as roupas de Lieu e a cabeleira jovem 265
 Veste o pai, e no carro o põe, entre pandeiros,
 Trompas e cestos com mistérios reverentes.
 Seios e braços ela cinge co’hera humilde
 E brande tirsos de videira pelos ventos
 Cuidando o pai tenha, escondido, as verdes fitas, 270
 Que chifres sobressaíam pela nívea mitra,
 Que a sacra taça ostente Baco. Co’estrídor,
 Então, empurra as grandes portas. Vai p’ra vila
 Cantando assim: “Banhada em morte, minha casa,
 Baco, deixa! Que o mar te lave da matança 275
 E, ao templo, as serpes ilibadas voltarei”!
 Liberta ao medo, veneranda a faz o deus
 E, em o sabendo, arfante o peito, ela se ufana.
 Longe da vila, em bosque oculto, o velho a salvo
 Escondera; porém, noite e dia, o Pavor, 280
 Ciente do crime, e a defraudada a Erínia acoçam-na.
 Não ousa os coros (só uma vez se ilude a orgia)
 Conduzir, nem chegar à mata com tais fúrias,

Buscando p'r'o infeliz, por qualquer sorte a fuga.
 Pelas bravias ondas roído, um barco é visto, 285
 Que a Tétis dera um dia Glauco, exposto aos sóis
 E que a lua crestava em cândidas geadas.
 Ali o pai, pelo silêncio da alta noite,
 Tirado ao bosque leva, e triste assim lhe diz:
 “Que pátria deixas! Quantas casas sem seus moços, 290
 Pai! Ó peste maldita, ó fim de noite acerba!
 Devo eu te confiar a tal embarcação,
 Querido pai, ou te reter entre os perigos?
 Remimos tarde com as Fúrias nossos crimes!
 Atende, deusa que conduz do sono as bigas: 295
 Nem povo, rico solo ou qualquer reino eu peço
 Para meu pai: deixa-o a pátria abandonar!
 Quando por ele, pela vila, satisfeita,
 Serei guiada? Quando aqui verei as lágrimas?”
 Ele, p'ra longe, sobre o tronco, aflito foge 300
 E chega à táurea terra, e ao templo de Diana,
 Ali, ó deusa, lhe confias triste altar
 E espada – para ti, nas terras não há tempo:
 Já os bosques da Egéria e Jove do alto Alba
 Te reclamam, e a Arícia⁷ imiga de um só rei! 305
 A filha volta à praça onde a súcia de mães
 Se reunira. Em rouco frêmito assumiram
 Dos pais e filhos as funções; e nas muralhas
 Instauram novas leis. Trono e cetro do pai
 Restituem à justa, em prêmio à pia mente. 310
 Eis que chegando, ao longe, a Lemnos, a remadas,

⁷ Lugares de culto a Diana.

As armas vêm. A rainha, alvoroçada,
 Chama o conselho. Adversas flechas, fogo hostil,
 Não lhes faltara atroz furor para lançarem-lhes,
 Se à ira de Vênus o Mulcíber não partisse. 315
 Então, Polixo, por Apolo a amada vate,
 Sem pátria ou raça certa, anunciava, Tétis,
 Com o ambíguo Proteu⁸, desde as grutas de Faros,
 Terdes voltado pelo mar, em peixes-boi.
 Mergulha n'água algumas vezes e depois 320
 Surge contando a voz ouvida no oceano:
 “O porto abramos! Crede a nau virá qual hóspede.
 O deus a Lemnos benfazejo aqui os Míneas
 Pela água trouxe. A própria Vênus à união
 Dá tempo enquanto resta idade e força ao ventre”. 325
 O dito agrada, e Ifinoé o leva aos gregos.
 Nem a turba funesta ou vestígios do crime
 Mostram-se, e Vênus o temor dali recolhe.
 De pronto, o capitão, em nome dos heróis,
 Imola um touro; a oferenda ao templo envia 330
 E o altar de Vênus a primeira rês aquece.
 Chegado à rocha em cujos cimos negras pedras
 Suspensas fumam, o ar se queima entre vapores,
 Detém-se o esônide, e a rainha ali o exorta
 A orar, as causas lhe explicando: “Vês as grutas? 335
 Eis a casa vulcânica – o vinho e prece oferta.
 Quiçá na cova, já forjado, o raio esconda-se.

⁸ Proteu, com suas metamorfoses, conseguia escapar daqueles que o surpreendiam e tentavam prendê-lo para conseguir a revelação de algum mistério, pois Netuno lhe havia concedido o dom de dominar os tempos passados e futuros.

Confirmá-lo-á a noite ao te espantares, hóspede,
 Co' o soar da chama presa e do malhar dos ferros”!
 Então, se jacta das muralhas, da pujança 340
 E das riquezas do país. Banquete as fâmulas
 Servem no paço e brilham leitos de ígnea púrpura.
 Chorando os reis antepassados e os maridos
 Estão as trácias, que se crê terem temido
 As tochas nupciais e a alcova das senhoras. 345
 No meio, o Esônide e a rainha se puseram,
 Depois, os outros. Logo, a fome saciada
 Co' as sacras carnes, segue Baco em todas taças;
 Se cala a corte. Aberta a mesa, as horas fogem
 E, nas conversas, se consomem pelas sombras. 350
 Hipsípila, primeira, admirada co' os feitos,
 Indaga ao capitão que sorte, ou poder régio,
 Os leva, e a razão de tão grande navio.
 Só a um se apega e, aos poucos, sente as doces chammas,
 Não mais é avessa ao leito, ou que Vênus retorne – 355
 E o deus concede tempo e espaço para o amor.
 Na lei do céu movera Júpiter as Plêiades⁹,
 Astros chuvosos, a obra eterna revolvendo,
 E, logo, em ondas, tudo rui, e sob um golpe
 Do deus o Gárgara, o Pangeu¹⁰ e, em medo, os bosques 360
 Se quedaram. Mais cruel terror não toma as gentes
 Noutra estação; é então que Astreia¹¹ urge e implora
 A Jove as iras contra os povos e, com rogos,

⁹ As Plêiades aparecem no céu setentrional entre os meses de maio e outono, durante o período de mau tempo.

¹⁰ Montes da Trácia e da Mísia.

¹¹ Deusa da Justiça.

Satúrnia estrela invoca às terras relegadas.
 Co'os colossais irmãos, o negro Euro ataca; 365
 Reboa o Egeu e o mar se lança contra as praias.
 Pluviosa lua quatro vezes vê o Téspíade¹²
 Que de ondas e da empresa o medo enorme afasta
 Até que surjam novos sóis da melhor deusa.
 Na vila, alegres Míneas ficam; das viúvas 370
 Ocupam leitos e, no luxo, querer fingem
 O ir das nuvens e que Zéfiro os não chama
 Até que, ileso à vila, o próprio herói Tiríntio,
 Que à nau vigiava, não mais deixa os indolentes:
 A abertura do mar ter tanto irado aos deuses, 375
 Vazio lar, paternos votos violados
 Em tempo de ócio: e por quê os túbios segue?
 “Miseros todos que acedemos a teus atos!
 Dá-nos o Fase, os perigos do mar cítio
 E Eetes, Jasão! Contigo, ao mar, tão só o amor 380
 Aos feitos trouxe-me: a esperança de as Ciâneas
 Deter e espoliar a serpe vigilante!
 Mas se escolheres habitar egeus escolhos,
 Comigo Telamon meus feitos cumprirá¹³!”
 Pelo acre aviso aceso, o Esônide atormenta-se 385
 Qual fogo corcel que a fresca terra assiste
 E que, na paz, dá curtas voltas preguiçosas,
 Mas que ainda anseia os freios quando a seus ouvidos
 Alcançam o rumor e as trombetas de Marte.
 A Tífis e Argo chama e para o mar apresta-os. 390

¹² O piloto Tífis, natural de Téspia.

¹³ Telamon, companheiro de Hércules na caçada ao javali da Caledônia.

Co' ingente brado, o timoneiro ao mesmo tempo
 Varões e armas chama, e os remos espraçados.
 Na vila se ergue nova dor por todas casas –
 Prantos e a antiga sorte: eis outra vez os muros
 Abandonados. Quando é o tempo das nascenças? 395
 Quem cultivará a raça e empunhará o cetro?
 Da noite infame, é a triste obra: o cruel silêncio
 De um lar viúvo, pois que ousaram adentrar
 Em leito e laços já deixados, e em angústias.
 Hipsípila também, ao ver na praia o súbito 400
 Concurso e os homens renunciando a toda Lemnos,
 A Jasão repreende e geme com tais queixas:
 “Já no primeiro estio, apraz-te abrir as velas,
 Varão mais caro que meu pai, tão logo o mar
 Furioso aquieta? A nau do porto fugiria 405
 Assim, se em praia trácia as Plêiades prendessem-te.
 Devemos, pois, ao céu a às ondas teu tardar?”
 Chorando disse, e ao capitão oferta dons
 Tocantes: clâmide e tecidos trabalhados.
 Ali bordara a sacra cúmplice do pai 410
 E o pio carro: a seva súcia abre passagem
 Ao temeroso; ao seu redor, no verde pano,
 A selva treme; e o pai se esconde em meio às sombras.
 Numa parte, teceu do Idas frondoso o rapto¹⁴
 E a ilustre fuga do menino, que no céu 415
 Servia, alegre, à mesa; e ainda a própria armígera
 Já do frígio escanção as copas aceitava.
 Diz, estendendo a espada insigne de Toante:

¹⁴ Rapto de Ganimedes.

“Aceita, p’ra que eu seja amiga em meio às guerras:
 Do deus do Etna o dom que o pai cingiu, ardente, 420
 Agora digno de juntar-se às tuas armas.
 Parte, e da terra que primeiro te abraçou
 Recorda, e volta, conquistada a praia colca,
 Pelo nosso Jasão, que deixas neste ventre”.
 Disse, a lançar-se ao colo marido do hemônio, 425
 E a de Orfeu, não menos triste, e a tua, eácida,
 E a mulher do irmão de Cástor vos abraçam.
 É içada a âncora da areia, entre as lágrimas,
 Empuxam remos; já o barco impelem ventos
 E a esteira espúmea do timão segue os que partem. 430
 Lemnos, então, se esvai e chega a Electra¹⁵ terra –
 Dos trácios ritos guardiã. Há ali imenso
 Temor divino e incautas línguas se castigam.
 Nunca a tormenta, enviada por Jove, co’ a vaga
 Ousa atacá-la – o deus, per si, encrespa as ondas 435
 Quando tocar suas praias veda aos ímpios nautas.
 Mas, atalhando os Míneas, nas ocultas terras
 Tíotes hospeda-os, segredos ensinando-lhes.
 Só pelo vate dada à luz e ao povo, adeus
 Samotrácia, temor guardemos dos mistérios! 440
 Ao novo sol, plenos dos deuses, satisfeitos
 Nos tostes sentam-se. Ocultavam-se já as urbes
 Que antes o nauta vira; à proa, Imbros surgira
 E o sol mediano se elevava à etérea arcada.
 A nau tessália, prima, então, chegou às terras 445
 Dardânicas e aportou, por Fado, no Sigeu.

¹⁵ Samotrácia.

Apeiam. Uns erguem co'as velas brancas tendas;
 Outros, a pedra manejando, o trigo partem;
 Presto, os demais cobrem de folhas a fagulha
 Tirada à rocha, e co'o enxofre amigo a nutrem. 450
 Indo, na praia, Telamon e o amigo Alcides,
 Uma voz chega, numa curva, aos seus ouvidos,
 Flébil, qual onda que murmura no refluxo.
 Detêm o andar e, pasmos, seguem do chamado
 A direção. Já bem se escuta: à morte u'a virgem 455
 Largada, a qual varão ou deus não invocava?
 De pronto, os homens correm, certos de salvá-la;
 Qual quando um touro, com gemido os ermos enche
 A suportar no dorso o leão que o dilacera
 A mordeduras, os campônios, em tumulto, 460
 Das casas ao redor saídos, se aproximam.
 O Alcides pára e, tendo a rocha já escalado,
 As cruéis algemas vê, a palidez da virgem
 E, nos olhos surgindo, as lágrimas primeiras,
 Tal qual u'exânime marfim, posto com arte 465
 Talhado, sofre, ou o pário mármore inscrições
 Recebe, ou contam grande feito as cores límpidas.
 Indaga o herói: "Que nome e raça, jovem, tens?
 Que sina é essa? Por que às mãos prendem-te os elos?"
 Ela, a tremer, co'os olhos baixos por pudor, 470
 Diz: "Não mereço esta desdita; últimos dons
 Vês de meus pais: rochas cobertas de ouro e púrpura.
 Sou de ília¹⁶ raça, antes feliz até que a Sorte
 Afugentou os laomedôntes Penates.

¹⁶ Ilo, fundador de Tróia.

No início, foi a peste, e do sereno céu 475
 Alijou-se a bonança, e os campos se queimaram;
 Então, fragor, e se erguem ondas carregando
 Idaias matas com seus antros. De repente,
 Do ponto emerge um monstro imenso. A mar
 ou montes]

Não o podes comparar. A seu furor donzelas 480
 São entregues, ao choro e abraços dos parentes.
 A tanto o mandam a Fortuna e Amon cornífero:
 Ao Letes condenar os corpos sorteados
 E virgem alma. A mim destina a urna à penha!
 Porém...¹⁷, se aos frígios os divinos já retornam, 485
 E és o que vem pelas promessas dos augúrios,
 P'ra quem meu pai alvos cavalos apascenta
 Em campo santo – dom proposto a meu resgate –
 Me ajuda, eu peço, e livra Pérgamo do monstro,
 Pois que o podes. Não via assim tão largo peito 490
 Dês que Netuno ergueu os muros às estrelas,
 Nem tal aljava ou ombro igual trazia Apolo.”
 Corroboraram-na o rochedo, o triste aspecto
 Do litoral cativo, e o céu que se deitava
 Sobre a cidade, igual ao visto em Erimanto 495
 Ou na Nemeia, ou junto à lérnea água podre.
 Netuno, ao longe, dá um sinal nesse entretempo;
 Faz retumbar o golfo e o mar se encapelar
 Co'o monstro do Sigeu, cujos faiscentes verdes
 Olhos tremem na bruma. O fulmíneo estridor 500

¹⁷ Hesíone, filha de Laomedonte, foi entregue ao monstro porque seu pai não pagou a Apolo e a Netuno o preço estipulado pela construção das muralhas de Tróia.

Sacode a língua trissulcada. Sobre as águas
 Ele ergue a cauda e guinda a nuca além das voltas;
 Pelas mil curvas, a cair, o mar o segue,
 Do flanco se deitando; e sua chuva arrasta
 O que na praia encontra. Em ondas tais não vem 505
 O Noto proceloso, ou no oceano o Áfrico
 Tanto se agita, ou, tendo às mãos do pai as rédeas,
 Órion encrespa o mar co'o sopro de hipocampos.
 Espanta o Eácida o herói recrudescer
 Na luta, em fúria, co'arma e músculos se erguendo, 510
 Enquanto aos ombros lhe entrechocam flecha e aljava.
 Aquele, tendo o pai, o Mar e armas chamado,
 Saltou na rocha e se assustou co'a água erguida
 Das profundezas. Do animal as grandes voltas,
 Qual quando Bóreas sai dos vales do Hebro frio 515
 E, pelos picos do Rifeu, as nuvens céleres
 Precipita, no céu escuro a tudo tomam.
 Logo ele estende o horrível dorso encarquilhado;
 Com sombra enorme se alça e faz tremer o Ida,
 Derruba as matas e ergue as torres decaídas. 520
 Hércules o arco empunha e, em nuvem, lança setas,
 Porém ao monstro não arreda mais que ao Érix¹⁸,
 Caso as borrascas desejassem arrastá-lo.
 Já curto e inútil é para a alada flecha o espaço;
 Há, então, tremor e o desatino da aventura, 525
 Pudor silente e a virgem pálida outra vez.
 Solta as armas da mão e examina os rochedos:
 O quanto o tempo, pelos ventos ajudado,

¹⁸ Monte da Sicília.

Cortou, e a força d'água, o mesmo, sacudindo,
 Desarreiga do mar. Com toda força, o monstro 530
 Chega e escancara a boca junto à triste presa.
 Em meio às águas, fica o Alcides; vê, altivo,
 A fera vir e com a rocha esmaga o dorso
 Que se eleva. Co'a maça, os vigorosos golpes
 Então redobra, e vai-se o bicho em meio às ondas, 535
 Estirado no vau. No Ida, as coribantes,
 A mãe e os rios, nas cimeiras, ulularam.
 Presto, ressurgem, das montanhas, das planícies,
 E a vila buscam, com clamor grande, os pastores.
 Telamon chama os companheiros, que se assustam 540
 Ao verem, súbito, o navio imerso em sangue.
 Sobre o rochedo, sobre a penha ensangüentada,
 O Alcides salta e rompe os elos que sujeitam
 As mãos da virgem. Sobre os ombros prodigiosos
 Armas ajusta. Ao rei buscando, triunfante, 545
 Deixava a praia em segurança, qual no pasto,
 Brioso, o touro anda, erguendo ora a cerviz
 Ora a garupa, ao ver de novo o amplo redil,
 Os bosques pátrios e os amores já vingados.
 Da longa treva emissa, a turba frígia o atalha, 550
 E Laomedonte, co'a mulher, trazendo o filho;
 Este lamenta que reclamem seus cavalos,
 E os dons devidos. Uns dos frígios a cumeeira
 Dos muros cingem e maravilham-se co'o herói.
 Lúbrico, o rei, co'acre malícia, olhando torto, 555
 No amor de pai contente apenas, chega e diz:
 "Maior dos gregos, não buscando a orla sigeia,
 Ou por piedade da desgraça dos troianos,

Trouxe-te o Acaso; se é verdade seres prole
 De Jove, raça do altíssimo Tonante, 560
 Te ajunta a nós. O mesmo pai e igual orgulho
 Da estirpe temos, posto praias nos separem.
 Pós quanto choro meu e expiação dos pais,
 Tardo vens – quão menor é a glória de teus feitos!
 Mas, eia, traz teus companheiros para os muros, 565
 P’ra que os corcéis - que ofereci por salva a filha - 565a
 Tos mostre a luz vindoura, aberta a estrebaria.
 Disse, e maquina oculta fraude e infame crime
 No coração: que ao leito preso, entregue ao sono,
 Roubada a aljava, o mate e afaste a predição –
 Por flecha hercúlea¹⁹, ouvira, Pérgamo cairia 570
 Duas vezes. Mas verter do priâmeo reino o fado,
 Quem poderia? A noite dória²⁰, a gente Eneida,
 E as glórias de uma Tróia inda melhor²¹ persistem.
 Diz o Tiríntio²²: “A expedição nos leva ao mar
 Da Cítia; logo, a vossas terras voltarei 575
 E os prometidos dons²³ terei”. Anuiu o rei
 Com jura aos deuses - a perfídia do tirano
 E as desgraças de Tróia os frígios lamentaram.
 Na noite, então, a todo vento, as velas abrem-se;
 Deixam a praia, a tumba de Ílio e o pai dardânio 580
 Enquanto vêem tudo em festa, em brinco insone.

¹⁹ Tróia foi destruída pela primeira vez sob o reinado de Laomedonte e, mais tarde, as flechas de Hércules foram fatais à cidade nas mãos de Filoctetes, ao matar Páris.

²⁰ Tomada de Tróia pelos gregos dóricos.

²¹ Roma.

²² Hércules.

²³ Dons obtidos quando do resgate de Hesíone.

A onda e o Ida, com os sagrados fogos brilham
 E ecoa o Gárgara horríssonos com a flauta.
 Quando alcançaram já os silêncios do alto mar
 E os soantes ventos ajudaram, adentraram 585
 O mar de Frixo e a fauce estreita antes sem nome²⁴.
 Mas eis que, à prima luz, quebrando, u'a onda fez
 Tremer a nau e mostrou Hele com suas ínfulas,
 Já irmã de Tétis²⁵ e Panope, já a empunhar
 O cetro de ouro. Enquanto amaina as águas, ela 590
 Vê o capitão e, com palavras doces, diz-lhe:
 “Também te levam, desde a Hemônia, em
 mar estranho,]
 A reino hostil, a casa e o Fado iguais aos meus.
 A Fortuna, de novo, espalha os filhos de Éolo;
 E tu, raça infeliz, o cítio rio buscas. 595
 Há a vasta terra, um longo mar (não largue a empresa!)
 E, longe, o Fase – mas que a ti dará entrada.
 Há ali um bosque oculto e altares gêmeos sobre
 Os verdes montes: cumpre lá os primos ritos
 A Frixo e às cinzas, peço, os meus ditos transmite: 600
 ‘Pelo silêncio, irmão, do Estige, qual tu crês,
 Não erro. Em vão, querido, buscas os caminhos
 Do inane Averno. Nem, lançada a rocha ou vagas,
 Me acossa o temporal. Ao cair, presto, Glauco
 E Cimotoé me ergueram. Deu-me o próprio Pai 605
 Das profundezas, por bondade, casa e reino;
 E nosso golfo em nada inveja o mar ináquios²⁶ ”.

²⁴ A queda de Hele deu ao mar o nome de Helesponto.

²⁵ Mãe de Aquiles, já transformada em deusa marinha.

²⁶ Ino, madrastra de Hele e Frixo.

Disse e imergiu na água tranqüila o triste rosto
 Com um gemido, ao recordar a dor dos pais.
 O capitão, libando o mar com vinho, disse: 610
 “Virgem creteia²⁷, honra das ondas e da raça,
 Abre o caminho e leva os teus em bom percurso!”
 Comanda a nau, que entre as cidades vai ligeira
 Por onde o raso mar se encrespa. Foge a Europa –
 Com escarpas mais feroz – da Ásia, que a persegue. 615
 Essas terras também e os campos povoados,
 Com o mar bravio, outrora, eu creio, o separaram
 A lança de Netuno e o trabalho do tempo,
 Como a Sicília e a Líbia; e ao fragor espantaram-se
 Jano e Atlas, senhor dos montes do ocidentes. 620
 Deixam Percote, o Pário infame pelo estrondo
 E os baixios da Pítia; a nau passa por Lâmpaco
 Que não celebra as trietélicas de Baco
 Nem o frígio furor nas cavernas recônditas;
 Porém seu deus condu-la a Vênus²⁸. Sobre a vila 625
 Vêem-se os altares e as insígnias de seu templo.
 Daí, mais rara é a terra e o céu de novo é imenso
 A desfraldar nova visão no horizonte.
 Entre o Ponto e Hele jaz, em meio ao golfo, u’a terra 630
 Qual se do mar içada. Imenso campo emerge
 Do cego abismo: por sob a água, em longa areia
 A praia chega – tem, de um lado, nos confins,
 A velha Frígia; de outro, os pinhos da montanha.
 Surge, não longe, à beira mar, singela vila, 635

²⁷ Creteu, irmão de Atamante.

²⁸ Referência ao culto a Priapo.

Em montes plácidos talhada. O rei dos campos
 É Cízico, que ao ver da nau Hemônia as flâmulas
 Desconhecidas, adentrou as primas ondas.
 Com os homens se admira. O peito e a destra unindo,
 Diz: “Tropa emácia, só agora conhecida 640
 Em nossas terras, tua aparência é mor que a fama!
 Não mais difíceis ou distantes são tais plagas,
 Já desbravadas pelas gentes do ocidente,
 Desde que vejo capitães terem chegado!
 Posto, ao-de-lá, o solo nutra sevos povos 645
 E a boca irada do Proponte me circunde,
 O vosso rito, a fé e os corações domados
 Por culto à terra se assemelham inda aos meus.
 Longe é a força bebrícia e a inclemência dos Citas!”
 Assim relembra e os leva, alegres, ao que ordena 650
 Abrir-se o paço e aos templos honras se ofertarem –
 Leitos e mesas de ouro e gemas, real serviço,
 Cem pares de escanções de corpos juvenis:
 Nas mãos uns levam iguarias, outros áureas
 Taças lavradas co’os recentes feitos bélicos. 655
 Oferecendo a prima copa ao grego chefe:
 “Meu inimigo”, diz, “aqui o porto acossa;
 Traz, sob a noite, estes combates. Estes dorsos,
 Vês dos pelasgos – meu é o fogo que arde as barcas”.
 Responde o Esônide: “Oxalá as Iras movam 660
 Ora os pelasgos, que atacar de furto tentem,
 E toda gente em naus se embarque – hóspedes armas
 Verás – e luta mais nenhuma após a noite”.
 A madrugada vai levada entre as conversas
 De vários ditos; e o outro dia, ao mesmo modo. 665

CANTO III

Terça Titônia¹ já solvera as sombras frias
E abrira o céu. O calmo mar convoca Tífis.
Do paço vão-se os Argonautas; os Enidas
Fora da vila logo assistem à partida.
Dão trigo, gado escol e Baco – não o bitínio 5
Ou o frígio nato, mas aquele que dá Lesbos
Em sua colina junto ao mar do estreito de Hele.
À praia Cízico conduz o andar do Esônide
Chorando a ida, e com soberbos dons cumula-o:
As primas vestes que a percósia² esposa Clito 25
Pintara a ouro e lhe ofertara, mais um elmo 10
E da paterna mão a arma insuperável.
Taças e os freios da Tessália ganha em troca
E, co' o aperto das mãos, uniram-se os Penates.
Mostra-me, Clío³, agora as causas e os combates!
Foi dada a ti a faculdade pelos deuses 15
De conhecer as intenções e o vir das coisas.
Por que consente Jove à luta, ou contenderem
Amigas mãos? P'ra onde a Erínia leva a noite?
Quando inquietou, na orgia, o servo ensangüentado,
Cruzando as selvas encrespado pela monta, 20
Logrado pelo imenso amor à caça, Cízico

¹ A Aurora do terceiro dia.

² Natural de Percote, cidade de Tróia.

³ Musa da História.

Matou co'a lança o leão que, sempre guiado a freios,
 Às vilas frígias conduzia sua senhora⁴.

Apôs, então, a juba e o crânio nos postigos – 24
 Espólio desgraçado e vergonha da deusa
 Que, se lembrando de tanta ira, vê do monte
 A nau Hemônia co'os broquéis de reis munidas.
 Ao homem volve morte inédita e outros males,
 P'ra que, de noite, lance em luta amigas tropas 30
 E enrede a vila com nefastos desatinos.
 O mar, no breu, em fina esteira esbranquejava-se
 E já as estrelas espalhavam leves sonos.
 A brisa leva. Atam-se os remos e ultrapassam
 O Proconeso⁵ e, já no mar, o flavo Ríndaco⁶, 35
 E o espumoso Silaceu, que as ondas quebra.
 Tífis o dia, longamente, e o arrebol
 Consulta e a nau confia ao vento e às estrelas.
 Porém, trazido pelos deuses, seda-o Sono
 Nunca antes tão pesado. Inconsciente, a mão tomba 40
 Do leme e os olhos cerra. Amainados os ventos,
 A nau flete seu rumo e volta ao porto amigo.
 Quando no vau, levada, chega, um longo toque
 As trompas sopram; voz se lança em meio às trevas:
 “O imigo chega ao porto! Os pelasgos voltaram!” 45
 Rompida a paz, um deus à vila enlouquecera:

⁴ Cibele, acostumada a ser transportada por seus leões pelos montes da Frígia, onde se celebravam seus cultos orgiásticos em comemoração à morte de Átis. Cízico, portanto, matou o leão sagrado, atrapalhando a celebração dos sagrados mistérios.

⁵ Ilha da Propôntide.

⁶ Rio da Mísia.

Da mãe migdônia⁷ as cruéis ordens leva Pã –
 Senhor dos bosques e da guerra, a quem da luz
 Os antros guardam, e que de noite exhibe o torso
 Peludo, e a coma sibilante à frente horrível. 50
 Um brado seu, além das tubas, e os elmos caem,
 As espadas, o auriga e os ferrolhos noturnos
 Dos muros. Medo assim, nem o elmo mavórcio,
 A cabeleira das Eumênides ou Górgona
 Espalhariam, ou exércitos de sombras. 55
 Do deus é o jogo: quando tira dos currais
 Medroso gado e, em fuga, as reses sarça esmagam.
 O clamor logo alcança o rei. Inquieto sono
 Cízico deixa, abandonando espectros pálidos.
 Eis que sobre os portais, com o flanco nu, Belona, 60
 Movendo os bronzes no ruidoso caminhar,
 Se posta, a balouçar, co'a a crista em tripla ponta,
 Para acordá-lo. Insano, a segue pelos muros
 E se encaminha, por destino, à luta extrema.
 Como o ébrio Reco⁸, vendo o Fóloe⁹ geminado 65
 E largos astros, contra o Alcides e Teseu
 Se atira; ou como o pai¹⁰ que, finda a caça, volta
 Cantando à Trívia pela mata e traz no ombro
 Learco, enquanto a pobre Tebas baixa os olhos.
 Nem os portões ao rei seguram, nem a guarda 70
 Que, ao primo ataque, segue atrás do enfurecido.
 Outros surgem, então, pois toda casa próxima

⁷ Migdônia, província frígia onde habitavam Cibele e Pã.

⁸ Um dos Centauros.

⁹ Monte habitado pelos Centauros.

¹⁰ Atamante.

Estremeceu-se, e a confusão tomou os ermos.
 Pavor incerto aos Míneas trava. O coração
 Afrito hesita, e não distingue reino ou crime; 75
 Ou por que fulge escudo ou elmo, ou se é inimiga
 A tropa armada, se dão luta os bravos colcos.
 Até que u'a lança, voando em giro, soou no toste
 E a tomar armas compeliu os tripulantes
 À mão-cega. Jasão ajusta a gálea; e aos brados: 80
 “Aceita, pai, a prima luta de teu filho;
 E vós, varões, crede que aqui os colcos cheguem”.
 Qual márcio carro entre os bistões dos astros lança-se,
 Quando o clamor, ingentes ânimos, e as tubas
 Sanguinárias ao deus convocam; não mais lento, 85
 Furioso ocupa o campo: o segue a força aqueia.
 Cerram fileiras e se posta a tropa horrenda
 Encouraçada, a quem nem mesmo a fera virgem¹¹,
 A mão de Jove, o Medo ou os corcéis de Marte
 Romperiam. Assim, escudo a escudo enfrenta 90
 Qual quando Jove, em monte azul, empilha as nuvens,
 Peleja o Zéfiro e, debalde, o Noto empurra-as
 De um lado e de outro e, em grande medo, os corações
 Incertos ficam de em qual mar ou campo caiam.
 A infeliz coorte, com fragor, jogava pedras, 95
 Negras tochas, calhaus das retorcidas fundas.
 Quieta, a falange o som suporta e iras retém
 Enquanto passa o primo ataque. Mopso vê
 Brilhantes cotas. De Corítio a sombra Eurito
 Notou – deteve o passo e, à luz do ferro, rápido, 100

¹¹ Minerva.

Retrocedeu, como um pastor em frente ao rio
 Que, caudaloso pelas chuvas, rui arbustos.
 E diz Tideu: “A quem espero com ardor,
 E que escolhi para de perto as mãos justar,
 Onde estiveres, serás morto!” À ilharga atinge 105
 A lança olênia¹²; aquele urrou, mordendo a areia
 E, em convulsões, a ensanguentada haste arrancou.
 Como ao recife, que se oculta em meio ao mar,
 Por sobre o qual nunca o piloto impunemente
 Desavisado atira o barco, assim a tropa, 110
 Em cega malta armada arroja-se co’ a espada.
 Cai Bienor – melhor que Pirno – , Iro e Cótis.
 Nesse entretempo, mais se agita a vila túrbida.
 A mulher de Geniso as armas lhe escondera,
 Mas, de súbito, o Lar, com viva brasa e ventos, 115
 Reluz: te alegras com as armas reveladas.
 A farta mesa larga Médon e incompletos
 Os sacrifícios. De ostro, u’a clâmide enrolada
 Circunda a mão, e espada em punho, aclara as vias.
 Se lança às armas. Ceia e leitos não tirados, 120
 Em que escanções agouros leram, permanecem.
 Sem sorte ou modo iguais, em tropa incerta, as forças
 Encontraram-se, e ao longe, os mortos se espalhavam.
 Pesado archote, com betume untuoso e nós,
 Brandindo, eis Flégias que, da vila precipita-se. 125
 Crendo, ao costume, tropa e lanças dos pelasgos
 Terem voltado pela noite, em gritos vãos,
 Árduo e luzente, sob u’a nuvem de fumaça,

¹² De Tideu, natural de Óleno.

Sempre acossado procurava por Tamiro.
 Qual Tifeu¹³, rubro ao fogo e ventos, quando olhou 130
 Do céu p'ra baixo, a quem no alto Jove prende,
 Assim tremula, sob a luz sinistra, o barco.
 O herói tiríntio, co'arco ao peito, então se eleva:
 Salta, a atirar certa flecha contra as flamas.
 Acesa a seta, por escuras nuvens voa, 135
 Cravando ao peito; aquele cai, com face e pêlos
 Por sobre a tocha, e mais o fogo se levanta.
 Peleu derruba Ambrósio; Anqueu, ao grande Equeclo;
 Ele consente a Telecoonte se achegar
 À destra erguida e, co'o machado, a testa rompe-lhe 140
 Até a cerviz. O vencedor logo o despoja
 Da tosca cinta, que brilhava ao lusco-fusco.
 “Deixai, vos peço, os ricos corpos e este espólio”,
 Grita Nestor, “mais vale a mim co'o ferro a mão:
 Co'o ferro faz-se a obra”! A Amastro descabeça 145
 Enquanto exorta os companheiros a atacarem.
 Rompida a tartaruga, os fugitivos seguem
 Aonde levam campo e trevas. A Oco encontra
 Pesado Flias; a Hebro, Pólux se arremessa.
 O capitão, senhor da guerra, sobre os troncos 150
 E ensangüentadas testas corre, qual tormenta
 Sobre o mar. Deixa moribundos Zele, Bronto
 E Ábare; segue Glauco e o alcança, derribando-o;
 Rompida a jugular, u'a chaga se lhe corta;
 Este, ao contrário, em vão, co'a mão segura a arma 155

¹³ Gigante que combateu os deuses. Lutou contra Júpiter e, vencido pelo raio, foi arrojado ao fundo do Etna.

A murmurar enquanto vê descer a ponta.
 Com dura espada, trespassando, então desanca
 Prote, Hale e Dórcea, insigne pelo canto e a lira –
 Que outrora ousara as doces cordas abraçar
 Na lauta ceia em honra ao filho da Bistônia¹⁴. 160
 Com arco ou flecha o herói tiríntio não excele.
 Porém, co'a clava amiga exércitos abate.
 Qual quando jovens co'achas tombam densas matas,
 Geme o carvalho pelas cunhas afincadas,
 Já cai o abeto e o pinho; assim, sob as pancadas, 165
 Os duros ossos de homens soam; co'os miolos,
 Se alveja o solo. Íchmon, ligeiro, aos pés caíra-lhe:
 A boca e a barba do homem prende e a clava atroa:
 “Agora cais, por arma hercúlea, dom ingente!”
 diz, “Admirável é teu Fado para sempre!” 170
 Tremeu tombando; ao nome amigo ouviu primeiro
 E às sombras disse o crime atroz, que o não sabiam.
 Não te serviu, então, Ornite, aos reis tessálicos
 Ter acolhido, ou de bom grado, os entretido,
 Ou consagrado o dia aos Lares. Chega Ídmon 175
 E, exposto, fere-te, elmo e crista (ah, teus dons)
 Rubros portando. O pai atônito, Creneu,
 Qual te verá? Pois frio sono aos olhos fúlgidos
 Já te acerca; candor e os anos te abandonam,
 A vida escapa, e toda a honra é subtraída. 180
 Cruel, deixa agora o amor das ninfas e as florestas:
 O jovem Hilas, co'arco ousando, então, primeiro
 Bater o irado Sage (esperança nas guerras

¹⁴ Orfeu.

É o belo Hílas, se o permitem Juno e os Fados!);
 Prostrou o homem, co'a haste célere no peito. 185
 Levados pelo breu enganoso, os tindáridas
 Se atacam – nefas! Cástor ia ao golpe, incauto,
 Mas luz estranha e do elmo a crista os separaram.
 Cástor, então, trespassa a Ite, onde o talim
 Azul rodeia, e as gêmeas serpes se abocanham. 190
 O irmão acerta Tapso, Nealco – o brande-alfanje –
 Hages e Cidro – exangue por feri-lo Canto.
 Este, estribado em toda a força, a arma terçara
 Co' o caçador Erimo. O Luar, porém, mostrou-a
 Trazendo a morte e iluminou, do céu, por pena, 195
 O companheiro: a crina abriu-se: o golpe aos ventos;
 Tocado ao alto pela lança, o elmo soou!
 A Neseu, Telamon, e a Ofelte, o falastrão,
 Pelo escudo, que cede, e pela tripla trama
 Que oculta o ventre, fere, e satisfeito, diz: 200
 “Tomara os deuses, ou Fortuna, a mim confiassem
 ser este um rei, ou caísse um grande, pelas vilas
 pranteado”. Despachou Ares, o irmão Melanto
 E Fócea o Olénide que, expulso dos Lelegos,
 A amizade do rei e honrarias obteve 205
 (Por arte qual não padecendo?). A madrugada
 Os gemidos ecoa e aumenta a carnagem.
 Mais do que o Inárime, ou o Vesúvio roncador,
 Arqueja atroz quando desperta a vila atônita,
 Assim se acerba a luta. E como não se põem 210
 Do céu os astros, cônica, a noite afasta as bigas.
 Sus, Musa, vem seguir comigo a noite tártara!
 Faetonte soprou a trêmula Tisífone

E, mais próxima a luz, mais grave a sombra aperta.
 Nem as insígnias, nem cadáveres distinguem 215
 E, em raiva, aquentam mais as faces. Mostrai, deusas,
 Ao vate a malta das Eumênides noturnas,
 E que o fragor das armas se abra, pelo expiro
 O campo morno e os manes feitos pelos Míneas.
 Cízico, então, com vãs carreiras enche a tropa 220
 Tardando o Fado. Ovante, crê ter aos pelagos
 Já rechaçado, já dispersos pelos campos.
 Tais novas e a euforia aos deuses enfurecem,
 Qual quando Céu¹⁵ grilhões de Jove, em fundo abismo,
 Arrastando – partido o adamante dos elos – 225
 Chama Saturno e Tício, e para o ar espera
 voltar – insano; mas passada a noite e os rios,
 Da Hidra a juba e o cão Eumênide o espantaram.
 Fremente, se enfurece e increpa o tardo bando:
 “Nunca entrarão ardor e forças nesta tropa, 230
 Covarde sem seu rei? Porém, se a flauta bárbara,
 O dindimo ulular e as sacras danças chamam,
 Então, furor e espada agradam; mal estenda
 O sacerdote a adaga, o punho abunda em sangue”!
 Xingando assim, pelo poder da deusa, logo 235
 Se esmorece; por frio, o sangue esmaia o curso;
 Coração treme e escuta as iras dos leões;
 Às presas vê as torres móveis entre as nuvens¹⁶!
 Assim, pesada, pela sombra, co’estrídor,
 Vem do Esônide a lança e rompe largo curso 240

¹⁵ Titá, filho de Urano e Gaia, lançado ao Tártaro por Júpiter.

¹⁶ As coroas de Cibele, indicativa das cidades sob sua proteção.

No régio peito. Quanto, então, p'ra si deseja
 A terra estranha e os anos gastos nas caçadas.
 Em rival ímpeto, os heróis atiram dardos;
 Suspeito ruído ouvem de pés em movimentos:
 Aos companheiros prendem – pedem contra-senha. 245
 Se a matança durasse até o amanhecer,
 Seria extinta a raça e, ao muro, às mães apenas
 Veria dia, e à gente morta pela praia.
 Já morto o rei, então o Pai, crendo ser tempo
 De alterar o destino e interromper as lutas, 250
 Aviou suprema ajuda e, com sereno aceno,
 Trouou. As filhas da Noite¹⁷ e o Armipotente
 assustam-se.]
 Enfim se fecha à feroz guerra a porta ífera.
 Contínuo medo, os fugitivos pelos campos –
 Recurso único – dispersam-se. Segui-los 255
 Não é o intento mínio – o ardor se arrefecera!
 Eis, a juncar com leve luz, primeiro, o porto
 Aberto o dia, e a branquejar amigas torres.
 “Ah, deus dos mares”, dentre o bando exclama Tífis,
 “Com que sonho fatal danaste tu meu peito! 260
 Ai, companheiros, com que horror a praia se enche”.
 Eles, porém, nem pranto ainda, ou faces erguem,
 Côncias dos erros. Rigidez toma seus membros.
 Tal como a Tias apavoram face e a coma
 De Penteu¹⁸, quando o deus deixara já as bacantes 265

¹⁷ As Moiras e a Morte.

¹⁸ Penteu, filho de Agave, proibiu o culto a Dionísio na Beócia e expulsou as bacantes. Como castigo, recebeu a morte pelas mãos da mãe, possuída pelo furor dionisíaco.

Da mãe, e os chifres do imolado touro somem;
 E, não menos, na praia os velhos dispersados
 Amigas tropas vendo, as costas, por horror,
 Voltaram. Estendendo a destra diz Jasão:
 “De quem fugis? Quisera eu e os meus morrêssemos 270
 Nessa chacina. Um deus cruel nos envolveu.
 Os Míncias somos, somos tropas hospedadas.
 Por que tardamos honra e piras reverentes?”
 Então, se arrojam, com lamentos, sobre os lívidos
 Montões de mortos. Na alta ruma, a mãe conhece 275
 Os seus tecidos, e a mulher, os seus regalos.
 O pranto segue pelo mar a todo o céu.
 Uns seguram o choro, e as chagas borbulhantes;
 Os olhos, outros, com a mão já tarde cerram.
 Contudo, achado o rei exangue em meio às pilhas 280
 Como se tudo, em triste pranto, se calasse,
 Assim, é a dor das mães, dos servos e de todos,
 A um só voltada. Em torno os Míncias permanecem.
 Com mentes tristes, choram nefas e a hasta esônide;
 E, ao capitão, a acerba sorte eles consolam. 285
 Ao ver daquele, pelo sangue a coma dura,
 As faces pálidas e, ao caro peito, o dardo –
 Mas não do anfitrião o anterior semblante –
 Lamentou-se e falou, abraçado ao amigo:
 “A noite, ó mísero, te toma sem que saibas 290
 De tanto horror, sem reclamares nossos pactos.
 Porém, funesta, vem-me a Aurora! Ah, mas que digo!
 A que refúgio conduzira-me a Fortuna!
 (Faltou só isso ao Fado!) Esperei que pudesses
 Por minha mão morrer? Assim deixei tua terra? 295

Se a guerra só durou por agradar aos deuses,
 Mais justa não seria, amigo, a morte minha
 E que teu erro antes agora me chorasse?
 Do deus de Claro a cova e o carvalho de Jove
 Eu não censurarei? Tal luta e tal triunfo 300
 Por sorte davam-me? Tamanho horror os vates
 Me esconderam, cantando o fim de velha pátria
 E agrura tanta? Por sinistros deuses visto
 Foi meu comando? Que retorno? A mim, qual terra
 Irá acolher e não vedar-me a prima areia? 305
 Cuidaram deuses que a esta praia eu não tornasse
 Saqueada a crítica riqueza e as margens fásicas,
 E então, não viesse, vingador, aos teus imigos.
 Porem é lícito estreitar contigo as faces,
 Juntar os peitos e abraçar-te os membros pálidos. 310
 Eia, voltei os troncos fúnebres à praia.
 A fogueira comum acendei. Oferendas
 Prestai – as que daria à nossa pira Cízico!”
 Alhures, Clite, sobre a face do marido
 Deitando a coma, em pranto chama as tristes mães 315
 E diz: “Esposo, à flor da idade arrebatado,
 A tudo levas! Gáudio ou filho algum de ti
 Não hei que, triste, a mim console agora, ó bom,
 A mitigar tua sorte e dando alívio ao luto.
 Migdônias¹⁹ tropas me furtaram o pai e, há pouco, 320
 Ao lar natal, as triste lutas; por ocultas
 Flechas da Trívia, a mãe, tocada, pereceu.
 Tu, meu marido, qual irmão e pai, sozinho,

¹⁹ Mígdon, rei da Frígia.

Foras-me a única esperança à juventude.
 Ai, me abandonas e à cidade um deus solapa. 325
 Mas não te vi em meio à morte ao menos, Cízico,
 Estendendo-me as mãos, nem conselhos colhi.
 No leito, há pouco, me queixando de tardares,
 Livre do medo, por que não te recebi?"
 Co' o gêmeo Cástor, triste, Pólux a levanta, 330
 Que, em se afastando, abraçado traz-lhe o colo.
 Desnudos montes, no entretempo, elevam piras;
 As ornam à porfia e, magoados, depõem
 No topo os corpos. Cabisbaixo, o corcel marcha
 E não demoram nem matilhas nem rebanhos 335
 Ao sacrifício: a cada qual força, Fortuna
 E os cuidados dos seus. No monte, o rei se eleva.
 Ergue-o o Esônide, a cabeça sacudindo
 Entre soluços; e o repõe em celsa púrpura;
 Oferta ardente veste, em ouro e búzio ornada 340
 Que, ao chamar do Austro, dos tesouros subtraiu
 Hipsípila. Elmo e talabarte ao rei lançou.
 Este, co' o rosto p'ra cidade sua voltado,
 Empunha o cetro que os antigos reis traziam:
 Porque sem filhos, e por isso, sem parentes, 345
 Leva consigo a honra insigne dos avós.
 Armados Míniás vezes três rodas formando,
 Batida, a pira estremeceram. Soante, a tuba
 O céu lutuoso atroa. Em supremo clangor,
 Lançaram tochas. A obra toda, então, nos ventos 350
 Se desfez, e reluz o mar co'as altas chamas.
 Por certo, tudo ao povo e ao jovem se guardava
 Dês que no Pélio monte a árvore tombara:

No mar os raios, vôos minazes e os presságios
 Disseram-no, mas quem não refuta os primeiros 355
 Sinais dos deuses e anos muitos não se augura?
 Já todo honor é feito em cinza. Em passos tristes,
 Ruídas mulheres vão co'a prole. O vau se aquieta
 Ao pranto da vigília: igual se cala Mênfis
 Na primavera, já migradas p'r'o Arcto as aves, 360
 E a antiga foz do soalheiro rio Nilo.
 Mas nem o dia, nem a noite que é mais dura
 Nas aflições livrou-os da imagem da matança.
 Duas vezes chama o vento, mas não há confiança
 Nos tristes homens; de incerteza a mente toma-se 365
 E nem o choro todo ou tudo dado aos mortos
 Julgam bastantes. Longe é a pátria, e o amor aos feitos
 Se esvai e ajuda a enlanguescer em luto apático.
 Também Jasão, posto a tristeza deva ser
 Num capitão contida e presa em face calma, 370
 Às ternas lágrimas se entrega e dor demonstra.
 Levando, então, à oculta praia o fêbeo Mopso,
 "Que peste é essa", diz, "Que intentos têm os deuses?
 Dado por sina vem o medo, ou os corações
 Tardam por si? Por que da fama e lar imêmoreos 375
 Nos angustiamos, ou qual fim trará a inação?"
 E Mopso, a olhar o céu: "Direi e ensinarei
 O mal e as causas. Se agüentamos mortais membros,
 O breve acaso e a duração do curto Fado –
 Nós antes fogo companheiro do alto Olimpo – 380
 Juntar os mortos ou expulsar com ferro as almas –
 Germe que ao céu há de tornar – não é direito.
 Porquanto em vento e ossos finais não desfaçamo-nos,

Dor e ira se mantêm. Quando chegam, depois,
 Ao Jove trono e o triste fim em queixas mostram, 385
 Da morte a porta se lhes abre e regressar
 De novo é permitido. U'a das irmãs²⁰ por sócia
 Une-se, e juntas correm terras e o oceano.
 Cada uma envolve o imigo peito e seu algoz
 Em dor e afligem-nos com vários justos medos. 390
 Mas os que em sangue involuntário as mãos molharam –
 Se a cruel sorte, ou quase u'a culpa, fê-los míseros –
 A consciência os persegue, e suas obras devoram-nos:
 Não mais audazes, indolentes se desfazem
 Em prantos, medo vil e molesta preguiça: 395
 Eis o que vês. Mas nossa ajuda achará o rumo.
 Da memória do vate há muito conhecida,
 Junto à funda mudez da noite estígia, longe,
 Se acha a pátria ciméria, ignorada dos deuses,
 Trevosa em sítio escuro, aonde o sol jamais 400
 Envia a flâmea biga, ou Jove, o curso de astros.
 Calam-se as copas; a vernal imóvel mata
 Treme no monte. Abaixo, há a gruta, o andar
 de sombras,]
 O fragor último do mar, os vastos campos
 Em negro medo e, após silêncio, as vozes súbitas! 405
 Co'espada e em negras vestes ali Celeno estando,
 Ao erro expia o inocente e, redimido,
 Recita o canto que serena irados manes.
 Ele mostrou-me as oferendas que p'r'os mortos
 Se deviam e abriu, propício, a noite e o Érebo. 410

²⁰ As Fúrias.

Quando acender, assim, o sol as ondas púrpuras,
 Une-te aos nautas e duas reses sacrificá
 Aos grandes deuses. Já me é ilícito seguir-vos
 Enquanto cumpro, pela noite, os lustrais votos.
 Eis que Latona move o frio carro: sus! 415
 Te afasta e que se cale a praia à tua empresa”.
 O sono da alta noite à terra já ocultara
 E pelo mundo silencioso voavam sonhos
 Enquanto o Ampícida²¹, observando vigilante
 Do culto o tempo, busca o Esepo²²
 em bosques próximos] 420
 E segue o rio até às ondas do oceano.
 Ali, co’o mar purpúreo e a linfa viva e bela
 Anima os membros e se aplica a horríveis atos.
 Com vide e súplice oliveira cinge as tēmporas
 E, espada em punho, risca a praia; ergue ao redor 425
 Humildes aras a ignoradas divindades
 E com folhagens as sombreia. Quando fez
 No sítio o pio medo e a sagrada quietude,
 Invoca o sol brilhante sobre o ardente mar.
 Os argonautas, com insignes armas várias, 430
 Iam levando as reses de douradas testas.
 O délio sacerdote, ao longe, em vestes alvas
 Acorre e chama, e se detém no novo túmulo
 Guiando, co’o laurel, a mansa tropa. Ao rito
 Os leva e instrui a desatar primeiro as tiras 435
 Dos pés; com folhas verdes manda ornar as comas,

²¹ Mopso.

²² Rio da Mísia.

Ordena erguer as mãos ao fêbeo sol nascente
 E, ao mesmo tempo, se prostrar por todo o campo.
 São imoladas negras reses: parte é pêlo,
 Mas a outra parte, ao lado, Ídmon distribui. 440
 Três vezes guiou os mudos passos; três, tocando
 As vestes e armas dos heróis, lançou p'ra trás,
 No mar, as lustrações; o resto as chamas ardem.
 Os troncos de carvalho e as efígies dos homens
 Dispõe, em culto, e liga os falsos armamentos. 445
 P'ra ali invoca as ameaças do Estige
 E a ira do sangue: que os remorsos acometam-nos.
 Co'expiação canto roga: "Parti, mortos
 Cessai a raiva inesquecida. Haja-vos paz
 E amor à plaga estígia; longe de nós sede, 450
 Longe do mar, e retirai-vos das batalhas.
 Que eu não vos queira aproximar das gregas urbes
 Nem a ulular nas encruzadas, p'ra que a peste
 Ou o tempo mau não venha às messes e aos rebanhos,
 Que o povo ou filhos estes atos não expiem". 455
 Depôs no altar ramado as sumas oferendas,
 Libou e, presto, mansas cobras as colheram –
 Servas das sombras, com as línguas dardejantes.
 Ordena o Ampícida embarcar, sentar nos tostes
 E não volver a vista à terra: que olvidassem 460
 Da mão os feitos e o que ao Fado se devera.
 Alegres, uns ajustam armas, outros cobrem
 Com toldo o alto convés. Ouve-se o som dos remos
 Estrepitosos e a união das ledas vozes.

Qual quando Jove, do Cerâneo²³ a urgente nuvem 465
 Arreda e afasta da montanha e, de repente,
 O mar e as rochas fulgem, volta o claro céu,
 Assim os ânimos retornam. Já na popa
 O piloto balança e por firmar se esforça.
 Eurito, sem o manto, e Idas, não temendo 470
 Dos ditos de Talao, a disputa iniciam;
 Animam-se os demais e erguem, co'o peito as águas.
 Há igual labor no urro e no empuxo, e revolvido
 A remo, ao mar invade a nau. Gritou, contente
 O Alcides: “Quem chama ao embate estas
 correntes?”] 475
 E, enorme, a alçar-se sobre as ondas encrespadas,
 Golpeou o peito com o remo que partira-se.
 Derrubou, ao cair, Eribote, Talao
 E Anfião, que longe a salvo cria-se do imenso;
 Teu banco, Ífito, a cabeça suportou. 480
 Nas arcadas do céu, já Febo vicejara
 Ardente, e o meio dia as sombras afastara.
 Lento, sem força humana, Tífis guiava o barco
 À praia, que conduz da mata mísica aos montes.
 Por grandes olmos busca o Alcides, segue-o Hilas, 485
 Que se atrasava pelos passos desiguais.
 Quando, no sumo empíreo, Juno o vê da nau
 Baixado, ao crer que é tempo de fazer-lhe mal,
 Trama enganar a Palas – guia de seu curso
 E amiga de aflições – e do irmão afastá-la 490
 Para que não ocorra atraso em seus projetos.

²³ Montes do Epiro.

Então, assim lhe diz: “Por força iníqua expulso
 Pelo bando do irmão, bem sabes com quais crimes,
 Já Perses²⁴ armas move, e as insígnias hircânicas.
 Por seu turno, se alia Eetes aos reis da Cítia 495
 Por pacto nupcial. Ligeiro, o genro Estiro
 Conduz à porta albana²⁵ as tropas reunidas.
 Grande guerra! O Gradivo atíça as montarias.
 Tamanha nuvem vês se erguer por sobre Arcto?
 E quanta água escura encontra-se suspensa? 500
 Toma caminho. Quando houver Perses cruzado
 Os limites do Fase e marchado à cidade,
 Os projetos ultima; urde, um pouco, demoras
 Por arte e planos teus. Garante virem reis,
 Filhos de deuses, a quem unam povo e armas”. 505
 Embora a virgem aflições e ardis perceba
 Na madrasta, que em rosto afável escondia-os,
 Rapidamente acede e parte para a praia.
 Juno geme e, afinal, interrompe o silêncio:
 “Ó trabalhadeira, ó ser invicto aos ódios meus. 510
 De ameaças cansada, em qual fera nemeia
 Ou lérnea confiarei²⁶? Eu vi o herói lutar
 Co’o monstro frígio, abrindo ao mar vencido Pérgamo.
 Agora, irmã de reis, que honor dos povos tenho?
 As afrontas, há muito, e iniciais dissabores, 515

²⁴ Filho do Sol e irmão de Eetes.

²⁵ Albânia: região entre o mar Cáspio e a Cólquida, ao pé do Cáucaso.

²⁶ Dois dos monstros vencidos por Hércules: a Hidra de Lerna e o Leão de Neméia.

Pelo infante sofri co'as serpes esmagadas²⁷.
 Buscar eu não devera ao jovem mais desgraças
 Ou, talvez nem, vencida, a tais lutas lançar-me.
 Pudor, porém, insiste em teus fitos, resiste
 Co'astúcia; incitarei logo as Fúrias e Dite²⁸". 520
 À esquerda o olhar voltou, à serra de pinheiros,
 Às ninfas que, em formoso grupo aproximavam-se,
 Das ondas e da mata o orgulho: co'arco todas,
 Verdes pulseiras, mirto preso em finos fios,
 Saias acima do joelho, ondeadas comas 525
 Espalhadas, caindo à cinta que ata os seios.
 Ressoa a terra aos pés das irmãs agitadas
 E faz crescer a relva em delicados brotos.
 Dríope, alcançada pelo hercúleo estridor quando
 Escapavam-lhe à seta as feras, se afastara 530
 Para ver o alvoroço, e p'ras fontes voltava,
 Trazendo seu semblante assustado por Hércules.
 Do céu descida, reclinada em negra nuvem,
 Segurando-lhe a mão, a chama Juno e diz:
 "Ninfa, que desdenhaste os pretendentes todos 535
 Que para ti escolhi, eis que aportou da nau
 O ilustre Hílas, que em teu bosque e fontes erra.
 Por estas plagas viste-o a Baco conduzir
 Vencidas coortes e os despojos dos eôos,
 Os tirsos retornando, e os sacros aparatos. 540
 Qual Febo caçador, quando a lira depõe,
 Crê te ser ele dado. Esperança qual resta

²⁷ As serpentes introduzidas por Juno para matar o pequeno Hércules, mas este as matou.

²⁸ Último trabalho de Hércules: capturar o Cérbero.

À ninfa aqueia? Quanto a filha do Bebeu²⁹,
 Raptado, o chorará? E a filha do Licormes³⁰?
 Diz, e um cervo veloz, galheiro, ela suscita 545
 E ao jovem o oferece, em desvio frondoso.
 O animal, vagaroso, à fuga resistindo,
 Os ânimos lhe instiga e a correr persuade-lhe.
 Hilas aceita o desafio e, com ardor,
 De perto segue a presa, enquanto, ao vê-lo, o Alcides 550
 O incita. Estão os dois já fora de sua vista
 Quando o cervo conduz o jovem, que o persegue
 Co' a exausta mão brandindo o dardo, até u'a fonte
 E, sobre as águas intocadas, ele escapa.
 Frustrado o moço, já não tenta prosseguir 555
 E, como o suor lhe porejava ao peito e aos braços,
 Com sede debruçou sobre um grato riacho.
 Como um lago reluz quando a Cíntia vigia
 No céu, ou fêbeo disco ardente cruza o zênite,
 Assim a água brilha, e não turbam-na sombras 560
 Crina ou rumor da ninfa a erguer-se para um beijo.
 Co'ávidas mãos o puxa; e a ele, ah, já é tarde
 Para chamar ajuda, ou invocar o amigo.
 Seu pender para diante as forças auxilia.
 Já na mata sombria, o herói tiríntio um olmo 565
 Derrubara, co'estrondo arrancado da terra,
 E sobre a fulva pele horrível³¹ o deitara,
 Buscando o litoral. Crê Hilas ter voltado
 Trazendo provisões e a fera capturada.

²⁹ Lago da Tessália.

³⁰ Rio da Etólia, cuja filha se enamorou por Hilas.

³¹ Pelo do Leão de Nemeia.

Mas, triste, não o vê nem junto aos companheiros 570
 Ou pela praia, nem olhando mesmo ao longe.
 Excita, então, o Amor, por más nuvens ferido,
 Várias inquietações: prender-se-ia em qual praia?
 Qual desgraça ou labor causaria o atraso?
 Nesse entretempo, a noite escura já se deita 575
 Com medo imenso; vêm Palor e o melancólico
 Delírio. Como ao nauta o olhar de Jove o peito,
 No inverno, gela, e ao lavrador, quando se ajunta
 A sombra assustadora, assim do amigo a falta
 O Alcides fere e o faz lembrar da cruel madrasta. 580
 De pronto, como um touro atingido no peito
 Por mosca alada salta e tomba tudo aquilo
 Que encontra no cercado, assim ele se arroja
 Para os montes em fuga. As montanhas e a mata
 Se atemorizam pelo que, por dor tomado, 585
 O Alcides faça, ou realize ira tamanha.
 Qual leão ensangüentado, atingido por lança
 Do covarde africano, é espantado a rugir
 E sob os dentes rasga o ausente inimigo,
 Assim, mostrando o rosto em fúrias, o Tiríntio, 590
 Co'o arco teso, é levado e corre p'ra's montanhas.
 Ai do homem inocente, ai das míseras feras
 Que no caminho encontra. Em desordem dispara,
 A tudo perseguindo, e já se lança aos rios,
 Às corredeiras no rochedo e pelos bosques. 595
 Pelos desvios ele clama: "Volta, Hilas";
 "Volta, Hilas", responde a mata, e o eco porfia.
 Mas dos nautas o intento é firme, e nos bons ventos
 A confiança. Não por Hilas se detêm,

Posto sua grata juventude, mas por Hércules. 600
 O chamam todos, entre lágrimas e rogos,
 Atordoados de medo à praia as vozes lançam
 E, em noite adiantada, as fogueiras levantam.
 O capitão vê o mar por ventos alisado
 E, no alto da montanha, o completo silêncio; 605
 Transido de afeição imensa, chora o herói.
 Saudoso, busca seu andar, a aljava às costas,
 No silêncio da mesa o melhor dentre os nobres,
 O que, outrora, portando o vinho em mão ingente,
 Da impiedosa madrasta as maldades contava. 610
 Porém, no entanto, Juno cruel chama os Iapígios³²
 E, com o crepúsculo, os despacha. O ousado Tífis,
 Co' o atraso impaciente, increpa os vacilantes
 E exorta-os a romper no curso aberto o ócio.
 Por fala instante alterado o ânimo, Jasão 615
 Acede e logo diz assim aos companheiros:
 “Quem dera, quando eu urdia às cítias terras mortas,
 Parnásia voz mentidas sortes me trouxera:
 De toda a tropa, o que maior em armas fosse,
 Por ordem jóvea e sina, este se reteria 620
 Ante o mar proceloso e os rochedos moventes –
 Nem mais se ergueu de herói a fama ou certo vate.
 Mas, eia, embora os corações variem dúbios,
 Deliberai e, se co' o vento o rumo chama-vos,
 Apressai e tornai comigo à obra em curso; 625
 Mas tolerar o atraso, e de novo buscá-lo
 Nos montes próximos é preço leve ao tempo”.

³² Ventos do mar Adriático.

Há muito presos à ilusão, os jovens pedem
 Seguir caminho: dizem um só estar ausente
 À larga empresa; e neles raça e mãos potentes 630
 Não faltarem. Mor parte alça o ânimo co'orgulho
 E os corações, co'a língua vã, se ensoberbecem –
 Qual leda corsa que conduz ao bosque a cria
 Ou se alvoroça o javali e a ursa responde
 De perto aos lobos, quando o tigre belicoso 635
 Partiu ou o leão, mudo, ocultou-se na caverna.
 Mas, pio, Telamon por ira imensa agita-se
 E, contestando com fragor em sevos ditos,
 Proseguendo e implora, com lamento magno aos deuses.
 Repetindo, segura os homens e se achega 640
 Ao cabisbaixo capitão: não fala de Hércules
 Mas de um nauta qualquer, embora seja fama
 Que à região e às feras gentes pela praia,
 Contrário, um novo Alcides não poder ser dado,
 Nem tanta força. Por seu turno, anima e incita 645
 O Caledônio³³ aos favoráveis, defendendo
 Com o melhor o pior, sempre mantendo o inverso,
 Duro e esquecido da sentença insuperável
 Dos retores. Diz: “Não o sumiço de Hércules,
 Porém tua honra, esta mudez, co'as queixas últimas 650
 Nos trouxe, até dares o tempo e a vez da fala.
 Dos altos montes, aqui desce o Austro sétimo
 E já, talvez, chegasse a nau às praias cítiás.
 Qual se alegria alguma houvesse aos que retornam,

³³ Meleagro.

Porém micênio duro rei³⁴, da pátria imêmorez 655
 A meio rumo nos detemos. Se eu pudesse
 Tolerar a demora e este tempo vazio,
 Teria hoje o dulçor do cetro e a Caledônia;
 Feliz por minha paz, seguro, ficaria
 Onde estão pai e mãe. Por que em ociosa terra 660
 Nos quedamos ou o mar vazio a vista cansa?
 Crês, além disso, que o Alcides, junto ao Fase,
 Há de estar, e o carcás te seja companheiro?
 Não esquece Juno a chama de ódios e de seu
 Poder cansado. Quiçá, novos monstros tártaros 665
 Ou o mensageiro da ináquia Argos o aflijam.
 Tal jóvea prole não te é dada, mas te ficam,
 Em raça iguais, Cástor e Pólux, e dos deuses
 Outros filhos – não pouca é minha fé na estirpe.
 Para onde chames, seguirei e mandarei 670
 Armadas tropas: minha força e o próprio sangue
 Teus serão – já reclamo o máximo dos feitos!
 Que estive nossa salvação nas armas de Hércules,
 Que foge, é fato. Eis, todos levam iguais faces
 Mortificadas, mas, no ritmo, ir-se-ão os remos. 675
 Há muito, ou pela fúria insano, ou muito altivo
 Por já alcançada a glória, o consórcio despreza
 E se recusa a ser amigo em nossos feitos.
 Vós, que a virtude e a esperança iniciais,
 Enquanto há ardor de suportar e força aos membros, 680
 Pelejai! Que não baste dar aos colcos mortes

³⁴ Eristeu, rei que ordenou a Hércules que executasse seus Doze Trabalhos.

E ter singrado o mar por toda a juventude.
 Mais longa foi-me a espera que em tais circunstâncias
 Pode ser: o amor fez-me buscá-lo nas matas
 Vociferando – não deixei lugar algum. 685
 Também agora, ao que me hesita a opinião,
 Anseio vê-lo regressando do alto monte.
 Bastam as lágrimas a quem, crê, foi levado
 Pelos azares, ou por chaga em meio a lutas!”
 Urge o Enida e logo à tropa a fala incita. 690
 Antes de todos, ordenava Cálais a âncora
 Içar-se. O Eácida as fúrias dos ovantes
 Contempla e grande dor alcança o coração
 Do herói: ou deixe, com tão triste ação o amigo,
 Ou, lamentando, pelos picos altos busque-o. 695
 Não cessa ainda de verter ais e iras vãs:
 “Por Jove”, diz, “Que dia é este à terra aqueia!
 Quanta alegria os selvagens colcos ganham!
 Esta arrogância e esta soberba co’as palavras
 Não tinha quando, na orla pátria, o Austro chamando, 700
 Todo o favor era p’r’o Alcides: ele mesmo
 Comandaria e manteria o honor e o posto
 De capitão. Já sois iguais em força ou raça?
 É igual ao vulgo a nobre mão? Nem pranto a Hércules
 Há, ou lealdade? O comandante ora é um Partônide³⁵ 705
 Ou um trácio? O anho ao leão medroso ataca?
 Por esta lança, de Didimo grande espólio,
 Que não trará nem verdes brotos nem mais sombras,
 Dês que arrancada das montanhas, mas, da mãe

³⁵ Meleagro era filho de Eneu e neto de Partáon.

Tirada, fiéis officios cumpre e duras lutas, 710
 Juro e te afirmo, ó capitão, por estas forças:
 No medo, amiúde, em grave risco chamarás
 Já tarde a hercúlea ajuda e as armas desprezadas;
 E essa arrogante fala em nada ajudará” .
 Com tais terrores a inquietar os homens, chora 715
 E suja o Eácida co’areia a cabeleira.
 Os Fados levam e Jasão, do ardor dos homens
 Subtraído, os olhos aflagava com seu manto.
 Os corações, de vero luto, então se tomam,
 Ao se sentarem, sem do leão o pêlo, e vago 720
 Tamanho espaço do remeiro. O pio Eácida
 Chora; entristece o peânccio³⁶ peito; se lamenta,
 Co’o doce Cástor o irmão Pólux. Indo a nau,
 O Alcides todos inda chamam, chamam Hilas
 E, em meio ao mar, já os nomes perdem-se. Ao longe, 725
 No entanto, Fórcis³⁷ dá um sinal por toda a água
 E, indo p’ras grutas, com o torcido búzio chama
 Imensas focas. Logo o líctio, o massilo³⁸
 E o pastor calabrês retornam das searas.
 De pronto, nos confins do sol, a noite às terras 730
 Hiberas escondeu e o ergueu no céu os astros.
 Calou-se o vento e jaz o mar com mansas brisas.
 Não vê o Alcides novo espaço em que procure,
 Rumo em que busque, nem quê diga ao pai do amigo,
 Ou com qual ânimo procure os companheiros. 735
 Arde o amor e lhe impede afastar-se das selvas.

³⁶ Filoctetes.

³⁷ Filho de Nereu.

³⁸ Povos da Numídia e de Creta.

Não de outro modo, outrora a leoa, sem sua prole,
Voltou-se com um gemido e a tropa, em grande medo
Presas, a vigia; a dor, no entanto, fecha os olhos
E a imunda juba, em triste luto, se derrama. 740

CANTO IV

Não o suportou o Pai dos deuses com bons olhos
E, pelo pio amor do filho comovido,
Com ira ardente increpa Juno temerosa:
“Como alegrias ora se erguem em teu peito?
Desatina o Tiríntio e, só, fica na praia; 5
Esquecidos do amigo abandonado, os Míneas
Ganham o mar. Ansiosa, Juno, favoreces
O capitão e lhe concedes armas e homens.
Pela guerra atordoada e pela força cítia
Apavorada, já te vejo, em medo, trêmula! 10
Com preces, choro ou suplicante gesto vedo-te
A mim rogar. Os meus desígnios são perenes.
Fúrias e Vênus vá e chama. A ímpia virgem
Trará castigos e os ais de Eetes vingarei.¹”
Disse e mandou um orvalho, olente pelo néctar, 15
Que traz descansos e o poder dos sonhos bons.
As têmporas do filho errante, então, libou.
Co’olhos pesados e chamando sempre Hilas –
Pois deus algum tem o poder de o² superar –
Ele dormiu. A paz, enfim, tornou às selvas, 20
Nos vazios montes, rio e ventos se ouviram.
Eis o menino, visto a erguer-se na alta onda

¹ Júpiter antecipa os eventos relacionados com o amor de Jasão e Medeia.

² O Sono.

Entre guirlandas de açafão – dons da cruel ninfa.
 E, a se postar junto à cabeça, diz tais falas:
 “Por que consumes, pai, o tempo em vãos lamentos? 25
 Por Fado, é minha casa o bosque em que a ninfa,
 Lasciva me raptou, a conselho de Juno.
 Agora, a permissão de Jove me abre o céu
 E me granjeia a honra das fontes e orações.
 Ó dor! Ó doces armas que antes carregamos! 30
 Seus companheiros já agarram ledos ventos
 Depois que o Enide³ os impeliu, os exortando
 Com grito e fúria – o pagará co’ a casa e raça,
 E teus poderes à cruel mãe ajudarão⁴.
 Ergue-te e nunca te esmoreças nas agruras: 35
 Ao céu os astros levar-te-ão. Lembra-te sempre
 Do Amor, e a imagem do amigo nunca afaste”.
 Busca tocar a quem falava e à sua vista
 Se oferecia e, num vazio abraço, o estreita.
 Estende, em vão esforço, a fraca mão: de sono 40
 O corpo é bambo e a fugidia sombra o ilude.
 Com grito e pranto o segue, e os lamentos irrompe
 Quando a esperança e o sono findam co’ ato vão.
 Qual quando, por azar, no cais de pedra undíssonas
 Uma onda arranca o ninho e a cria ao maçarico, 45
 Aflita, a mãe, as vagas segue e se lastima
 E, certa, vai p’ra onde a levem, e ousa e teme,
 Até que cansa e o ninho é imerso pelo fluxo –
 Ela, a sofrer, grita e se alteia com suas asas;

³ Meleagro, filho de Eneu.

⁴ Alteia, que jogaria no fogo a brasa destinada a consumir-se com a vida e Meleagro.

Não de outro modo foi o sonho: insano, se ergue 50
 E banha as faces com suas lágrimas: “Vou”, diz,
 “E ficarás, menino, só nestas montanhas
 E ermas paragens? Nossos feitos não verás?”
 Retoma o rumo, o tendo dito, e deixa os vales
 Incerto do que Juno apreste ou que iras traga. 55
 Mas vê, ao longe, os companheiros apressados
 No mar e, mudo, se envergonha do abandono.
 Já à hospitaleira Tróia e aos teucros retornava
 Buscando os dons pelo tirano⁵ prometidos
 Quando, tristes, Latona e Diana se postaram 60
 Perante Jove, e Apolo, súplice, assim disse:
 “A que outro Alcides, a qual tempo, grande rei,
 Guardas do Cáucaso o ancião⁶? Não darás fim
 À pena e aos males? Pede-o toda a raça humana
 E mesmo os montes, pai, a mata e a serra exausta 65
 Insistem. Já do fogo o furto assaz puniste
 E os segredos da mesa etérea preservaste⁷”.
 Do rochedo, em meio ao pasto do terrível
 Abutre, o velho, com gemido e triste voz,
 Erguendo os olhos pelo frio cruel queimados, 70
 Implora a Jove. O fragor dobram os caucásios
 Rios e picos; co’o clamor, a ave espanta-se.
 Do Aqueronte também, na suma arcada, Jápeto⁸
 É ouvido, e então, se aparta a Erínia⁹ do implorante

⁵ Laomedonte, rei de Tróia.

⁶ Prometeu.

⁷ Possível engano de Valério Flaco, uma vez que foi Tântalo quem roubou o néctar dos deuses, para se tornar imortal.

⁸ Titá, pai de Prometeu.

⁹ Uma das Fúrias, vingadora dos crimes contra a ordem natural.

Cumprindo a lei de Jove que, em honor a Febo 75
 E comovido pelos rogos dos divinos,
 A veloz Íris enviou com róseas nuvens:
 “Vai, e que as lutas contra Tróia adie o Alcides
 E que do abutre”, diz, “agora o titã livre”.
 Voa a deusa e ao herói a urgente ordem do pai 80
 Transmite e o alegra com feliz exortação.
 Já em meio o mar os Míneas guiam pelos astros
 Da noite clara, em manso curso, as cavas velas
 E os feitos de Hércules, que deixam, tanto lembram.
 Porém, o vate trácio¹⁰, aos nautas, da alta popa 85
 Fados divinos aliviando, e o dó da vida,
 Medicinal, eleva um canto, na cadência.
 Tão logo a lira é em punho, dor, ira e fadiga
 No peito cedem, e dos filhos as saudades.
 Aquando os astros já poentes no limite 90
 Gerador do Oceano, a gruta do titã
 Co’os freios soa. O Sol, trazido pelas louras
 Horas, se cinge de fulgor e co’a couraça
 Por doze astros ornada¹¹, a que o talim se prende
 E, contra os nimbos, pinta o arco p’r’os mortais. 95
 Sobre as terras, então, e nos picos do oriente
 Brillhou e o dia co’alvas nuvens impeliu;
 Mas visto Febo, os ventos deixam os Argonautas.
 Próximo se desvela o litoral bebrício,
 Gordo solo, região propícia a fortes touros. 100
 Âmico é o rei; no seu nume¹² e sorte os confiados

¹⁰ Orfeu.

¹¹ Ornada pelos doze signos do zodíaco.

¹² Âmico era filho de Netuno e da ninfa Mélia.

Nunca muraram casa ou pacto algum respeitam,
 Nem cultivam as leis que governam as mentes.
 Qual, nas covas do Etna, os ciclopes irados
 Procuram mar adentro, em noite tormentosa, 105
 A nau guiada a vento, e os sinistros repastos –
 Tua seva refeição, Polifemo! – assim, juntos,
 Buscam por toda parte os corpos apresados
 Que conduzam ao rei. Sobre u'a rocha no mar,
 O próprio fero os lança, em honra ao pai Netuno. 110
 Apareça, porém, herói mais corajoso,
 Lhe ordena pegar arma e enfrentá-lo co'os cestos:
 Tal é a sorte mais digna à morte de um coitado.
 Netuno, ao perceber a nau no mar levada,
 Por derradeira vez, fitou do filho as praias 115
 E o campo, antes feliz co'as lutas de seu rei.
 Gemeu e expediu do peito tais queixumes:
 “Mélia, infeliz, por mim raptada de entre as ondas,
 Que pelo mor Tonante enleada antes fosses!
 Até quando a Fortuna à minha prole inteira 120
 Infausta permanece? Assim compreendi, Jove,
 Fazeres dêes que por injusta arma da Virgem,
 Triste, Órion pereceu, e ora no Caos habita.
 Virtude ou confiança em mim não dêem-te agora,
 Filho, ânimo, nem mais esperes pátrio auxílio. 125
 Já outras forças há, maiores que meu sangue:
 Vence o Fado de Jove, aos seus mais cuidadoso.
 Por isso, com tufões, não quis desviar a nave
 Nem detê-la; afinal, não haverá tardança
 P'ra tua morte. Ó Cruel, os reis mais fracos mata!” 130
 Retira o pai o olhar; o filho à luta deixa

E com sanguíneo esto inunda a terra inteira.
 De pronto, o capitão ordena se explorarem
 Rios, praias e gente. Equion, saindo apenas,
 Achou no escuro vale, às ocultas gemendo, 135
 Um jovem a chamar do amigo morto o nome.
 Ao ver chegar o herói, co'as têmporas cobertas
 Por barrete parrásio à maneira do pai¹³,
 Levando o signo, em vão, da pacífera Virgem¹⁴:
 “Quem quer que sejas”, diz, “foge agora, ó perdido, 140
 Enquanto é dada via”. O Nonácrio se espanta
 Com aquilo que ouve e vê. Compreendendo o aviso
 De regresso veloz na fala repetida,
 O arrasta e o faz contar tal coisa aos companheiros.
 Aquele, a mão tomando: “Esta terra” lhes diz, 145
 “Não vos é amiga. Aqui, reverência alguma há
 Nos corações. A praia habitam morte e lutas.
 Ânico já virá, exigirá os cestos
 E as nuvens socará no vasto firmamento.
 O filho de Netuno enfurece-se contra 150
 Os que chegam à terra e oferta os desvalidos,
 Qual indolente touro, em cruel altar dos deuses,
 De forma que mergulhe os cestos dentro ao cérebro.
 Deliberai, mas não gasteis tempo de fuga.
 Enfim, quem há que, em vão, se atreva a combater 155
 Tal monstro? Qual prazer existe em tê-lo visto?”
 A este, o capitão: “És bebrício, mas de ânimo
 Contrário ao rei? Melhor sempre é o favor do vulgo!

¹³ Equion era filho de Mercúrio.

¹⁴ Oliveira, símbolo de Minerva.

Ou estrangeiro és, trazido pelo Fado?
 E por que Âmico ainda a ti não destruiu?” 160
 “Segui o nome”, diz, “o nome a mim mais doce,
 O do unânime Otreu¹⁵, honra e festiva glória
 Dos seus, valioso amigo em vossas aventuras.
 Ledo nubente, indo buscar a frígia Hesíone,
 Âmico o fez lutar; aqui esteve e os cestos 165
 Calcei-lhe. Mas de longe, à face levantada,
 A destra fulminante acertou rosto e olhos.
 Nunca da morte digno, e nem das lutas, fui,
 Antes sou consumido em luto inerte e lágrimas.
 Chance apenas, se o núncio estas terras deixou 170
 Alcançando a cidade, a pátria mariandina¹⁶,
 E Lico, o irmão de Otreu. Mas torço que não possa
 E nem ouse a derrota em combates inúteis!”
 Quando, por valentia açulados, os jovens
 O ouvem, ele já vê o ânimo endurecer-lhes. 175
 Que o sigam lhes suplica, e apressa-lhes o passo.
 No fim da praia, imensa, vê-se uma caverna
 Por árvores coberta, a crista tendo à mostra;
 Nem atrai fogo etéreo e nem os dons dos deuses;
 Desgraçado lugar, fremente com estrondos. 180
 Pavores há na rocha: arrancados do tronco,
 Aqui, braços viris e, mortos pelos cestos,
 Ossos podres; u’a fila horrível de cabeças
 Nas estacas e nome algum àquelas faces,
 Sob as chagas, restava. Ao meio, suas armas 185

¹⁵ Rei da Frígia.

¹⁶ Mariandinos: povo da Bitínia.

Temidas, ao altar do grande pai votadas.
 Recordaram primeiro o aviso de Dimante¹⁷.
 Medo e imaginação do monstro sobrevêm,
 E todos, entre si, o mudos olhos correm
 Até que Pólux, bravo, esplendente seu rosto, 190
 Diz: “Embora o terror, farei, quem quer que sejas,
 Que tua mata te traga, acaso tenhas força
 De ver luta feroz é a vontade de todos.
 Chamam pelo gigante e pedem o confronto -
 Tal qual touro que, ao fundo, em rio caudaloso 195
 De desconhecida água a corrente despreza
 E mostra o curso, logo a grei toda, sem medo,
 Já atrás o acompanha e se adianta nas ondas.
 E das matas, ao longe, o gigante trazia
 O rebanho à caverna. O seu bando, ao olhá-lo, 200
 Se emudece em pavor. Nenhum sinal de vida
 Resta. Tal qual é uma rocha que se alteia
 No alto da serra e, só, permanece isolada.
 Em fúria, então, se abaixa e antes não inquire
 Raça, curso ou razão, mas brada com tal ira: 205
 “Começai, jovens, pois, eu creio que a ousadia
 Trouxe-vos, livremente, às praias desafiardes.
 Mas, se em falha de rota, onde estais não sabeis,
 Esta é a casa netúnia e eu mesmo sou seu filho. 213
 Aqui a lei é minha – o pugilato e os cestos. 209
 Por isso, a imensa Ásia e o que, à destra e à sinistra,
 Ao norte banha o mar, contemplam meus domínios.
 Daqui só voltam reis, depois deste combate.

¹⁷ Amigo de Otreu.

Ocioso, há muito, é o cesto, e fria, a seca terra – 214
 Sem arrancados dentes. Quem apostará?
 A quem, primeiro, eu trago o dom? Terá em breve
 O mesmo honor dos outros. Não adiantam preces
 Sem fuga em terra ou ar, nem súplicas nem prantos
 Movem-me o coração: só alhures Jove é rei!
 Farei que nau alguma o mar bebrício vença 220
 E que, no inane ponto, choquem-se as Simplégades”.
 Dizia coisas tais quando Jasão, ligeiro,
 Os Eácidas logo¹⁸, a prole caledônia
 Mais Idas e o Nelida¹⁹, os altos nomes gritam,
 Porém, co’o peito nu, já Pólux se levanta. 225
 Pavor; e o gelo, então, em Cástor parou o sangue
 Pois, na luta, não vê do pai a face eleide,
 Não soa o ebálio aplauso ou o cume do Taigeto,
 Qual quando, vencedor, se lava em rios pátrios.
 Não são prêmios da arena o touro ou o corcel, 230
 Mas os Manes e a porta aberta para a morte.
 Ânico, então, o encara, as faces perlustrando:
 Nem fronte carrancuda ou porte truculento,
 Apenas os sinais da tenra juventude.
 Tremendo, os olhos torce, em fúrias implacáveis. 235
 Qual Tifeu ostentando as estrelas cativas,
 Do céu o mando, Baco e Palas sob o gume,
 Da Virgem padeceu as serpes oponentes²⁰,

¹⁸ Tideu e Meleagro.

¹⁹ Periclímeneo.

²⁰ Os gigantes, decididos a conquistar o poder supremo, atacaram os deuses durante um banquete. Estes todos fugiram, disfarçados de animais.

Assim ele acomete e aterra com grunhido:
 “Apressa-te, infeliz, que não te restará 240
 De um belo rosto a honra; e o íntimo semblante
 A mãe não mais verá. És o eleito entre os nautas?
 És tu quem vais morrer pelos punhos de Âmico?”
 Sem mais, exhibe o largo peito, ingentes ombros
 E os horrorosos braços, com disformes músculos. 245
 Até Pólux se assusta, e os Míncias se quebrantam.
 Do Alcides lembram tarde e, c’olhos de esperança,
 O procuram em vão pelos montes tristonhos.
 Do rei equóreo o filho assim falou, então:
 “Vê do touro cruel estas duras correias. 250
 Não implores a sorte e calça agora os cestos.”
 Disse, insciente do Fado a urgir o sacrifício
 E, pela última vez, dá as mãos p’ra se armarem.
 Igual faz o lacônio. Entre os antes estranhos,
 Áspero ódio se ergue e, p’r’o meio da arena, 255
 Vão o sangue de Jove e a prole de Netuno.
 Aqui e ali, silêncio entesado por preces.
 Tártaro, finalmente, em cava nuvem manda
 À espetacular luta as sombras suplicantes
 Dos mortos. A cimeira enegrece nos montes. 260
 De contínuo, o bebrício, igual máleo²¹ tufão,
 Faz o rapaz erguer os punhos e a cabeça,
 Temerário, a altear nuvem da correria
 Que, inumana, percorre e envolve a arena inteira.
 Pólux, com medo e alerta, alternos peito e cestos, 265
 Aqui e ali, cerviz mantida sempre em guarda,

²¹ Málea: promontório do Peloponeso.

Sobre a ponta dos pés, na poeira do chão,
 Atrevido, revida. Igual nave apanhada
 Por borrasca no mar, que a atenção do piloto
 É tão só o que tem, ilesa singra as águas 270
 Revoltas pelo vento, assim Pólux, esperto,
 Segue os golpes e ginga a testa, em arte ebália.
 Quando, então, dissipou as iras do gigante
 E seu ardor lançou nas nuvens, pouco a pouco,
 Ainda forte, fez cair do punho os cestos. 275
 Foi o primeiro dia a ver os membros de Âmico
 Exaustos em suor, boca seca e ele lento.
 Nem sua pátria ou povo já conhece o rei.
 Arfam os dois e, um tanto, os braços revigoram,
 Como quando o Gradivo anima, no seu campo, 280
 O lápita e o peônio, apoiado na lança.
 Eis que atacam tão logo aprumados; os flancos
 Ressoam. Força nova e mais vigor ressurgem.
 A um o pudor impele, a outro, a esperança
 Cada vez mais audaz. Fumeia o peito aos golpes 285
 E a serra ecoa em ais, igual quando Vulcano
 O grupo de artesãos vigia, e o ciclope
 Forja o raio, estrondeando a vila co'as pancadas.
 Pólux levanta a destra e com ela ameaça;
 Preparado o bebrício, os olhos nela prende. 290
 O outro, porém, lhe acerta a face com a esquerda.
 Prorrompem co'alegria, aos brados os comparsas.
 Do furioso, aturdido em murro sorrateiro,
 O Ebálide se afasta, enquanto a ira aplaca-se,
 Assustado ele mesmo, e ciente da audácia. 295
 Âmico se transtorna e, enlouquecido e ávido,

Confrontando o herói porquanto vê ao longe
 Os Míncias triunfando, os cestos ergue e ataca.
 Pólux entre estes passa e se atira contrário
 À carranca feroz, mas balda-se a esperança: 300
 Ambas mãos caem no peito. O outro, furibundo,
 Eis que agita de novo os braços no ar vazio.
 Pólux o vendo perder siso, os joelhos junta,
 O flanco põe à mostra e acompanha-lhe a queda;
 Não lhe permite andar, o empurra e o segura 305
 E, livre, espanca o tonto, a golpes repetidos
 De cima a baixo. Zune a testa despencada
 E, pelas dores, tomba. Escorre suor nas têmporas
 Da orelha mana sangue, e a mão direita rompe
 O elo vital que une a vértebra à cerviz. 310
 Derrubando o oscilante, o herói sobre ele pisa:
 “Eu vim de Amiclas²², Pólux sou, filho de Jove”,
 Fala, “Dirás meu nome às sombras admiradas
 E assim serás famoso em tumba memorável!”
 Sem amor pelo morto, os bebrícios se espalham 315
 Rumo aos bosques e ao monte, apressados escapam.
 Tal é o destino – o povo enfim se afasta de Âmico
 Que resguardava o mar bravio ansiando ter
 Contínua jovem força e os séculos do pai.
 Dos homens grão pavor, estendido ele ocupa 320
 Larga veiga, tal qual se uma parte do Érix
 Ou o Atos²³ todo caísse um dia. O vencedor
 De o ver não cansa; ao morto, perto, contemplando,

²² Cidade da Lacônia.

²³ Érix e Atos: montes da Sicília e da Macedônia, respectivamente.

Tem fixo o longo olhar. Co' abraços apertados
 Todo o grupo de heróis o saúda à porfia 325
 E das cansadas mãos tirar o cesto ajudam.
 “Salve, prole de Jove” em toda parte aclamam,
 “Ó celebérrimo Taígeto²⁴ dos ringues,
 Feliz proeza é esta, a do primeiro mestre!”
 Bem dizem coisas tais, fios de sangue percebem 330
 Escorrerem na frente excelente, mas Pólux,
 Intrépido, secava a ferida co'o cesto.
 Cástor, com ramos lhe cingiu armas e testa,
 E co'um verde laurel coroou suas as têmporas.
 Mirando as naves, diz: “Rogo-te, deusa, à pátria 335
 Estas ramas conduz e singra co'elas os mares”.
 Então, com duplo gume, imolam grandes reses
 E, banhados na água aplacada do mar,
 Estendem-se na relva e dispõem na folhagem
 O banquete e a oferenda, e ao lacônio concedem 340
 O melhor do festim. Ao tempo do repasto
 Ele se rejubila ao louvor dos heróis,
 Brindando ao sumo pai, à canção dos poetas.
 Já a brisa e o dia chamam, e outra vez adentram
 Ao mar no qual gelados rios lança o Bósforo. 345
 Tais águas, Nilo²⁵, não passara ainda Io –
 Dos teus a deusa, por quem deu-se nome ao ponto.
 O pio vate, então, do nobre Eagro o filho²⁶,
 Co'a inspiração materna, a história dos lugares

²⁴ Monte da Lacônia.

²⁵ Io, transformada em novilha, chegou ao Nilo, onde recobrou a forma humana e deu a luz a Epafos, futuro rei do Egito.

²⁶ Orfeu.

Canta e da ináquia vaca o exílio e que caminhos 350
 E mares percorreu: “Os velhos viam Jove
 No reino argivo, amiúde, às terras dos pelasgos,
 Descer buscando o suave fogo da iásea.
 Juno, ao sentir o dolo, acesos os ciúmes,
 Do céu lançou-se; a terra e as grutas do Lirceu²⁷, 355
 Conscientes de sua culpa, assustadas tremeram,
 Ao que a pávida amante em ináquia rês tornou-se,
 Por vontade do deus. A chama Juno e afaga-lhe
 O peito enquanto oculta a ira em rosto alegre.
 Mas pede a Jove assim: “Dá-me a vaca que, há pouco, 360
 Com a argiva abundância, o campo alimentava.
 Dá-me aquela que tem os chifres quais da Fêbea.
 Eu mesma buscarei para a arisca novilha
 Um digno pasto e a melhor fonte”. Com que fraudes
 Ou com que ardis lha poderia negar Jove? 365
 Feliz com o dom, logo, a confia ao vigilante
 Argos²⁸, que aceita o múnus, tendo os muitos olhos,
 Que não conhecem sono, espriados na testa –
 Quais pingos púrpura que a Lídia salpicara.
 Argos a obriga a ir nas rochas, pelas trilhas 370
 Horríveis de animais, enquanto ela, a tardar-se,
 No peito a fala inclusa, as preces conduzia.
 Por último, ao partir, beijou as pátrias margens;
 O Amímone chorou, e as ondas do Messeide;
 De volta aos braços seus, chamou por ela a Hipéria. 375
 Co’as patas a tremer, exaustas pela andança,

²⁷ Monte da Argólida, onde nascem as fontes do rio Ínaco.

²⁸ Monstro de cem olhos.

Quando, no sumo do céu, já Vésper declinara,
 Ah, quantas vezes quis nu'a rocha recostar-se,
 Ou, co'a boca sedenta, água e pastos buscou,
 Tantas outras tremeu o lombo sob o açoite. 380
 Mas como ela ensaiasse, ousando mesmo a morte,
 Das pedras atirar-se, Argos, presto, a levou
 A um vale e, com rigor de amo cruel, a vigiava
 Quando uma flauta soou arcádia melodia
 E, obedecendo ao pai, chegou o celênio alado 385
 A modular na avena um canto delicado:
 "Aonde vais"? indaga, "escuta este meu canto".
 Seguindo Argos de perto, ao langor da canção
 Fechados olhos nota, em doces sonhos presos;
 E, em meio à melodia, o curvo gume saca... 390
 Por Jove à forma, pouco a pouco, retornada,
 Vencedora de Juno, ia Io pelos campos,
 Mas eis que com ululo, archotes e chicote,
 Tisífone²⁹ divisa: os passos pronto queda
 E, de novo, às feições da pobre vaca torna. 395
 Não lembrada de em qual montanha ou vale esteja,
 Em errância é levada às ináquias correntes:
 Mudada quanto e quão da primeira novilha!
 Não tentam pai e irmãs dela se aproximarem,
 Que logo volta à mata, a fugir nos desvios, 400
 Da amada face qual do Estige. Ela é levada
 Por gregas vilas e por rios de altas margens
 Até que, após um tempo, arroja-se no mar.
 Abrem-se as águas e o oceano espantadiço,

²⁹ Uma das Erinias.

Previdente, franqueia a via, e ela, ao largo, 405
 Co'altos chifres refulge, e soergue a onda o colo.
 A virgem do Érebo à rica Mênfis voa,
 Esperando alcançar a que arribava em Faros.
 Contrário o Nilo – que com toda a força lança-se –
 Tisífone carrega e a arrasta contra a areia 410
 Enquanto implora ao dítio reino por socorro.
 Ao longe espalham-se os archotes apagados,
 U'estirado azorrague e os cabelos de cobra.
 Não cessa a mão de Jove: alçando-se no céu
 O pai troveja e o amor professa; a própria Juno 415
 Se espanta co'o poder. No templo fário Io,
 a tudo vê, já entre os deuses, tendo a tranças
 Por serpe atadas, co'um pandeiro a retumbar.
 Em honra à deusa, então, ali chamou-se Bósforo!
 Que a própria deusa ajude agora nossa empresa 420
 E por seu mar conduza a nau, enviando o Euro".
 Falou e os ventos bons as velas distenderam.
 Não foi em vão que a Aurora aos Míncias revelou
 Da noite o curso. Tudo é novo e à praia tíncia
 Vêem, desgraçada pelas penas de Fineu, 425
 A quem vexava a todo instante a ira dos deuses.
 Desterrado não só, e privado da luz,
 Mas as harpias tifoniades por cólera
 De Jove acossam-no e, da boca, o pasto roubam-lhe.
 Com tais prodígios, por um crime expia as penas. 430
 Una esperança: outrora os fados concederam
 Por prole do Aquilão³⁰ ser rechaçada a peste.

³⁰ Zetes e Calais, os "Boréadas" – filhos de Bóreas.

E bem Fineu sente chegar o mínio auxílio,
 Às primas ondas, pelo báculo, é guiado;
 Procura a nau e os olhos ocos alevanta. 435
 Diz, suspirando: “Salve, ajuda ansiada há muito,
 Que às súplicas me ouviu. De quais deuses sois filhos
 E o rumo que vos leva obrigados conheço.
 Assim, contava do percurso o vosso tempo
 Colhendo os feitos: quanto Lemnos vos retinha 440
 E as tropas que o infeliz Cízico conduzia;
 Senti na orla bebrícia o supremo combate –
 Mais perto a ajuda, mais minh’alma se acalmado.
 Que sou Fineu, de Agenor filho³¹, eu não vos lembre,
 Ou que em meu peito o vate Apolo fez morada. 445
 Antes, vos apiedai da presente desdita.
 Por minha errância pelo mundo, em desventuras,
 Perdida a casa ou doces luzes não é tempo
 De chorar – tardo é o lamentar da useira sina.
 Sempre as harpias acompanham meus repastos – 450
 Não há lugar onde esconder-me. Todas, logo,
 Em turbilhão, qual negra nuvem, se aproximam.
 Reconheço Celeno³², ao longe, pelos guinchos!
 A mesa assaltam e rapinam, sujam copos.
 Fedor se espalha e a triste luta se inicia. 455
 A mim e aos monstros, mesma fome. O que enjeitaram
 E conspurcaram, que caiu das unhas negras,
 Mantém-me à luz, faz tempo. O destino romper
 Co’a morte não se pode: ao vencido, a penúria.

³¹ Rei de Tiro, pai de Europa.

³² Uma das Harpias.

Salvai-me, imploro. Se os oráculos dos deuses 460
 Não me são falsos, ponde fim às minhas penas.
 A prole de Aquilão, que espanta monstros, chega.
 Não me é estranha. Já fui rei do rico Hebro³³;
 Vossa Cleópatra³⁴ em meu leito outrora esteve”.
 Calais e Zetes sobressaltam-se ante o nome 465
 Da acteia irmã. Indaga Zetes: “A quem vemos?
 És tu Fineu, o ínclito rei da odrísia costa?
 És o amigo de Febo, a nossos pais dileto?
 Da pátria a glória, onde ora está? Quanto o cansaço
 E o envelhecer pelas misérias carcomeram-te! 470
 Sus, não mais peças: teus anelos são os nossos,
 Se a ira dos deuses não persiste, ou se é aplacável”.
 Fineu aos astros soergue ambas as mãos
 E disse: “Imploro-te, primeiro, ó jóvea Ira
 Que ora me oprime: poupa, enfim, minha velhice. 475
 Haja termo! E que assim será eu creio, jovens –
 Que é do desejo vosso sem favor divino?
 Crede: não pende sobre mim culpa de crimes!
 Loquaz, o Fado, a jóvea mente, ocultos planos
 E o que de súbito, p’ras terras, preparava-se 480
 Só desvelei por me apiedar da gente humana.
 Então, houve a desgraça e o breu toldou as falas.
 Porém, as iras já cessaram. Não acaso,
 Do céu propício o próprio deus aqui mandou-vos”.
 Mudada a sorte, assim, a todos comoveu 485
 E enterneceu pela aparência dos tormentos.

³³ Rio da Trácia.

³⁴ Cleópatra era irmã de Zetes e Calais; conhecida também pelo nome de Acteia, por ser filha de Acte.

Puseram mesas e o acolhem nos tapetes;
 Assentam-se ao redor. Observam mar e céu;
 Ordenam-lhe comer e os medos afastar;
 Súbito, o pobre treme, e as mãos senis afastam-se 490
 Dos lábios pálidos. A peste, antes não vinda,
 Alada viram-na durante a refeição.
 Fedor se espalha; expira o hálito do Averno.
 Um só, aos golpes, atacaram; molestaram
 Apenas um. Nuvem cocítia abre as goelas, 495
 Luxuriante, estimulando nojo à vista.
 O chão e os leitos ultrajados pelo embuste
 Com sujo regam; batem asas; sem comida,
 A fome a todos rói. Não só Celeno, horrenda,
 Priva a Fineu, também às míseras irmãs. 500
 Os filhos de Aquilão, de repente, se lançam;
 Com ruído sobem e asas dá-lhes logo o pai.
 Por hoste nova a praga turba-se; a rapina
 Dos bicos cai. Apavoradas, sobrevoam
 Teto fineio; ao alto buscam. Os hemônios 505
 Ficam na praia e acompanham ir-se a peste.
 Qual quando, por azar, a ruir troou Vesúvio,
 Letal à Hespéria, e mal caiu, a chuva ígnea
 Cobriu as vilas do oriente com suas cinzas:
 Assim, em giros, atravessam mar e povos, 510
 E terra alguma lhes é dada em que pousarem.
 Aos fins da Jônia se dirigem, às recônditas
 Rochas, que desde então o nauta chama de Estrófadas³⁵.
 Ali, cansadas e arquejantes pelo medo

³⁵ Ilhas do mar Jônio, assim chamadas porque ali os Boréadas deram a volta.

Da morte, em vôo humilde e tímido, a tremer, 515
 Imploram por Tifeu, com nefando clamor;
 E o pai, se erguendo, alteou a noite, misturou
 Vales e montes, e no breu ouviu-se a voz:
 “Já basta as terdes espantado. Por que além
 Mandais as servas que, p’ra si, nas grandes iras, 520
 Jove convoca, posto ostente o raio e a égide?
 Ele ora ordena abandonarem de Fineu
 Também os tetos. Ouvem mando e mansas voltam.
 Mas tereis logo símil fuga, ao ser tendido
 O arco letal. Não buscarão pasto as harpias 525
 ‘Té merecerem os mortais divinas iras³⁶’.
 Hesitaram os dois, refrearam asas túbias
 E logo tornam, vitoriosos, ao navio.
 No entanto, expulsa a peste, à prima oferta a Jove
 Os Míneas voltam. Põem na mesa o vinho e o pasto. 530
 Feliz, em meio, qual se fora um doce sonho,
 Fineu suspira pelas dádivas de Ceres;
 Prova do líquido de Baco, prova d’água;
 Mira a alegria de u’a mesa não temida.
 Quando Jasão no leito o viu fruir da paz, 535
 A conduzir ao esquecimento a longa pena,
 Com tais palavras chama e pede, suplicante:
 “Teus rogos, velho, se consumam. De aflições
 Ora me tira e a meu labor a atenção volta.
 Propícia, a Sorte ainda, e com não vã ajuda 540
 (Se nos deuses há fé), afrontamos o mar:

³⁶ Tifeu antecipa a morte dos Boréadas, atingidos pelas flechas de Hércules.

De Jove a filha³⁷ para mim construiu um barco
 E a Satúrnia granjeou-me reis por companheiros.
 Porém minh'alma fiar não pode, e quanto o Fase
 E o sumo esforço mais se achegam, mais me aflige 545
 O porvir. Ídmon e Mopso, os vates, já não bastam-me”.
 Ao capitão ele rogar não mais consente;
 Tomou, enfim, laurel e fitas, invocando
 Sabidos deuses. Se estarrece a prole Esônide
 Com Fineu – qual se nunca atingido por penas 550
 Ou pela peste, tal o honor, tal majestosa
 Vetustez; vigor novo aos membros animara:
 “Ó quem por fama a todas terras chegará,
 A quem, co' o auxílio e guia dos deuses, e por arte
 De Palas, Pélias, sem querer, envia aos astros 555
 Enquanto pelo fríxio velo não espera,
 Desvelarei (o agradecer que posso dar-te)
 Lugares, sinas, o caminho e o fim das coisas.
 O mesmo Jove que vedou-me dar às terras
 O Fado, agora é favorável que eu to diga. 560
 Daqui, a rota segue ao Ponto e às Ciâneas –
 É furor seu em meio ao mar se entrechocarem –:
 Inda não viram naus: de perto, se lançando,
 Batem-se as rochas. Qual se movem as correntes
 Do mundo, e treme o solo – e vês tremerem tetos –, 565
 Assim, no mar, elas balançam e pelejam.
 Decerto, adiante, os próprios deuses te darão
 Auxílio e engenho. Com conselhos quais tua empresa
 Poderei ajudar? Porquanto no oceano

³⁷ Minerva.

Seguis por inda além dos ventos e dos pássaros, 570
 E o Pai dos mares torce as rédeas temerosas.
 Se as pedras tardem, se tão logo erguidas quedem,
 Em meio à volta há que esperar-se, então, a fuga:
 Mal tocam, céleres, confins da prima terra,
 E já se arrojam. Por clamor se toma o Ponto 575
 Enquanto, incerto entre os rochedos, erra hostil.
 Vem-me à alma a Sorte, pelos deuses conhecida
 (Direi, pois não consolarei co'inane espera):
 Quando lançou-me a jóvea Ira as aves tártaras,
 Em sevo grito, logo u'a voz cortou os ares: 580
 'Não gastes preces vãs, ou busques fim dos males,
 Ó filho de Agenor. Ao penetrar no mar
 U'a nave, e os montes no oceano se aquietarem,
 Espere, então termo das penas e o perdão!'
 Disse o deus. Logo, ou para vós, abrem-se as rochas. 585
 Ou já retornam-me à comida as diras Fúrias.
 Se, entre os escolhos, dado for passares certo,
 (E a tropa é digna) e no aberto mar saíres,
 De Lico o reino é perto, que da orla bebrícia
 Retorna vencedor. Não há por todo o ponto 590
 Lugar mais calmo. Se a algum nobre companheiro
 A local peste aqui tombar, não te esmoreças:
 Lembra o predito e p'r'o futuro guarda os ânimos.
 Ali, sob cava rocha, outro Aqueronte mina
 Água pestífera; da enorme fenda exala 595
 Fumo, e a caligem insalubre os campos toma:
 Deixa aos colonos o mau rio e seu destino –
 Co'uma só morte não se pode atravessá-lo.

Que de Carâmbis³⁸ te direi, nubesurgente,
 Ou o que das águas que Íris e Ácon³⁹ brotar fazem? 600
 Já o Termodonte os campos corta. É ali, lembrai-vos
 A ínclita raça de amazonas, do Gradivo
 a prole: então não creias nas fêmeas catervas,
 Pois são qual Ênia⁴⁰, que aos varões insulta tanto,
 E a inupta deusa, que carrega a horrenda Górgona⁴¹. 605
 Assim, que o forte vento à praia a nau não leve
 Onde, exultante, um grupo salta, em jogo altivo,
 Co'os cavalos de pó cobertos. Treme a terra
 Co'a grita e o Pai, brandindo a lança, incita a luta.
 Porém não seja, embora cruel, por ti temida 610
 Calíbea raça⁴² que padece arando em pedras
 E cuja casa ígnea ao malho sempre soa.
 Dali, há muito reis por toda a orla das praias –
 Que fé no abrigo não despertam. Mas que a nau
 Em linha reta siga – e as velas, de igual modo; 615
 Alcançarás, enfim, as correntes do Fase.
 Fraternal Erínia e quartel cítio ali já surgem:
 Ajudarás ferozes colcos e o inimigo.
 Então, não vejo mais perigo e ainda a sorte
 De conquistar o ansiado vela ser-te-á dada. 620
 Porém, não creias só nas forças e nos ânimos:
 Prudência, amiúde, pode mais que a forte destra.
 Te aferra à ajuda que um deus traga. Últimos Fados

³⁸ Promontório da Paflagônia.

³⁹ Rios da Paflagônia.

⁴⁰ Ou Belona, deusa da guerra.

⁴¹ Minerva;

⁴² Povo afamado pela mineração.

Nefasto é expor – calar eu peço”. Assim findando,
 Deixou de novo às mudas trevas a resposta. 625
 Jasão apressa os consternados companheiros;
 A demora abrevia e o tempo de ter medo.
 Fineu aos homens acompanha, às primas ondas
 Se encaminhando. “Honra de Bóreas” – indagou –
 “Como pagar-vos posso a ajuda, que agradeço? 630
 Ora me sinto estar de novo no Pangeu
 Na pátria Tiro, e doces sóis a mim surgirem.
 Deveras hão partido os pássaros expulsos?
 Não os temerei? É a salvo o pasto? Consenti
 As faces vos tocar, e unir as mãos e peitos”. 635
 Falou. Partem da terra e o litoral se esconde.
 A todos logo sobrevêm, em seva imagem,
 As Ciâneas e o labor. De onde e quando virão? –
 Pensam; arrostam medo e não desviam olhos
 Cansados de espiar as ondas ao redor, 640
 Quando u’estrondo se ouve e, ao longe é a insana rocha,
 Que aos homens rocha já não era, mas, no mar,
 Caída parte do estrelado. Enquanto apressam
 Levar em fuga o barco ao mar, o mar de súbito
 Abrir-se vêem e se afastarem os rochedos. 645
 Por frio medo todos remos são tomados.
 Jasão, correndo sobre as armas, sobre os bancos,
 Exorta os homens; suplicante, estende as mãos
 Chamando cada um: “Onde estão as promessas
 E ameaças dos que vêm comigo às águas? 650
 Causara medo igual a caverna de Âmico:
 Persistimos e um deus nos ajudou. Por isso
 Creio que o mesmo deus de novo ajudará”.

Dito isso, toma o banco ao pávido Falero;
 E rema. Por pudor instada a tropa o segue. 655
 A onda aderna os esforçados e o mar foge.
 Chocam-se as pedras e, com toda água, as Ciâneas
 Devolvem vagas encrespadas. Por duas vezes
 Penhas e rochas, contra rochas, retumbaram;
 Por duas vezes relampeou no alto aguaceiro. 660
 Tal como o raio repartido escapa às nuvens
 E espalha fogos pelas trevas, pelos nimbos,
 Trovões terríveis ruem; corta à noite a luz,
 (Pavor ocupa dos heróis faces e ouvidos)
 Assim ribomba o mar. Espúmea tempestade 665
 Despenca e logo cobre a nau com grande água.
 Tirado o olhar ao ponto, os deuses se atentaram
 Que entre os escolhos ia o barco, que apressava-se
 A juventude. Pende o êxito da empresa.
 Sinalizou co'o coruscante escudo a virgem 670
 Lançando um lume aceso. Apenas se afastara
 A aguda penha, voando, a tocha entre os rochedos
 Passou com tênue luz. Voltou o ardor aos homens
 Vendo a saída. “Seguir-te-ei, qual deus que sejas,
 Ainda que enganes ” – diz o Esônide, que aos
 tombos] 675
 Lançou-se e se ocultou na bruma negra. A onda,
 Refluindo às rochas, que se abriam, começara
 A puxar o navio; e o dia, a entrar no vão.
 Já não vale ao piloto abrir co'adriça as velas
 Nem aos remos forçar quando no alto aproximam-se 680
 As Ciâneas. Sombra oprime o barco; avança a pedra.
 Do céu descidas, Juno e Palas juntas saltam

Nas rochas: esta, a filha; aquela, a jóvea esposa
 Seguram, como o que com força os touros junge
 E torce o chifre, que resiste, até ao flanco. 685
 Então, como o calor vulcânico, com areias,
 Revolve as águas, assim ruge o fundo, e o plaino
 É preso em fluxo e, sobre as rochas, se derrama.
 Com fortes remos, contra o estreito, todos vão
 Seguir caminho e a nau passar em meio aos baques. 690
 Pedras, porém, na extrema popa, inda estalaram
 E parte (nefas) se prendeu; deveu-se o resto
 Ao céu. Os Míneas gritam: pensam que os costados
 Tenham se aberto. Foge aos golpes Tífis, último,
 E entre os escombros leva a nau arrebatada; 695
 Ao mar por pedras atingido não olhou,
 Nem se aquietaram remos 'té que ultrapassaram
 A costa escura e do Rebas⁴³ longe a foz.
 Cansadas mãos e peito arfante então pousaram.
 Se abraçam, qual Teseu e o Alcides quando já 700
 Desfeito o horror do Averno, logo aos beijos pálidos
 Da luz da prima aurora. O capitão, porém,
 Não se livrou de medo e curas, mas falou
 Fitando o mar: “Ah, que labuta pelos deuses
 Nos é dada! Se acaso ao leito nós chegarmos 705
 Do Fase e os Colcos, mansos, derem-nos o velo,
 Por esta rocha haverá fuga?” Tal indaga,
 Néscio dos freios por império jóveo fixos,
 Pois o ordenava a lei do Fado inarredável
 Se barco algum no ponto aberto se adentrasse. 710

⁴³ Rio da Bitínia.

O mar que esteve intransponível pelos séculos
 Ante a imprevista nau pasmou-se; e toda a terra
 Do calmo ponto mostrou reis e estranhas gentes.
 Mais longe, alhures, não cedeu a costa às ondas
 Posto o Tirreno e o Egeu revolvam tantas águas 715
 E as gêmeas Sirtes de ondas quantas não careçam.
 Pois lá, ademais, a terra ajunta vastos rios:
 Não lembrarei das águas que a setênflua foz
 Do Histro, o Tanais, o Tiras flavo, o Nova e o Hípane⁴⁴
 Deitam, e quanta força lança o meócio lago? 720
 O mar, assim, com tantos rios, o poder
 Do sal partiu, cedendo ao gélido ar de Bóreas
 A enregelar-se, facilmente, ao vir das brumas.
 Como o rigor da Ursa imóveis faz os rios
 E agita o mar no fundo, assim, por todo inverno, 725
 No plaino a onda ou jaz ou se ergue em vaga tímida
 Que, por um lado, ataca a Europa com suas cristas,
 Por outro, a Ásia, curva tal qual arco cítico.
 Há sempre nimbos sobre o mar e incerto é o dia;
 Não se desfaz, ao primo sol, a escuridão 730
 Ou quando a luz da primavera é igual às trevas;
 Apenas quando Touro torna às suas praias⁴⁵.
 Já p'ras areais mariandinas a nau guina
 E Equion, ligeiro, em busca foi do rei e das terras
 Levando a nova (se do nome fama havia) 735
 Que hemônios vinham, que aos cansados dessem porto.
 Feliz de ouvir falar de aqueus, Licos se apressa

⁴⁴ Rios, citados sem ordem geográfica.

⁴⁵ Final de Maio.

E traz Jasão e toda a turma à casa régia –
 Por bebrícios troféus pouco antes adornada –
 E em meio aos gregos, manso, diz: “Não por acaso, 740
 Mas por divino Fado, eu creio, às minhas praias
 Trazidos sois – vós que ira mesma e ódio à Bebrícia
 Tendes, e iguais triunfos sobre a seva gente:
 É certa a fé entre os que têm o mesmo imigo.
 Posto distantes, nós também sabemos de Ámico, 745
 E meu irmão caído jaz na cruel areia.
 Irado, eu vingador p’ra lá, co’as armas todas
 Já ia quando as velas pandas vos traziam
 Em meio ao mar; e o vimos podre e ensangüentado
 Na praia, qual monstro marinho. Não lamento 750
 Que do tirano a morte a mim seja tomada;
 Não mais contente eu ficaria se o tombasse
 Co’as armas minhas, que vencido por sua lei,
 E que, por mérito, de sangue os cestos banhem-se”.
 Responde o Esônide: “São teus no monte os fogos? 755
 São tuas armas que do mar, então, eu vi?”
 E diz, mostrando a jóvea prole: “Eis aqui Pólux
 Que ao coração odioso fez pagar as penas” .
 Ele contempla o herói; depois, ao paço em festa
 Vão-se os convivas e aos comuns deuses invocam, 760
 Por cujo nuto a Bebrícia foi tombada,
 E juntos fruem de orações e do botim.

CANTO V

Ingrata aos homens, nova luz se ergueu no Olimpo:
Ídmon, o Argólico, por sina e mal vorazes,
Tomba, não íncio que p'ra si findava o tempo.
Porém o Esônide, a lembrar a vera fala
De Fineu, teme, além de Ídmon, outros lutos. 5
Ao companheiro os ritos presta e dá-lhe uma túnica
Co' arte bordada – um dom do rei dos Doliões¹.
Dá Lico ao hóspede um sepulcro. A chorar, Mopso
Trouxe da nau as armas de Ídmon. Uns derrubam
Troncos do bosque e erguem u'a pira; os outros cingem 10
Com fitas e alva rama o vate por quem, posto
Na essa, choraram; todos pensam no seu dia.
E eis que entre os ais e últimos múnus dos varões,
Violenta peste leva Tífis, que detinha
Da nau o mando e o curso; todos, por pavor, 15
Lançam, atônitos, aos astros brados tristes:
“Ó arquipotente Apolo, imploro, volve enfim
A nós, ó pai, o olhar e ajuda-nos se move-te
Algum cuidado co' esta empresa, que é lançada
Ao ponto extremo e que das mãos de um só depende”. 20
Falas aos ventos, que aos destinos não moveram!
Qual pelo pai, tomado por ruínosa sorte,
Choram filhinhos que, a tremer, pedem que dure

¹ Cízico.

Pelos inválidos que dele ainda precisam,
 Assim os nautas, na suprema hora, desejam 25
 Que Tífis mais que os outros viva. A morte fria
 Urge, porém, e ante seus olhos, Ídmon paira.
 Debalde os Míneas com clamor retêm o morto;
 Negam deixá-lo; só depois que enrijeceu
 Puseram-no na pira; às flamas deram lágrimas 30
 E vão presentes; cresce a pilha de oferendas.
 Mas quando, exaustos, deram últimos abraços
 E a voraz tocha crepitou, pensaram ver
 A própria nau queimar e em meio ao mar deixá-los.
 Não suportou Jasão em gêmeas piras ver 35
 Arder os corpos, mas, do peito, o capitão
 Geme em tal fala: “Por que tão hostis, de súbito,
 Tornam-se os deuses; que obras nossas se castigam?
 Dois funerais perante mim, que horror!, se erguem
 Na praia. Tão copiosos são-me os companheiros? 40
 Ou um negro dia os homens furta-me, ou os deixo
 Guiado por Fúrias? Onde estão Tífis e Ídmon
 Que canta o Fado? E o² da monstífera madrastra?
 Sem ti, Tespiade³, outras águas cruzaremos?
 Não te verei no alto da popa olhando as Plêiades 45
 Nem da Ursa as luzes que norteiam pela noite?
 Passas a quem tua nau, os Míneas e as estrelas?
 Quem deixará Jasão gozar de noites calmas?
 O esforço, os olhos tantas vezes defraudados
 Do doce sono e a mente inquieta pelos Colcos 50

² Hércules, enteado de Juno, a qual patrocinara seus trabalhos como destruidor de monstros.

³ Tífis, natural de Téspia.

De algo serviram? Quanto o Fase e a Éea afastam-se!
 Porém, se ao tênue espectro resta algum cuidado,
 Que sejas, peço, alma presciente do porvir
 Do céu e guies o piloto de tua nau”.

Tendo assim dito, viu só ossos entre os lumes. 55
 “Único alívio resta em praias estrangeiras”,
 Diz, “que esta terra não aparte as caras sombras
 Nem que urna ou tumba guarde os ossos separados –
 Mas juntos, como, pela sina, ao mar viestes”.

Os homens juntam presto os resto e os pranteados 60
 Nomes. Então, erguem de viva leiva um túmulo
 Verdejante, e Jasão confia a Lico as cinzas.
 Tristes hesitam quanto à mão que mais segura
 Reja o navio. Anceu e Náuplio logo o pedem
 Mas o carvalho⁴, instruindo o Fado, chama a Érgino 65
 E aos remos voltam os pilotos derrotados.
 Como um touro que obteve o mando do rebanho,
 Vai ele ovante e todo amor e honras recebe.
 Por prima vez, assim contente, o condutor
 Põe-se no curso, porque a noite clara mostra 70
 O Norte certo. A proa já agitara o mar
 E, co’âncora na popa, alonjara da terra.
 Passou depois, soprando o Noto, da Aquerúsia⁵
 As tristes praias, e o Calícoro⁶ famoso
 Pelas orgias – fé não vã: Lieu nessa água 75
 Do sangue oriental lavou os sujos tirsos.
 Lembrastes dele, Águas, ainda agora, após

⁴ O Carvalho do monte Dodona, dotado de dons proféticos.

⁵ Triste por ser ali uma das entradas dos Infernos.

⁶ Rio da Paflagônia.

As lutas nos confins, no rubro mar movendo
 Inquietas danças e trombetas, a cingir
 Os chifres úmidos com fitas, qual quisera 80
 Vê-lo a Beócia Tia e o infeliz Citerão.
 No entanto, a torpe Fama voa aos fins do inferno
 E o enche com loas aos mortais, a repetir
 Que um mar se lança ao Ponto e as Ciâneas se
 escancaram.]
 Querem erguer as faces ávidas aqueles 85
 A quem toca a piedade ou, êmula, a Virtude.
 O fado é imóvel: um apenas nessa praia
 Oculto enviam ao espetáculo da turma:
 É Estênelo⁷ quem vai. Como o vira a amazona
 Com as suas armas quando o Alcides o inumou, 90
 Assim brilhou, na praia, erguendo-se da tumba.
 Fulgem as ondas qual se o Sol no céu se erguesse
 Ou nuvens sacudisse. A sombra, apenas vista
 Pelos heróis, a negra noite a levou logo;
 Que ao Caos, dolente, retornou. Enquanto Mopso 95
 Os prodígios admira, ao longe vê o túmulo
 E, a cobrir-se co' um véu, libou com vinho as cinzas;
 Também encantos que aos espíritos aplacam,
 Num rito, o Odrísio⁸ entoa e toca enleando a voz
 A soante lira – o que deu nome àquela praia. 100
 Mais longe, a nau recebe os ventos; o Crobíalo
 Foge, e o Partênio – a ti negado pelo fado,
 Tífis – que mais que aos outros rios ama a Trívia,

⁷ Pai de Eristeu, companheiro de Hércules na luta contra as Amazonas.

⁸ Orfeu.

Inda mais grato que a materna onda do Inope.
 Logo, a serra de Crona e o sombrio Citoro 105
 E tu, Erítia, indo a nau lesta, submergis.
 E o céu a noite já trazia: o alto Carâmbis
 Margeiam, n'água treme a sombra da Sinope
 Que, rica, abraça o golfo assírio⁹ – antes ninfa
 Aos divos rogos insensível, que zombara 110
 Do amor de Jove: pelo ardil da deusa amada
 Decepcionaram-se não só Hális e Apolo.
 Deu-lhes, então, a Boa Sorte, companheiros:
 Deileonte, Flógio e mais Autólico, que as armas
 Seguiam de Hércules – e a errância ali os levara. 115
 Ao verem grega tropa e a nau Pelasga, céleres
 Correm à praia e suplicam que os aceitem.
 Se alegre o capitão com o vir dos novos nomes
 Que, de per si, aos vagos remos acorreram.
 Ficam p'ra trás o Hális, o Íris sinuoso 120
 E o Termodonte, que no mar co'estrondos lança-se –
 Rico em despojos, rio a Marte consagrado.
 Corcéis a Virgem deu-lhe e as achas prometidas
 Quando voltou em grão triunfo pelo Cáspio
 Trazendo o Medo e o Massagete – é vero o sangue, 125
 Seu pai é um deus! Daí os nautas mais adentram
 O mar; o aviso de Fineu não desprezando,
 O capitão, porém, aos novos companheiros
 Mirando diz: “Contai-me agora as vitoriosas
 Lutas de Hércules e os vossos próprios feitos 130
 Na márcia costa”. Assim falou e ouviu, silente,

⁹ Os Assírios habitavam a foz do Termodonte.

Magoado o coração, da guerra contra a Virgem
 Que pela prima vez tombara, sem as rédeas;
 Que o pátrio rio, semi-morta, a arrastara;
 Que sem escudo e sem aljava se abalara 135
 Depois que por hercúlea flecha foi ferida;
 Como a Ira e o Pai, que a choraria, estimularam
 A malta armada! Ó que terror, na própria líder
 Que fúria! Que ouro fulgurou no cinturão.
 No fim da noite, das telúricas cavernas, 140
 Ouve-se o insone obrar dos Cálibos: Gradivo,
 Teus camponeses malham armas: soa a causa
 Prima da guerra, que é cruel em todas terras.
 Antes de o ignoto ferro às minas extrair-se
 E espadas dar, os Ódios tristes, desarmados, 145
 As pobres Iras e as Erínias, lento, erravam.
 Do Geneteio¹⁰ Jove as rochas p'ra trás deixam
 E os verdes lagos tibarenos, onde a grávida
 Liga, ao parir, u'a mitra ao homem e o socorre.
 Admirastes também a nau desconhecida 150
 Mossinos; vós, de altos estábulos, ó Mácrones;
 Ó errantes Bízeres e as praias ditas Fílicas¹¹
 Às quais Saturno machucou co'o chifre eqüino.
 No último golfo, o pico hostil de Prometeu
 É visto, o Cáucaso se erguendo no Arcto frio 155
 P'ra onde o dia guiara o Alcides, que deteve-se
 Por sina do Titã e já, com árduo esforço
 A destroçar co'a antiga neve os elos presos

¹⁰ Cabo localizado no Ponto.

¹¹Fílira era mãe de Quíron. Possuída por Saturno sob a forma de um cavalo, deu à luz o centauro.

Arrancara co'a mão do leito a penedia
 Calcando o esquerdo pé. Ressoa o imenso Cáucaso 160
 E, co'o cume do monte, arrastaram-se troncos
 E os ribeirões do mar voltaram. Estrondeia
 Como se Jove sacudisse a etérea arcada;
 Ou a netúnia mão, as terras mais profundas.
 Estremeceram-se o Oceano e toda a Hibéria 165
 Defronte a Armênia, e ante o revolto mar, os Míncias
 As já deixadas Ciâneas temem. Co'o barulho
 Então mais perto, ouvem-se o ferro, o denso esforço
 De aos montes rochas arrancarem-se e o titã
 Vociferando ao ser da penha libertado. 170
 Porém os nautas, sem sabê-lo (quem creia
 No monte o Alcides, ou que houvesse inda esperança)
 Seguem viagem. Vêem apenas, do alto mar,
 Por neve e pedras arrancadas, sacudida
 A praia; no alto, a imensa sombra agonizante 175
 Da ave e os ventos orvalhados de atra chuva¹².
 Mais perto, o Sol ardia o mar e a derradeira
 Luz já mostrava ansiados Colcos aos exaustos,
 Onde, espumante, o grande Fase, ao mar contrário,
 A face arroja. Juntos vêm devida meta, 180
 Sinais recordam, contam gentes; sobem rio
 Co'a nau. No céu, no entanto, Palas coruscante
 E Juno sustam a veloz parelha eqüestre.
 Enquanto o capitão, co'esforço sobe a foz,
 Vê curvos choupos e, a se erguer na verde margem, 185
 Em meio a um monte, do parente Frixo a tumba

¹² Sangue da água que devorava as entranhas de Prometeu e que havia sido ferida pelas flechas de Hércules.

E, ao lado, a irmã, a triste amiga, em pário mármore:
 Mesta, daqui, pelo pavor da cruel madrasta
 Dali, no mar, tocando trémula o tosão
 Parar, então, mandou os sócios e prenderem-se 190
 As cordas como quando entrou nas águas Págasas.
 Erguendo a grande taça co' o sagrado Baco
 Ele, num rito, chama a sombra e diz às aras:
 “Por raça e feitos meus iguais aos teus, ó Frixo,
 Peço que guies e me guardes nestas plagas 195
 Tendo eu sofrido tanto mar e aziagos astros.
 Da pátria terra, Frixo, lembra e sê propício;
 E tu também, oculta em tumba inane e vaga,
 Deusa marinha¹³, ajuda e conta-me entre os teus.
 Quando de novo, sobre ti, serei trazido 200
 E o velo de ouro reverá a infausta Sesto?
 Hospitaleiras praias colcas, e vós bosques
 Revelai onde a rica pele brilha na árvore.
 Então tu, Fase, jóvea prole, em níveo cume
 Nato da arcádia deusa, acolhe em manso curso 205
 Agora a nau paládia; não te faltarão
 Em minha terra dons e altares; veneranda
 Efigie aguarda-te, tão grande quanto aquelas
 Do Inaco e do Enipeu, que em áureo nicho jazem”.
 Disse. Guinando, a nau sem a mão do piloto, 210
 Voltou a proa, em bom presságio, à foz do rio.
 Olhando o mar: “Como prometes, como chamas,
 Nós voltaremos”, diz. Assim, após orar
 Mandou seus homens desarmarem a alta popa.

¹³ Hele, que caíra no mar.

Nas verdes margens dispõem logo, em fila, os dons 215
 De Baco e Ceres, que dão forças nos azares.
 Começa, deusa, ora outros cantos, narra a guerra
 Vista por vós do herói tessálio – não me bastam
 O engenho e a fala. O que levou à fúria e à infanda
 Traição da filha; a nau fremente sob a virgem; 220
 as ímpias lutas nas monstíferas searas;
 e, antes, ainda, a astúcia e os dolos do solígeno¹⁴
 Que mereceu, pérfido, o logro e o abandono
 Portanto eu cantarei. Na Cítia, o velho Frixo
 Findara já a afanosa sina. Em suas exéquias, 225
 No céu surgiram, de repente, prodigiosa
 Chama e um carneiro, os mares todos revolvendo,
 Em grã constelação. Mas o velo de Marte
 Frixo o deixara – um monumento aos seus percalços –
 Preso a um carvalho, qual metal incandescente. 230
 Depois foi visto, em noite escura, como um grande
 Vulto, por tempos, e a lançada voz ao sogro
 Intimidou: “Tu que deixaste-me ficar
 Em teus domínios, ao fugir da pátria em busca
 De assento e, dando a filha, genro me fizeste, 235
 Luto e desastres de teu reino a ti virão
 Quando roubado o velo e o bosque adormecido.
 E mais, Medeia que, a Diana ora sagrada,
 Castos coros conduz, buscará quaisquer núpcias
 E, no reino do pai, virgem não ficará”. 240
 Disse e, movendo a mão, pareceu entregar-lhe
 O funesto pelame; o falso brilho do ouro
 Correu, então, o ornado forro do alto teto.

¹⁴ Eetes, filho do Sol.

Ele, a tremer, saltou do leito e orou ao pátrio
 Nume e a seu carro, que se erguia na Eéa praia: 245
 “Peço-te, ó Pai, dos meus destinos guardião,
 Onividente, lança agora o teu olhar
 Por mar e terras. Se estrangeira tropa, ou nossa,
 Planeja ocultos dolos, sê meu primo núncio.
 E tu, por quem brilha o tosão na sacra árvore, 250
 Vigia, ó Marte. Que no bosque, armas e trompas
 Soem, e a tua voz se eleve pela noite”!
 Disse-o, e uma serpe, dos caucáseos montes vinda,
 Por vontade do deus enrodilho-se na árvore
 E a tropa grega ao longe olhou. Logo aplicou-se 255
 Em afastar as predições e as ameaças
 De Frixo, e posto ainda nem moça, foi Medeia
 Ao leito do tirano albano destinada.
 No entanto, o deus que sempre avisa co’os augúrios
 Sobre os perigos, a urbe assusta. O sacerdote 260
 Vendo os sinais do mal vizinho, devolver
 À terra Hemônia o aziago e infausto velo ordena.
 Eetes, porém, volvendo n’alma inquieta os ditos
 De Frixo, o nega – não preocupa-se o tirano
 Co’o vulgo, enquanto sua saúde for guardada. 265
 Então, o sucessor do rei – irmão por mãe,
 Perses – o increpa; e como a um líder segue-o o povo.
 O rei, furioso, do alto trono ergue-se em ira
 E os anciãos expulsa. Perses que, co’audácia,
 P’ra si nutrindo já esperança em lábil povo, 270
 Tomou a espada; este fugiu com dura marca
 E todo o Arcto estremeceu-se co’os rumores.
 Mas voltou já com reis e muitos mil à vila,

Porém, frustrado em prima luta, antes as muralhas
 Postou-se. Aquele dia e o outro às tropas deram-se 275
 Para cremar os mortos quando, Marte ausente,
 Chegou à Éea¹⁵ o destinado capitão.
 Condoída a Noite pelos homens e os labores
 Trouxera às terras fatigadas o silêncio.
 Mas Juno e a jóvea Virgem íntimas ideias 280
 E inquietações várias no peito compartiam.
 Primeiro, a virgem diz: “A quem co’a nau nós juntas
 Atacaremos? Em que estado e lutas vês
 Agora os Colcos! Perses e Eetes, desiguais
 Em força, aprestam pugna; a quem ajudaremos?” 285
 E Juno: “Não temas que eu negue acaso os prélios
 Que tanto te agradam; o suor espera a Égide
 E os meus cavalos. Tenho fixa a intenção
 De aliar-me a Eetes. Sei do pérfido caráter
 Do rei, que aos Míncias nenhum prêmio pagará. 290
 Então, eu mesma tramarei outros enganos”!
 “Assim o peço, e que eu me ajunte às tuas forças
 Para poder mandar à Grécia”, Palas diz,
 “De volta o Esônio e a nau que eu mesma construí;
 P’ra triunfante, enfim, dispô-la em nosso céu”! 295
 Em honra aos homens isso os deuses preparavam.
 Nunca mais triste, noite alguma tanto aos Míncias
 Passou-se em medo. Embora o Fase descoberto
 E o mar das Ciâneas amansado, nada, então
 Fora ainda feito; enquanto à régia vila iam, 300
 Ambígua e dúbia inda pendia toda a empresa.

¹⁵ Ilha de Circe.

Por estos vários, sobretudo, a mente incerta
 Arrasta o Esônide, que muito cuida e trama.
 Qual quando, na alta arcada, Júpiter corusca
 Movendo as Plêiades, as nuvens co'os trovões 305
 E a neve horrível – e todo o campo se embranquece –,
 Ou abre as portas dos combates sanguinários
 Ou para as duras gentes outro fado aponta,
 Assim o capitão, daqui e dali inseguro,
 Com muitos ais agita a alma e quer o dia 310
 Brillhante e a hora certa, enfim, da decisão.
 Então, aos nautas, mudos juntos, cabisbaixos,
 Voltando: “O que, com grande audácia, vós primeiro
 Quisestes”, diz, “E o que temeram os antigos,
 Temos adiante, após cruzarmos mar e terra. 315
 Não nos desviaram nem as mil rotas do pélagos
 Nem a notícia de que no Arcto Eetes reina.
 Assim, que a luz no mar se esparja, que busquemos
 A vila e as intenções do rei desconhecido.
 Ele anuirá, decerto; eu creio que exorável 320
 É o que pedimos. Mas se às súplicas, soberbo,
 Ele esquivar-se, na repulsa firmai ânimos,
 Por cuja via o vela à pátria tornaremos –
 Que o Pudor sempre esteja ausente nas agruras”.
 Disse, e na sorte tira os que à vila cítia 325
 O sigam: nove dentre todos são levados.
 Tomam caminho próximo ao campo de Circe
 E ao rei procuram, quando a luz do dia volta.
 Casualmente, porém, foi Medeia assustada
 Por prodígios da noite; ao findarem-se as trevas, 330
 Saltou da cama à prima luz do doce Febo

E foi ao rio p'ra expurgar os pesadelos.
 De fato, enquanto o sono aos membros lhe tomava
 E não havia inquietação no paço mudo,
 Sonhou com Hécate a sair do casto bosque; 335
 Buscando o pai, o mar penoso interpusera-se
 E, estupefata, pela imensa água em torno,
 Foi pelo irmão seguida, enfim; meninos pávidos
 Vira defronte à morte; e a si mesma fremente
 A derramar sangue co'as mãos, rompendo em pranto. 340
 Por tais indícios perturbada, ao rio Fase
 Ia co'um grupo de também donzelas cítias.
 Qual Proserpina, pelas flores do vernal
 Himeto ou sob a rocha sícula, guiou
 Os coros, tendo ao lado a cara Diana e Palas – 345
 Mais alta e sem rival, antes que sua beleza
 Se empalecesse ante a visão do lago Averno –,
 Tal era a Colca, com duas tochas e co'as ínfulas,
 Antes de aos míseros parentes odiar.
 Ao ver ao longe, às ondas gélidas da foz 350
 Do rio, os homens, que em silente passo andavam,
 Parou e à ama, com temor funesto, disse:
 “Que tropa é esta, mãe, que vem como se a mim
 Buscasse, incógnita por armas e por modos?
 Foge e procura, imploro, os bosques protegidos”! 355
 A velha Heníoque, guardiã de seus pudores,
 Que a educara desde cedo, a ouviu e, então,
 A encorajar a alma trépida, exortou-a:
 “Nem força, ameaça ou medo chegam-te da tropa:
 Já vejo os mantos flamejantes de estrangeira 360
 Púrpura, as fitas e a pacífica oliveira.

Um grego chega, em tudo igual ao grego Frixo”
 Mas Juno – como a inquietação e os grãos labores
 Do capitão o belo porte consumiram –
 Deu-lhe vigor e a rósea luz da juventude; 365
 Sobre o Ampícida¹⁶, Talau e os dois Tindáridas
 Por astro ornados, co’a egrégia face excele –
 Como no outono Sírio mais aguça os raios
 E o árduo fulgor acende a noite coroad
 Pelas estrelas, e ao Arcádio Jove amansa – 370
 Mas que tanto no céu não brilhasse desejam
 O campo e as fontes de aquecidas correntezas.
 Posto o pavor a face atônita assustasse-lhe,
 Muda, a princesa, inda admirada, os passos tarda
 E por Jasão só se extasia; este, não menos 375
 A uma única de todo o grupo apega-se –
 A que percebe ser senhora e condutora:
 “Se és deusa”, diz, “ Se aqui está a glória do Olimpo,
 Creio estas sejam face e as tochas de Diana;
 E tu, despida do carcás, da paz fruindo, 380
 Às suas águas as caucáseas ninfas trazem-te.
 Porém, se habitas esta terra e és mortal,
 Feliz teu pai, e mais feliz, um dia, aquele
 Que te levar e mantiver por longos anos.
 Mas traz, princesa, ajuda aos homens! Como
 hóspedes] 385
 Viemos – jovens nobres gregos suplicantes.
 Leva-nos, peço, ante ao teu rei, quem quer que seja,
 E, prima, ensina o modo e a hora de falar-lhe.

¹⁶ Mopso.

Um deus a mim, perdido e aflito, deu-te, então,
 Em ti deponho tudo nosso e nossos ânimos”. 390
 Disse, e a aguardar quedou. Tremendo, por seu turno,
 Presa por medo virginal, ela falou:
 “Buscas por Eetes, que é meu pai. Perto é a vila.
 Se podes discernir as trilhas naturais,
 Segue no rumo, pois um grande acampamento 395
 E ímpio inimigo outros caminhos atravancam”.
 Disse; tomou u’atalho junto ao pátrio rio
 E ofereceu vão sacrifício à noite horrível.
 Ele, co’a fâmula por guia, apressa o andar
 Oculto em névoa – a régia Juno não permite 400
 Que o vejam antes que a notícia até a Eetes chegue.
 Já em meio à vila, com o povo, entrava incógnito
 Quando lhe disse a acompanhante: “Do pai Febo
 Às aras chegas. Como sói, o rei virá
 Ao templo pátrio, onde acessível ouve os súplices – 405
 Nobres e o povo – e o pai presente o faz ser justo”.
 Disse, e eles, rápidos, no umbral aberto adentram. 426
 Qual se encontrassem do radiante deus a face, 407
 Ou da perene luz a vera cidadela,
 Tal brilha o teto: Atlante se ergue no Oceano
 E a onda túmida se quebra aos seus joelhos; 410
 Por suas costas, os cavalos refulgentes
 O deus conduz e espalha o Dia pelo Olimpo.
 Seguem-no atrás, num menor carro, a irmã e as
 Plêiades]
 E os astros¹⁷ cujas crinas úmidas se deitam.

¹⁷ As Híades, a constelação que anuncia a chuva.

Jasão, feliz, olhando as formas variadas, 415
 Mira do templo as gêmeas portas, vendo o berço
 E o início, ali, da gente colca; como a prima
 Guerra Sesóstris dera aos Getas; como, pávido
 Co'o fim dos seus, uns leva ao rio pátrio, a Tebas,
 Outros impõe aos campos fáseos, que de Colcos 420
 Manda chamar. A Arsinoé eles almejam,
 O ócio de Faros e o ano gordo sem tormentas;
 Mas pelas mangas da Sarmátia o linho trocam.
 Bárbaro, o Fase, em montes pátrios, segue a Eea
 De amor furioso. Ela arremessa flechas tímidas 425
 Com virginal medo, e desmaia na carreira; 427
 Mas à vencida o deus enlaça co'ondas céleres.
 Choravam choupos – as irmãs de Faetonte –
 O moço, e o corpo atro descia pelo Erídano¹⁸; 430
 Tétis, porém, só recolheu o eixo partido,
 O jugo e Píroi¹⁹, que temia a dor do pai.
 Também Mulcíber, com pressaga arte, esculpira
 O áureo tosão e aqueus que um dia chegariam.
 Co'a acha de Argos, a pagásea²⁰ nau é feita; 435
 A própria deusa embarca e flete a vela e os remos,
 E o capitão, co'a mão despida, chama a tropa.
 Ergue-se o Noto e, em todo o mar, uma só nau
 É vista, e as focas se alegravam co'o Odrísio.
 Na foz do Fase, inquietos colcos aparecem 440
 E a princesa que, ao longe, ao pai, que a chama, deixa.
 Havia a vila circundada por dois mares

¹⁸ Atual rio Pó.

¹⁹ Um dos cavalo de fogo do carro do Sol.

²⁰ Págasa foi o porto de partida da expedição.

E, à noite, festa, canto, tochas conjugais
 E, em leito régio, um genro alegre; ele abandona
 A prima esposa: as vingadoras Fúrias vêem-no. 445
 No leito esmaia aquela, irada pela amásia,
 E os dons fatais – coroa ornada e manto – apronta
 Após queixar-se pelos todos sofrimentos.
 No pátrio altar a triste amásia, co'os presentes,
 Orna-se e, presa de venenos rutilantes, 450
 Arde o palácio. Estes prodígios esculpira
 Vulcano aos Colcos, que inda ignoram qual empresa
 Aquela seja, ou quem co'as serpes corta os ares
 Lançando a morte: eles odeiam e os não olham.
 O mesmo engano ante o lavor prendera os Míncias 455
 Quando no pátrio templo entrou o do Sol nascido;
 Com ele, Absirto, o jovem filho que, inocente,
 Digno do avô, sorte melhor ter deveria;
 E o genro Estiro, que da albana costa viera –
 Porém a guerra adiara as bodas; então, Frontes, 460
 Argos e o irmão Melas – eólides, que Frixo
 Gerou no exílio –, e Citosoro, o bom de lança;
 Os que a titânia terra fez seus senadores
 Com grande honor, e os reis que às lutas acudiram.
 Ali Jasão os nautas chama e irrompe a névoa 465
 Fulgindo a face; a nova luz ofusca os Cítios²¹
 Que aos homens voltam-se e perguntam a que atrevem
 Ou o que buscam. Jasão, ao ver nos primos ditos,
 Todos pasmados e os murmúrios suprimidos,
 Próximo ao rei embasbacado começou: 470

²¹ Outro epíteto dos Colcos, assim chamados pela cidade da Citeia.

“Rei Hiperioníade, em mar tanto, para os deuses
 Buscado, digno de fundear a prima nau,
 Se alguma vez o conterrâneo nosso, Frixo,
 Lembrar soia aqui a Tessália e alguns pelasgos,
 Estes, que azares e desvios palmilharam, 475
 Tu os vês. Eu mesmo sou de Frixo o próprio sangue:
 Antepassados são dos dois Creteu e Éolo,
 Co’a salmonide ninfa e Jove, e com Netuno.
 Não me trouxeram nem o altar paterno ou armas –
 Não por vontade sigo, embora o teu renome 480
 Junto aos tessálios. Quem, sem mando, encontrar quer
 Monstros marinhos e os fragores das Ciâneas?
 Pélias – que o reino, sob o nume de teu Febo,
 Maior detém, e tantas vilas nas montanhas
 E lindos rios com seus chifres vigilantes – 485
 Me impele e ordena-me, com leis, vários trabalhos,
 Como ao Alcides manda de Argos o seu rei,
 Filho de Estênelo. Embora o cruel jugo
 Dos reis soframos, não me furto a obedecer,
 Posto melhor! O áureo tosão, a qualquer custo, 490
 Levar ordena. Que te agradem nossos méritos
 E a pátria, eu peço, e esta missão que recebi –
 A ti, diverso de quem Pélias quer e anseia,
 Ao melhor trato ofereci a minha destra.
 Se eu decidira conquistá-lo em cruenta guerra, 495
 O Ossa e o Pindo naus dariam e reis quantos
 Nem ao audaz Baco, ou Perseu, antes seguiram.
 Porém, a boa-fé e a força da justiça
 Trazem-me aqui, e a mediação do sangue fríxio,
 Já que de nossa estirpe são teus descendentes. 500

Não desprezado, eu visitei campos bebrícios
 E os frígios reis: se algum, com fraude ou honra,
 aos meus]
 Buscou, seus dons recompensaram-se; e entendeu
 Que a nau é de Minerva, e nós, filhos de deuses.
 Quando alcançamos finalmente a ansiada Cólquida 505
 Vimos-te qual dizia a Fama. Agora tu
 Não vejas com inveja as façanhas dos Míniás!
 Nada de estranho ou de indevido à pátria peço
 (Se inda nas preces há justiça). Crê que a Frixo
 O dás, e Frixo o leva a seus pátrios penates. 510
 Em troca, aceita os dons trazidos sobre o mar
 Vencido: u'a clâmide de púrpura tenária,
 Freios de bronze e espada ornada com brilhantes –
 De meu pai esta, por minha mãe aquela feita;
 E os corcéis lápitas usaram estes freios. 515
 Aceita os dons e à Cítia alia-nos. Que saiba
 A ira de meu rei que sorte tem o Cáucaso
 No horrível cume, e quanto é brando o teu poder”.
 Co'olhar minaz aquele fita o suplicante
 E aos poucos, vai ardendo em fúrias escondidas. 520
 Qual se incha a onda silenciosa e sob o mar
 Se ajunta ao vento, do imo traz a ira o bárbaro
 E pela audácia, ah, do herói, e por seu reino
 Aberto aos gregos, freme. Ter, manso, acolhido
 Frixo lamenta, e ter da Cítia o medo findo. 525
 Balança a testa e ri das ilusões do jovem –
 Que o louco vá e peça à serpe o velocino!
 Ao recordar, inflama-o a voz do antigo oráculo:
 Por que a Fortuna contra si movera juntos

Perses e a nau tessália? Acaso o fado os traz 530
 Ou já procuram pelo velo as sevas parcas?
 Mas como a guerra e, perto, as lutas mais o inquietem,
 Finge, no fero peito, plácidas palavras
 E diz: “Quisera não chegásseis neste tempo
 Aos meus domínios, quando o imigo me sitia. 535
 Pois meu irmão – todos almejam pelo cetro –
 Mortes prepara e com ingente tropa acoisa-me.
 Defende, pois, primeiro a casa dos parentes
 E não desdenhes a honra ganha em guerra alheia,
 Já que o aço faz o herói. Darei não só o velo 540
 Ao meritório vencedor”! Íncio da astúcia:
 “Como se tal labor faltasse aos nossos feitos”,
 Responde o Esônio, “ou mar algum nós já sofrêramos,
 Chega este dia? Vêm ao meu fado estas guerras?
 Não lavará com pouco sangue meu a dor 545
 Que ele causou co’ esta demora”. Envia, então,
 Aos nautas Cástor, que a resposta régia porta.
 A cruel demora lhes levava inquietações
 E quando em meio ao campo viram Cástor, logo
 Pavor mais crebro os abateu: “Ó filho ilustre 550
 De Jove, diz: de a pátria vermos há esperança”?
 No meio dos Aqueus, ele assim começou:
 “Não fero é Eetes, como é a fama, nem nos nega
 O velo, mas por guerra iníqua ele oprimido
 Auxílio pede: o capitão, armados todos, 555
 Nos manda acelerar, pois abrigada ao longe
 É a nau, e o rio é defendido pela vila”.
 Não tardam; partem; nem os jovens do Rifeu,
 Todo o Levante, com suas flechas, ou a Hibéria

Os susteriam. Primo, a tropa põe-se em forma, 560
 As armas prova e, junto, os braços acompanham-na.
 Ninguém já fita as pátrias vilas, nem o mar;
 Só do caminho adiante a glória. Um vento súbito
 As cristas treme; e variegada, a via enflora-se
 Co'as armas. Como o céu veste um coro de estrelas 565
 Do mar surgido, e a áurea noite co'astros orna-se.
 Mesto, por ira muda, o filho do Sol olha
 Os que, imprudente, aliados fez. Antes queria
 Junto aos penates o inimigo àquela tropa.
 No entanto, agüenta a refeição de cara boa 570
 E, co'uma grande taça incita ao lado o Esônio
 A lhe mostrar de Jove os filhos, os Eácidas
 E os Calidônios; que o Alcides foi deixado
 Num erro infando ouviu; que heróis²² foram chorados
 E que por terra e mar cumpriram-se trabalhos. 575
 O Esônio, por sua vez, indaga por que as tropas
 Se batem com tal fúria, e o rol dos reis amigos:
 “Que herói é aquele que o talim grosseiro, ao longe,
 Cinge e que tem perto o escudeiro co'arco teso
 Qual se aprestasse luta contra as mesas postas”? 580
 Do Sol flamígero e de Perse o filho diz-lhe:
 “Perguntas por Carmeio, acostumado sempre
 A levar armas – nunca esquece o seu carcás”.
 E o Esônio: “E aquele de bordado manto horrível, 587
 Cujas madeixas muito odoram”? Olha-o Eetes
 E também conta qual seu nome: “É o rico Aron.
 O seu corcel todo tem cheiro de açafrão 590

²² Ídmon e Tífis.

E toda a tropa tem cuidada a cabeleira –
 Não o desprezes, porém, pela ataviada coma!
 Sob o espólio de um tigre, este é Campesso; aquele
 Atirando-se ao vinho, é Odrussa – o vês co’o largo
 Peito peludo, a perturbar co’a barba a taça”? 595
 O hóspede admira, então, Laxarte – o imoderado
 De acerba fala e língua bruta, irreverente
 Co’a iminente guerra e a ameaça dos deuses.
 Eetes, porém: “Tais grandes falas do arrogante
 Em vão não voam”, diz, “à voz as armas seguem, 600
 Não têm descanso – noite e dia Marte exaure-os;
 Mesmo no inverno, quando os rios do Rifeu
 Gelam-se, e os Guetas co’a assustada prole, o vígil
 Medo e a Hibéria emuralhada ainda o temem.
 Admira Látago e de um rio o filho Coaspe, 584
 Que se beber sangue do bélico cavalo 585
 Aqui, o mais rápido, virá, a rédeas soltas. 586
 Porém, se as tropas e as insígnias que
 acompanham-nos] 605
 Eu recordasse, à noite a luz dissolveria.
 Reinos de muitas línguas e armas amanhã
 Verás, dos quais surjam das fundas pétrea chuva;
 E ainda veremos os lanceiros e os carcasses
 Coloridos. Observa atento os grandes campos 610
 E, atropelando co’o alado carro os corpos,
 Euríola²³, a mavórcia, a exultar pelas tropas
 E o quanto, altiva, co’o escudo armada esplende,
 Tanto me é cara, e não é a última entre as filhas”.

²³ Rainha das Amazonas.

Disse, e co' o cráter liba ao pai que então se põe. 615
 Cada um derrama a sua taça, e que suportem
 A luta pedem, e os belígeros labores.
 Eis que o Gradivo, das cavernas guetas vindo,
 Trazendo pelo mar do Arcto nuvem imensa,
 Estupefato, vê os mínias na urbe eea, 620
 O velho rei e o velocino prometido
 À nau tessália. Presto acorre ao estrelado
 Paço do pai, e invoca a Jove em queixa acerba:
 “Que pausa dás, rei, aos combates? Mútuas perdas
 Os deuses tramam, em honra apenas dos mortais; 625
 E tudo alegra-te – do céu a irada Palas
 Não tiras, nem impões a lei à fêmea audácia.
 Eu não me queixo por lewares aos meus campos
 A nau que quer buscar o sacro velocino,
 E os homens proteger: oculta, vá – se pode! 630
 Por que é que investe com falaz insídia agora
 Para roubar o ouro de Frixo de meu templo?
 De vosso auxílio ou pacto os Colcos não precisam.
 Perses e os Mínias de inimigos nós chamamos.
 Eia (por que em luta se ajuntam tantas gentes 635
 E o teu Esônio?) por que nós não vamos logo
 Ao bosque aurífero e co' as armas decidimos?
 Então, tu só do céu, de pronto, às mudas trevas
 Desce: veras ali que deus sou, e entre as árvores²⁴
 Não ficarás impune. Acaso são meus templos 640
 Menos temíveis, porque rude são o altar
 E os bosques meus, e só na sombra me cultuam?

²⁴ Do bosque de Marte.

Cuidado e amor às suas coisas todos têm.
 Por ti disputam, pai, os templos pelas terras
 E honram-se ainda as selvas. Se os templos
 micênicos] 645
 Ou a cecrópia cidadela eu saquear,
 Já a esposa e a filha suplicante, co'as e lágrimas,
 Te buscarão. Temam-me pois, e tal não peçam”.
 Não mais guardou longo silêncio na alma Palas
 Que, em mofa, interrompeu o alvoroço de Marte: 650
 “Grita feroz nem aos alóidas²⁵ nem aos Lápitras
 Atiras”, diz, “porém a Palas. Que da Égide
 Não seja eu digna ou mais chamada jóvea prole
 Se não findar-se tua arrogância. Armas e trompas
 Farei que odeies, e das guerras riscarei 655
 Tua fama. Insano, por que à mãe tão duro enfrentas?
 Ela o merece por criar no céu tal monstro.
 Somos culpadas de que crime ou qual desgraça
 Se ao jovem – que se expôs, por ordem do tirano,
 Sem medo ao mar que ainda então desconhecido – 660
 Nós ajudamos, e esperança aos feitos demos?
 Nenhuma prece ouvir ou pactuar com o rei,
 Porém, em luta cega a todos impelir
 Devíamos? O Trácio é assim, e assim tal louco
 As coisas busca. Ora eu cessar queria a guerra 665
 E amigas tropas não armar. Dá-nos o velo,
 Ó rei, e em meio ao mar nos veja. Mas se Marte
 Sozinho o nega a nós e obsta nossos esforços,
 Sem honra iremos, pelo mar em vão trazidas”?

²⁵ Os gigantes Oto e Efialtes.

“Que bom que seja fêmea e nada possa...” Ardente 670
 De novo Marte iniciara a erguer palavras,
 Porém o pai refreia e o tolhe com tal voz:
 “Que fremes, louco? Quando os atos lamentais,
 Muito pecado tendo vós, vindes à Lei!
 Levai adiante, por quaisquer modo e combate, 675
 O que iniciastes, pois as Fúrias têm sua sina.
 Também a vós, esposa e filha, avisarei:
 Basta de a Perses perseguir; que vã esperança
 Não prenda os Míniás, de querer pôr fim à guerra.
 Tal permanece a ordem das coisas; aceitai-a: 680
 Batida a tropa, recuará, cessando a guerra,
 O apavorado ante a chegada dos pelasgos.
 Quando à Tessália conduzirem-nos os ventos,
 Vitorioso virá e terá trono e cetro,
 Até que, após um longo exílio de pobreza, 685
 O velho Eetes – que destino!, embora ímpia –
 A filha ajude e um neto grego²⁶ imponha ao reino.
 Ambos irmãos terão tais riscos e trabalhos.
 Ide, irrompeis, como quiserdes, os combates”.
 Disse; e o banquete recomeça, reconduz 690
 A paz e a noite ao estrelado Olimpo envia.
 Então, useiro em cantar lutas dos Flegreus²⁷,
 O tocador de lira, Apolo, e as musas chegam;
 E o escanção²⁸ frígio ao redor leva o grande cráter.
 Levantam-se co’o sono e vão p’r’os seus palácios. 695

²⁶ Medo, filho de Medeia e de Egeu, rei de Atenas.

²⁷ Lugar mítico onde os deuses venceram os gigantes.

²⁸ Ganimedes.

(Página deixada propositadamente em branco)

CANTO VI

Mas, vÍgil, arde em mesma fúria Marte, e incha
O duro peito; que arma ou tropa seguirá
Não sabe. Enfim, decide ver, presente estando,
Se aos MÍnias pode exterminar e, em grande luto,
Vingar o rÉgio pacto ou os gregos destruir. 5
Impele o carro, então, brandindo o irremediável
Signo da guerra, e posta sobre as tendas cÍtias.
De pronto,  tropa foge o sono: armas alertas,
Inquietos chefes se ajuntaram. Sobretudo
Os move a Fama, que dizia terem vindo 10
A nau e os gregos, a exigir o velo frÍxio,
Aos quais, juntando as mãos em trato de hospedagem,
Eetes lograra, e ao seu exÉrcito os trouxera.
Enquanto, pois, a noite se abre s decisões,
Apraz aos chefes ua embaixada. Perses manda 15
Falar aos MÍnias, pra avisá-los da trapaça
Do rei. Qual erros lhes desviara, enfim, os ânimos,
Se primo fora ele a exortar que se entregasse
 Hemônia o velo, e a enviar de volta o sacro espólio?—
De onde vieram o ódio e o inÍcio de tal guerra?. 20
E mais: melhor que  destra e s armas suas unam-se
Ou que regressem (pois não vale o pacto de Eetes)
E que do sangue de uma alheia pugna afastem-se,
Porquanto não singraram o mar por tais labores.
Por que aos estranhos combater se os não odeiam? 25

No entanto, enquanto os manda Perses, u'áureo brilho
 Fulgiu no campo; armas e trompas, de per si,
 Estrepitaram. Marte, do alto dos cavalos:
 “Ide! O inimigo”, exclama, “eia!, se aproxima”!
 E juntos lança ao plaino, então, Perses e os Colcos. 30
 Com suas armas, cada tropa expôs-se ao prélio
 E a voz do deus, por todas lutas, fez-se ouvir.
 Musa, que viste no Rifeu as iras, canta
 Com que aparato à Cítia Perses sublevou,
 Confiado em quais cavalos e homens para a guerra. 35
 Não lembraria todos números e nomes
 Nem com mil línguas, pois nenhuma terra teve
 Mais gentes. Posto que, em perene guerra, os jovens
 Meotas caíram, nunca faltam na abastada
 Terra que abrange as gêmeas Arctos e a Serpente¹. 40
 Mostrai-me, ó deusas, pois só os líderes e as gentes.
 Enviara o Anáusis os Alanos e os Hemíouques
 Ferozes, já irado há muito, pois Medeia
 Em pacto núbil fora dada ao rei Albano –
 Íncscio do monstro a que ansiava guiar ao leito 45
 E do terror que às vilas gregas se guardava;
 Mais grato aos deuses e feliz era no paço.
 Depois, a legião da Bisálcia e Colaxes –
 Sangue divino, a quem gerou Jove na Cítia
 Junto à Miriça verdejante e à foz do Tíbese², 50
 Cativo pelo corpo híbrido de u'a ninfa
 (Se o crer se pode), sem temer as gêmeas serpes.

¹ As duas constelações da Ursa e a da Serpente, indicativas do Norte geográfico.

² Rios de localização incerta.

Toda a falange porta a jóvea insígnia e escudos
 Ornados co'os fogos dos raios tripartidos;
 Primo a lançar não foste, ó soldado romano, 55
 Brilhos de raios e as asas rútilas do escudo.
 Sobre o pescoço, áureas serpentes ele exhibe,
 Marcas de Hora, a mãe; contrárias, pelas línguas,
 As prende, e as serpes u'a polida gema mordem.
 Terceiro é Auco, vindo com mil companheiros, 60
 Ostenta as posses da Ciméria, cujas cãs
 Mantém há muito – honra natal; a longa idade
 Dá-lhe beleza; em triplo nó cingindo as tēmporas,
 Deita na sacra testa as fitas geminadas.
 Ferido em luta na Aquemênia, mandou Dárape 65
 À guerra Date, a quem a tropa dos Gangárides
 Circunda, e aqueles que, bebida a água, o Gero³
 Envia, co'os do lago Bice⁴. Não faltaram
 Ânخور e Ródalo com Sídon. Do Acesino
 Traz Frixo a tropa, sob o agouro da profética 70
 Corsa – que o pêlo e os áureos chifres reluzindo
 Ante os exércitos, num mastro, segue triste
 Porque não voltará aos bosques de Diana.
 Súplice, Perses move a Siena e a gente hileia
 Apresentando a ímpia ferida do irmão. 75
 Mais denso nunca, nem mais alto, mostrou
 um bosque]
 Lanças quaisquer; exaustas flechas regressaram
 <lacuna>
 Inda levou o Titânio Círís desde a Hircânia

³ Rio que deságua no mar de Azov.

⁴ No Queroneso da Trácia

Homens armados; e em carroças, para a guerra, 80
 Todas as tropas celaletas – frágeis casas
 Lá têm, morando a esposa sob um couro cru
 E o filho que do carro atira suas cateias.
 Deixam o Tira, que no mar se atira, o monte
 Ambeno e a Ofiúsa, rica em gélidos venenos. 85
 Degenerados Sindos lançam-se e se ajuntam
 Inda temendo do paterno crime as penas⁵.
 Ao lado, Falce agita o plaino co'a ênea nuvem;
 Os Corales co' um brado as bandeiras levantam
 Co'a roda bárbara na insígnia, um javali 90
 De ferro às costas e as colunas – jóveo símbolo.
 Não cuidam inflamar co'o rouco corno a guerra,
 Mas cantam líderes da terra, em rito, os feitos
 Priscos dos seus e, p'ra exaltar homens, loas.
 Mas quando a infantaria às sidônicas rédeas 95
 Uniu-se, a Eea trouxe a si os leais Batarnas
 Co'o líder Teutagono e as armas, com o escudo
 De crua cortiça e boa lança em pau e ferro.
 Perto, com duplo dardo ferem broquéis alvos
 Os que no inverno quebram co'acha os frios leitons 100
 Do Nova e do Alazão e as margens os não ouvem;
 E ainda do Taras e do Evarco, rico em cisnes.
 Ó grande Ariásmeno, também, far-te-ei nos séculos
 Grande na guerra, a conduzir, ao longe, os carros
 Com foices amarrados, pelos plainos do deserto. 105
 Seguem os Drângeos e dos claustros saem os Cáspios
 Que às pressas levam acres cães às êneas trompas

⁵ Porque sendo escravos, aproveitaram a ausência dos amos citas para se casarem com as mulheres daqueles.

E os põem na luta – então, se morrem, mesmas honras
 Eles recebem: são em túmulos depostos
 Entre os antigos e os heróis; co'o ferro ao peito 110
 Atado e o pêlo horrendo, correm, num atro bando,
 Latindo a coorte, como quando soa a horrível
 Porta de Dite ou, no alto, o séqüito de Hécate.
 Do bosque Hircânio o vate Vano leva a tropa:
 Três gerações de Cítios viram-no cantar 115
 A Nau de Argo e os nobres Míneas. Dele ouviram
 As predições os opulentos Indo, Tebas –
 A de cem portas e vinhedos cultivados –
 E a Pancaia levada em triunfo no Rifeu.
 A variegada Hibéria envia armadas turmas: 120
 Ótace e Látris as conduzem. O raptor
 De amores Neuro leva os Iázigos⁶, que a idade
 Das cãs não sabem, pois, já quando a força esfria-se,
 O arco refuga e ao seu senhor a lança escapa,
 Por costume ancestral, não sofrem morte lenta, 125
 Mas, dando a espada, pelas mãos dos filhos tombam:
 Pai e filho a espera rompem, ambos corajosos,
 Ambos surpresos por tão fortes atitudes.
 Vêm depois os Miceus, de olorosos cabelos,
 A tropa de Cesceu e tu que, ó Arismape, 130
 Ignorando os metais, tuas terras não revolves;
 E os Aucastos, enfim, que lançam bem o laço
 Em amplo giro e arrastam mesmo as retaguardas.
 Não esquecerei o tersageta, que na luta
 Tambores leva, tendo às costas grandes peles, 135

⁶ Povo da Samotrácia.

Com flores verdes enramadas em suas laças.
 Fama há que Baco, sangue jóveo e cadmeu,
 Com essas tropas, feliz reino, bateu os Árabes
 E inda os turíferos Sabeus; e que ao romper
 O Hebro, deixou sob o Arcto frio, os Tersagetas. 140
 Vêm co'esse um som antigo, um sacro tilintar
 De sinos e a flauta, que recordam a luta eóia.
 O Emeda⁷ se une às forças, seguem suas insígnias
 O Exômata, o Torino e o alourado Satarco.
 Co'o mel se honra o Torino; o Satarco co'o leite; 145
 O Exômata co'a caça e co'o melhor cavalo
 Em todo o Arcto – correm sobre o frágil Hípane
 Levando a prole de leoa ou de tigresa
 E a triste mãe os vê na margem traiçoeira.
 O ardor pelo tosão levou os dúbios Cêntoras 150
 E os cruéis Coatras, com seu mágico terror.
 Com sevo culto, aos deuses honram; com prodígios
 Ora, ao chegar da primavera, as folhas tolhem,
 Ora derretem, presto, o Meota sob os carros.
 Melhor dentre estes, na arte estígia, vem Coaste – 155
 Não o move o amor à guerra, só o da virgem Cítia,
 Medeia, a fama de lançar iguais venenos.
 Na noite quieta já o barqueiro, o lago averno
 E a lua, que em seguro céu avança, alegram-se.
 Os Balonitas de iguais flancos, co'alas duplas, 160
 E o Meso, lesto no mudar das montarias,
 Vinham co'os Sármatas, que atiram grandes varas.
 Nem tanto o Bóreas move as vagas no alto mar

⁷ Povo do Himalaia.

Nem aos irmãos a onda contrária assim responde
 Ou aves gritam junto aos rios, quando, então, 165
 Os clarins troam e misturam-se os mil loucos
 Como, no início do ano, as flores e as folhagens.
 O campo geme sob as rodas e a fremente
 Terra vacila, como quando Jove abala
 Co' o sevo raio Flegra e lança ao caos Tifeu. 170
 Vão na vanguarda, então, Absirto co' as paternas
 Armas, o genro Eeo⁸ e reis com homens mil.
 Junto ao Esônio e a tropa Dânaa acha-se Palas
 Co' a horrível égide, que a deusa e o pai não cansam
 De carregar co' a face górgona e as cobras: 175
 Os semi-mortos pêlos não tarda mostrar
 Nem acorrer às primas lutas. Contra estes
 O deus Mavórcio lança o mau prazer da morte
 E Tisífone, a erguer a cabeça das nuvens.
 Ao som da trompa, em meio à luta, paira a Fuga 180
 Inda não clara de em quais mentes se introduza.
 Quando as frementes multidões terçaram armas
 Tocando os elmos, os varões se bafejaram.
 Seguiu-se a morte. Armas e corpos se partiram
 Com a matança; em sangue e ruína alternados. 185
 Elmos volvem no chão e um tronco esguicha sangue.
 Então, a bárbara ovação se sobrepõe:
 Os ais e as vidas dos heróis mistos de pó.
 Cáspio arrepanha o Éeo Moneso pelos pêlos:
 Gregos e Colcos, co' arremessos os perseguem; 190
 Ele o chacina e larga a presa, e já não cuidam

⁸ Estiro.

Do herói os companheiros. Ao Dipsante e Estrimoneu,
 Que co'a escondida funda chagas espalhava,
 Careso mata; mas do Albano Cremedonte
 A lança o tomba, e tropa e carros o atropelam. 195
 Melas e Idásmeno se adiantam. Co'a haste, Melas
 Primeiro ataca, mas para ambos falha a vara.
 Então, co' espadas lutam. Melas, primo, o acerta
 Co'o veloz gume abaixo do elmo, e a nuca quebra-lhe.
 Na turba finda-se o valor: Oqueu e Tires 200
 Não sabem quem lhes trouxe a sina. Ao que Íron ouve
 Da flecha argiva o silvo, atinge-o a lança Pília⁹.
 Cástor vira os irmãos hircanos indo em par
 Nos cavalos que o pai, dentre todo o rebanho,
 nutrira e as vias nos azares ensinara. 205
 O Tindárida, a pé, pela notável brancura
 Se queimou de desejo; atirou logo a lança
 Contra o peito inimigo e tomou-lhe o cavalo;
 Vencedor do ginete, o pai sorriu das nuvens
 E conheceu o cavaleiro pelas rédeas. 210
 Mas Medoro, furioso ante a morte que viu,
 Busca o Tindárida e aos deuses assim pede:
 “Sus, me levai com meu irmão morto, ou primeiro
 Por minha lança caia o ímpio cavaleiro
 Que a um pobre pai não devolveu a arma perdida: 215
 Que contra mim venha e à prisão entregue o dorso”.
 Disse, mas antes de Falero Ácteo a lança
 O matou e o corcel fugiu p'ras suas alas.

⁹ As armas de Náuplio e Nestor, respectivamente.

Quem teu fatal Amicla¹⁰ e a tropa Ebália¹¹ nunca
 Temeu, ó Ríndaco, apartado entre as montanhas 220
 E tantos mares? Cai co'a ilharga atravessada
 O lesto Tages, nobre filho do Taulante
 Co'a semideusa, a quem, nos bosques, as irmãs
 Da mãe cuidaram e educaram. Não lhe deram
 O fino véu de branco linho, nem u'a clâmide 225
 Bordada de ouro, nem dourado capacete
 Ou o pano tinto da camisa. Em meio à luta
 Pela assustada turba um novo cavaleiro
 Passa e, à mancheia, atira lanças. A espalhar
 Raios, nos homens mete a espada, aqui e ali, 230
 Quando eis que os jovens aguerridos da Sarmátia
 Co'urros de feras, reuniram-se. A loriga
 De moles elos robustece-os, e aos cavalos.
 A cabeça, porém, do corcel esticada
 Traz ao campo inimigo uma sombra gigante 235
 E, firmada ao joelho, a lança abre caminho,
 Dócil no ir e vir, p'r'o cavalo e p'r'o herói
 Sem ser mais alta em meio à luta. Em voltas rápidas,
 No plaino Cástor, com mais prestos giros, zomba
 Dos arquejantes, de morrer já indiferentes. 240
 Porém os Colcos, sem a mesma habilidade
 Também combatem e p'ra morte se arremessam.
 Pela lança que finca entre o flanco e a virilha
 É Capesso atingido, expirando no dardo.
 Ebaso, crente que escapara do cruel Falce, 245

¹⁰ Na Lacônia, pátria de Cástor.

¹¹ De Pólux.

Tombou de joelhos, co'olho esquerdo trespassado —
 E as tenras faces se tingiram co'a ferida.
 Porém, confiado na couraça dupla, o golpe
 Sibotes agüentou; partiu com'o gládio a lança
 Por nada; a ponta já entra e Ambeno não preocupa-se 250
 Co'o toco, e mete em meio a Ocreu o pau quebrado.
 Ao semi-morto Hípane, Taxe arrasta e deixa
 Caído. Em fuga, na carreira, arranca a lança
 E, enquanto a ajeita, irrompe súbito o Lacônio¹²,
 E atinge-o ainda desarmado. Contra o conto, 255
 O cavalo veloz jogou Anqueu que, em vão,
 Com toda força, p'r'o outro lado o repuxava.
 Caem o corcel e o moribundo, caem as armas
 E, perto, a lança pinga sangue: como um pássaro
 Nas sombras do álamo confiado, que alguém tira
 Do alto das ramas, em que muitas armadilhas
 Uma escondida não pusera anteriormente;
 Presa por dolo, sobre o forte visgo, a ave
 Implora aos ramos e asas bate sem sucesso.
 Na outra parte da guerra (o acaso os ajuntara) 265
 Se encontra Estiro. Anause, alegre, o reconhece
 E diz primeiro: “Eis para quem a virgem de Eetes
 Foi prometida e, vitorioso, o amor me leva.
 Posto o não queira, o pai de genro mudará”!
 Correndo juntos, os contrários dardos mandam. 270
 Ferido, o Albano foge, as rédeas a puxar;
 E não espera ou vê Anause entregue à morte.
 Este, porém, co'a haste encravada em si, morrendo:

¹² Pólux.

“Ao sogro e ao seio”, diz, “da esposa prometida
 Foges, Estiro, a levar chaga que nenhum 275
 Encanto estanque ou que Medeia co’ervas cure”.
 Falou, e a Morte a luz tomou-lhe; a voz por frio
 Calou-se e ressoou a cabeça no chão.
 A tropa, então, aumenta o Ardor. Marte a Gesandro
 Com grande dor acoessa; aquele increpa os Iásigies 280
 Que demoravam e, co’a espada em punho, os urge:
 “Acaso os velhos não morreram? Todos pais
 Não feneceram? Que velhice horrível, súbito,
 Tomou-vos e partiu o ardor, findando as iras?
 Eia, ou comigo, jovens, vinde em meio à tropa 285
 Argiva, ou sucumbi perante os caros filhos”!
 Irrompe à luta e, fero, invoca as pátrias sombras:
 “Meu santo pai, Vorapto, insufla ora teu ânimo
 No peito do teu filho. Acaso a tarda morte
 E a covardia te molestem, não mais lentos 290
 Te seguiremos –jovens netos bem treinados”.
 Falou, e o Érebo o escutou. Então, ardente,
 Pela paterna fúria, a espada toma e brande.
 Sacerdote do Fase, às águas consagrados
 Pelas tropas do Arcto, Aquites caminhava – 295
 Por choupos coroado, as têmporas cingidas
 De verde rama – ansiando, ó Cirno, que do pai
 Não lembravas, retirar da dura luta.
 Olhando as tropas e as diversas multidões,
 Não o vê em parte alguma. Quando entra de novo 300
 A percorrer, vociferando, os pelotões,
 U’a lança silva junto às ínfulas azuis.
 Quesandro, então, a rédeas soltas, surpreende-o

Tremendo; aquele, em vão, ergueu as sacras mãos:
 “Por estas cãs, te peço”, diz, “se inda tens pai, 305
 as ameaças cessa e poupa o filho meu”!
 Disse, porém, o vencedor, tomando a espada,
 “Meu pai”, retruca, “que em velhice torpe ainda
 Julgas durar, por esta destra preferiu
 Ser derrubado a atravessar um lento fim. 310
 Se houvera para ti piedade e mão filiais,
 Não gastarias co’orações tempos de guerra.
 Ó tu, pasto de cães, mais bela é a sorte jovem:
 Convém na tropa combater e não morrer”.
 Disse, e aquele, morrendo, ao céu e aos deuses roga 315
 Que o pobre filho não encontre uma tal mão.
 Sabendo de tua morte, Argo chorou-te, ó Canto¹³,
 Ao lebares da nau pesarosa as tuas armas!
 Já atingiras, ó pobre, o golfo Cítio e o Fase
 E não distante estava o dia em que verias, 320
 Ganho o tosão, os fogos pátrios na Eubeia.
 Quando Gesandro, em mau encontro,
 o surpreendeu,]
 O assusta assim: “Tu que pensaste ser tal terra
 Dócil aos homens, pobre argivo, um outro clima
 Vês, em que a neve é mãe e cedo a vida enfada. 325
 Não aprendemos a mover remos ligeiros
 Co’os braços, nem perscrutar os ventos bons.
 Em corcéis vamos sobre o mar enregelado
 Ou onde o Híster freme. Não nos interessam
 Vossas muralhas: sigo no Arcto livremente 330

¹³ Um dos Argonautas.

Tendo comigo tudo o que amo; e, se perdido
 Meu carro, o vencedor pouco tempo o terá.
 Nossos banquetes são quaisquer bichos ou feras.
 Diz ao colono Argivo e à Ásia que não temam:
 Não deixarei nunca estas rochas e as nevascas – 335
 Campos de Marte em cuja água endurecemos
 A raça e rudes filhos, onde há tantos homens
 Para caçar. Se contra o nosso gelo agrada-te
 Lutar e saquear, aceita, então, tal mão”!
 Disse, e brandindo o dardo nutrido pelos ventos 340
 Do Edom¹⁴, e em meio ao peito à ênea cota entrou
 O aço mortal. Acode-o Idas, alarmado,
 E logo o Enide¹⁵, com Menécio, e o que voltara
 Há pouco, vencedor, da hospedagem Bebrícia.
 De longe, Telamon lançou o imenso escudo 345
 Teu corpo, Canto, protegendo. Qual um leão
 Que, acuado, a cria põe às costas, assim, perto,
 Chega o Eácida e pára; e co’o escudo de sete
 Couros dá volta, a resguardar o derrubado.
 De pronto, a tropa Cítia acorre a reclamar 350
 P’ra si as armas e a vingança do cadáver.
 Encarniçada luta pelo corpo trava-se.
 Qual quando em grande turbilhão os ventos batem
 Às portas de Éolo, a decidir quem pelo mar
 Raivoso segue ou pelas nuvens nesse dia, 355
 Assim, em confusão, segue a luta dos homens
 Que ser não podem afastados do cadáver.

¹⁴ Monte da Trácia.

¹⁵ Meleagro, filho de Eneu.

Qual quando alguém dá um couro aos servos,
 p'ra em azeite]
 Amaciar, e estes o estiram e, no arrasto,
 Domam a pele táurea, e o óleo encharca a terra, 360
 Tal era o esforço de ambas partes, que num espaço
 Estreito os membros miseráveis do homem puxam.
 Eles disputam, e as contrárias mãos não cedem.
 Pela cintura, Telamon segura Canto;
 Gesandro agarra a nuca e o frouxo atilho do elmo 365
 Que, solto, cai; no chão ressoa e a mão resvala.
 Ele, de novo, infatigável, bate o escudo
 De sete couros – segue Canto e Canto exige.
 Porém, os companheiros tomam-no e no carro
 De Euríola¹⁶ o põe; esta, com toda a tropa Hemônia, 370
 Contra Gesandro só se lança. Ele, ao ver
 As novas armas e as insígnias da Amazona:
 “Também contra estas lutaremos? Que vergonha”!
 Diz. Então fere no mamilo Lice, e Toes
 Pela brecha da pelta. Atacava já Harpe – 375
 Apenas tinha o arco primeiro, de ágil corda –
 E inda Menipe, que refreava o corcel trôpego,
 Quando a rainha, a golpear co'a acha de nós
 De ouro arrebenta-lhe a cabeça e o elmo de fera.
 Unida, então, u'a multidão de armas o ataca; 380
 Por algum tempo ele suporta as hastes presas –
 E mais horrível, sem cabeça, assusta Idas –
 Mas cai como um barranco ou u' andaime de muro
 Que atacado por paus, por pedras e por chamas,

¹⁶ Rainha das Amazonas.

Desabou finalmente e a cidade mostrou. 385
 Julgando ser chamado pela hora e o lugar,
 À guerra Ariásmeno transporta curvas foices.
 Logo arremete aliados carros contra os gregos
 E há de atacar co' o dardo os colcos. Qual se Júpiter,
 Pela raça de Pirra aborrecido, desse 390
 Ao mar e aos rios rédeas soltas, e o Parnaso
 Se ocultasse e sumisse o pinígero Ótris
 E, as rochas imergindo, os Alpes decrescessem:
 Assim Ariásmeno se atira qual um dilúvio,
 Levando os carros indistintos na corrida. 395
 Por prima vez, então, a deusa ergueu a Égide
 E da Medusa o crânio com trezentas serpes,
 Que só os corcéis puderam ver. Pavor imenso
 Atinge os homens perseguidos, que entre os seus
 Sem querer levam dira peste. Então, com foices, 400
 Chega a Discórdia e despedaça os carros trépidos.
 Como quando a Tisífone as legiões romanas
 E os chefes move, em cujas tropas, dos dois lados,
 Águas e dardos resplandecem (mesmo campo
 Os pais cultivam e o infeliz Tibre proclama 405
 Que não mandara p'ra essa luta o escol da pátria):
 Assim tomou o medo por Palas os que há pouco
 Juntos buscavam o inimigo; assim os carros
 Pelos aurigas conduzidos, aos seus matam.
 O Noto não trouxera às terras laurentinas 410
 Tão feias tropas, nem da Líbia orla é o aspecto
 Quando revolve o mar pedaços dos navios.
 Vêem-se aqui as bigas, ali membros dos aurigas
 Cortados por freios e rodas. Carros vêm

E vão espalhando sangue; no atro pó, as vísceras 415
 Dos reis se prendem, ora num, ora noutro carro.
 Não muda o ânimo dos Colcos: lançam dardos
 E, em triste horror, aos acuados presos matam –
 Não outra é a forma de matar do caçador
 Umbro de cervos, quando sem o cão faminto, 420
 Não usa a flecha, mas encontra-os presos pelas
 Altas galhadas e, com cega ira, os apanha.
 Após pegar de novo as armas, salta Ariásmeno –
 Da curva foice o fio o corta e, pelas rodas
 Ele é partido; então levado por furioso 425
 Carro, não mais de Circe aos campos retornou.
 Tais mortes, à porfia, os Míncias e os Citeus
 Misturavam no campo e à Cítia dominavam.
 Vendo Juno não ser do esônio o rumo ao vela
 E que voltar não mais assim conseguiria, 430
 Maquina extrema ajuda, antes que o rei tirânico
 As sevas iras e os funestos planos mostre.
 Com tardas queixas, triste increpa então Vulcano,
 Cujos flamíferos bois bravos vê no pasto
 Do rei, lançando a noite tártara do peito. 435
 Temendo, pois, que finda a guerra, o rei aos míncias
 Mande jungi-los para os dentes da Cadmeia
 Serpe plantar, pensa u'a diversa solução.
 Medeia apenas vem-lhe à mente – a atenção toda
 À virgem que no altar da noite é a mais potente: 440
 Seu hálito e as poções lançadas nos desvios
 Assustam seu avô – o Sol – e os astros fixos;
 Campos e rios muda e o seu sono de fogo

A tudo enlaça; velhos pais remoça¹⁷ e dá-lhes
 Mais anos contra a Lei. Por seus terríveis métodos 445
 Admiram-na a grã Circe e o estrangeiro Frixo –
 Posto este saiba, com veneno trácio¹⁸, a lua
 Espumar, e agitar, com canto Hemônio, as sombras.
 Juno decide, assim, casar co’o chefe aqueu
 A que amedronta co’a magia e a virgindade: 450
 Outras não vê pares dos touros ou das armas
 Que nascem¹⁹, nem que em meio às chamas
 permaneça;]
 Nenhum mal traz na mente e vista alguma a assombra:
 O que faria em cego amor e feroz chama?
 Então, de Vênus busca o leito e o paço ornado 455
 Com flores frescas. Vendo-a, a deusa logo desce,
 Co’a alada tropa dos Amores, do alto leito.
 Com mansos ditos Juno vai falar-lhe humilde,
 Temendo demonstrar seus verdadeiros medos:
 “Em tuas mãos ora estão meu poder e esperança; 460
 Dá-me o que peço”, diz, “porque digo a verdade:
 Dês que da Argólia foi banido o duro Hércules,
 Não penso igual a Jove – é adverso o desejo,
 Sem as honras do leito ou as chamas da noite.
 Dá-me, te imploro, os brandos ares da beleza 465
 E o teu ornato poderoso em terra e céu”!
 Percebe a deusa o dolo, já há muito querendo
 Destruir a Cólquida e de Febo a odiada raça.
 Teria, então, ao que almejava. Não deixou-lhe

¹⁷ Alusão ao episódio das Filhas de Pélias.

¹⁸ *Átrax*, cidade da Tessália, pátria da magia.

¹⁹ Os dentes da Serpente de Marte.

Mais pedir, deu-lhe vivo adorno e u'a cinta preinha 470
 De monstros que pudor, piedade ou zelou à fama
 Não desperta; ao contrário, a pressa do desejo,
 A prática do mal, o dulçor da ruína,
 O medo e a inquietação insana dos perigos.
 “Meu poder todo dei-te, e as armas de meus filhos. 475
 Solapa agora”, diz, “quaisquer mentes que queiras”.
 Juno ajusta, contente, o talismã de Vênus
 E aos aposentos vai da virgem, imitando
 A forma e a voz da irmã Calcíope. De longe,
 A deusa, sem querer, brilhou, e logo o pânico 480
 E o ingente horror a filha Eetes sacudiram.
 “Então que os Míneas, pelo mar desconhecido,
 Aqui chegaram”, diz, “irmã, só tu não sabes,
 E que ao pai nosso se aliaram? Todo o povo
 Os muros toma e frui as armas divinais. 485
 Só tu, no quarto, ociosa ficas no palácio
 Do pai? Quando verás de novo reis assim”?
 Ela nada responde e a deusa não permite:
 Toma-lhe a mão e conduz rápida a assombrada.
 A infeliz moça é guiada aos muros sem saber 490
 Do mal futuro, a confiar na falsa irmã –
 Como mais brilha entre as vernais cores o lírio
 Branco de vida curta que por pouco tempo
 Floresce e o Noto já o alcança co'asas negras.
 Chorava-a Hécate, a perseia que habitava 495
 Os altos bosques, e esta voz do imo trazia:
 “Ah, pobre! Deixas nosso bosque e as companheiras
 P'ra vagueares sem vontade²⁰ em gregas urbes.

²⁰ Obrigada pela vontade de Juno, Minerva e Vênus.

Querida, não te odeio e não te deixarei:
 Farás da fuga um monumento. Repudiada 500
 Por mentiroso não serás. Ele verá
 Que sou a dona e que magoou-me o rapto infame”.
 Disse, mas elas galgam o alto das muralhas
 E assustam-se ao fragor dos homens e das trompas
 Como aves tristes, sob os frios das tormentas 505
 Que, apavoradas, sob os galhos refugiam-se.
 Já Híberos, Guetas e a legião de Drange caem
 Cobrindo as searas co’a matança. Os moribundos,
 Entre suas armas e os cavalos espremidos,
 Revolvem com penoso esforço a horrível pilha 510
 E, co’estertores, os longínquos campos enchem.
 Vitoriosos, porém, os Gelônios entoam
 O hino da pátria, mas retorna logo o júbilo
 Aos vencidos que o deus da guerra então contempla.
 Quem tantas mortes, sus, quem tais façanhas fez, 515
 Ó Musa, canta e rememora as feras fúrias.
 Absirto, a coruscar co’o escudo e co’o carro
 Do avô, o Sol, (cuja vibrante lança e o elmo
 Ameaçador ninguém de perto pode ver
 Mas todos fogem temerosos e recebem 520
 Chagas nas costas, a exaltar co’horror a fuga)
 Pisa, no embate, a tropa e espalha co’os cavalos
 Os corpos, a calar os ais dos que agonizam.
 Não menos presto segue-o Aron – sobre suas armas
 E ombros de bronze recobertos brilha um bárbaro 525
 Manto bordado que, a tremer ao vento, cobre
 O corcel – qual com róseas asas segue Lúçifer
 Que alegre Vênus ao levá-lo ao céu brilhante.

Não longe, então, Rambelo e o cruel Otaxe aos Colcos
 Desbataram, mais o inglório Armes – ladrão 530
 Useiro impune de rebanhos e de estábulos
 Com fraude nova: hirsuto, pôs na frente os chifres
 E se ocultou sob o terror do deus Liceu.
 Com esta face, assim, as tropas consternara.
 Tão logo Aron viu-o espalhar pânico inédito 535
 Na guerra, diz: “Pensas que caças guias pávidos
 Ou gado estulto? Aqui não tens nem bois nem pastos:
 Larga o disfarce do noturno Pã e não finjas
 P’ra mim ser deus – também um deus trava combate”.
 Disse e, apoiado nos pés tesos, lança o dardo 540
 E abri-se uma ferida entre os pêlos caídos.
 Não menos faz do eólio Frixo a prole Eétia:
 Furiosa, às vezes, entre a tropa cítia exulta,
 E entre os parentes seus argivos outras vezes.
 Vendo-os em meio à confusão da dura guerra, 545
 Com suas façanhas satisfeito, diz Jasão:
 “Sus, minha gente, descendência eólia certa
 E inesperada. Dons bastantes dos trabalhos
 Co’esta visão levo comigo, haja o que houver”!
 Disse e arrojou-se contra Suetto e o grão Ceramno; 550
 Girando o escudo, a este derrota ao lhe partir
 Um joelho, e no outro u’a larga chega abre no peito.
 Argo derruba dos corcéis, no campo imenso,
 Zacoro e Falce e, a pé, trespassa o infante Amastro.
 Aquele bárbara vomita o sangue e as vísceras 555
 E, enquanto chia, vai perdendo a inútil ira.
 Calais mata Barisa e Rifeu, que nas lutas
 Vizinhas sempre leva o sangue mercenário:

Cem bois e cem potros seletos são seu preço –
 Ele assim crê indenizar a luz e a vida; 560
 Mas quando, enfim, do doce sopro já privado,
 Não viu no céu nenhum tesouro recobrado.
 Co'a cabeleira crespa sobre as negras têmporas,
 Ornado co'os juncos maternos, tomba Peuco –
 Sua mãe²¹, do fundo do Meota, ao mesmo tempo, 565
 Com ais o lago encheu, chamando o filho que
 Já não corria pelas margens da lagoa
 Nem perseguia, em meio ao duro gelo, os cervos.
 Tomba os Exômatas Eurito. Nestor mata
 O jovem Hélix, que jamais restituirá 570
 Sustento ao pai, arrebatado à flor dos anos.
 Látago e Zetes mata Dáraps – um co'a lança
 E o outro, que viu quando fugia uma onda imensa
 De sangue súbito, e luzir no peito o ferro.
 Eis que Medeia, no paterno muro estando, 575
 Enquanto vê na guerra os duelos singulares
 E ao longe reconhece uns reis em meio ao pó
 E à mestra Juno indaga de outros, a cabeça
 Do Esônio enxerga, e logo volta-lhe os agudos
 Olhos, o ânimo e o favor, imaginando 580
 Ora p'ra onde, ora de onde sairia,
 Quantos corcéis e quantos homens ele só
 Derrubaria, erguido em meio a tantas lanças.
 Silente esparge o olhar de novo a toda parte,
 Ou do noivo ou do irmão as armas procurando. 585
 Porém, a pobre só acha ali o cruel Jasão.

²¹ A ninfa Peuce.

Como se o não soubesse, então, diz à irmã:
 “Indago: quem é o que a bulir o campo, há muito,
 Já vemos nós – pois tu também, com tal valor,
 Creio, te espantas”. Por seu turno, a feroz Juno 590
 Responde e excita-a com enganos: “Vês, irmã,
 O próprio Esônide, que vem buscar o velo
 De Frixo, merecido após cruzar o mar:
 Ninguém suplanta-o em nobreza ou valentia;
 Percebes como ele entre os Míniás e os reis Cítios 595
 Brilha, e fulgindo, afronta quantos inimigos?
 Mas logo zarpará, deixando as nossas praias
 Em busca da Tessália opulenta e das searas
 Caras a Frixo. Oxalá vá e vença as fainas”!
 Tão logo o diz, exorta-a a mais olhar os campos 600
 Enquanto dá-lhe acompanhá-lo nos combates.
 Ao mesmo tempo, à favorável guerra a deusa
 O impeliu e insuflou-lhe ao peito novas forças.
 A dura face, sob a excelsa ponta do elmo
 Já há muito brilha, e resplandece na carreira 605
 A coma argiva, infausta a vós, Perses e Virgem,
 Como no outono o feroz Cão²², ou qual cometa
 Fatal que o irado Jove envia a um reino injusto.
 Não se ocultou a deusa ao creteio²³, que os membros
 Sentiu revigorar e que à turba lançou-se – 610
 Qual quando o Cáucaso embranquece-se co’as chuvas
 De grande gelo, e o inverno chega às terras nórdicas.
 Então, como um leão ataca um rico estábulo,

²² Estrela Sírio.

²³ Jasão, neto de Creteu.

Sacia a fome e, luxurioso, muda as vítimas,
 Assim Jasão não tarda em parte ou presa alguma, 615
 Porém, feroz, se atira a todos. Já co'a seva
 Espada, já co'a infesta lança, a luta míngua.
 Fere, então, Hebro que ondeava a horrível coma
 E o Gético Prion; de Anco a cabeça e os braços
 Arranca, e o joga, a revirar na vasta areia. 620
 Mas já Colaxe, filho jóveo, completara
 Sua sina, e o pai, com triste face, aflige o céu
 A revolver, no peito, em vão, tais inquietudes:
 “Ai, se eu tentasse, subtrair à dura sorte
 Um filho e ousasse aos meus impérios confiá-lo, 625
 Meu irmão, triste ainda em razão da morte de Âmico,
 E os deuses, cujos filhos tombam, fremeriam.
 Cada qual tenha, pois, seu dia. O negarei
 A mim e a todos”. Disse, e ao pobre as honras últimas
 Cumula e dota o morituro de vigor. 630
 Ele, p'r'o campo voa e espalha mortandade
 Pelas fileiras, qual no inverno u'a tempestade
 Do céu despenca, a arruinar montes, mata e messes
 Até que a fúria que caía na montanha
 Desfaz-se e extingue, pouco a pouco, nu' olho d'água: 635
 Assim se atira ao fim da vida o jóveo filho
 E então derruba os grãos Gessítoo, Hipetaon,
 Arino e Olbo. Já ferido, alcança Aprés
 E, sem cavalo, a pé co'a lança, a Tidro Fáseo,
 A quem o Cáucaso, a guardar qual de costume, 640
 Do pai as reses, concebeu da água do Fase –
 Daí seu apelido –; e servo os pais fizeram-no
 Do rio, em vão mantendo intonsa a cabeleira.

Já atroz aos outros combatia quando a deusa
 Iníqua rompe o último fio, e vencedor, 645
 Chega Jasão. Com brados tais fala Colaxes:
 “Vós, desgraçados, viestes cá p’ra empanturrar
 Os cães e os pássaros da Cítia”? Diz e lança
 Conforme agüentam mão e idade, um pedregulho
 Do chão tirado, que desvia a régia Juno 650
 Para Monesso, não chorado ou conhecido –
 E ele desaba. Porém Jove não salvou
 Do golpe o filho: a mortal chaga da haste esônia
 Atravessou-lhe o escudo e o peito; o cruento Esônide
 Ao caído atira-se e dá morte. Então, se afasta 655
 Já conhecido e vai aos míseros Alanos.
 Mas a princesa (pois que o deus não cessa o fogo)
 Procura o herói e não desvia o olhar ardente –
 Já menos goza da atual visão da luta.
 Refreia o medo e a inquietação que, ínsia,
 alimenta] 660
 A ponderar se vera é a irmã. Firme, porém,
 Não ousa crer que o rosto é falso e, novamente,
 Se alegra e a toma o doce encanto da cruel chama.
 Como nas ramas e no cimo da floresta
 Com suaves sopros antes o Austro brinca e logo 665
 Sentem-no imenso as miseráveis naus, assim
 Medeia é conduzida às raias da paixão.
 Algumas vezes toca o dom que recebera
 Da branda deusa e, ardente, o ajusta ao triste seio –
 Ao pôr nos membros o furioso ouro, fraqueja. 670
 Porém, devolve a moça à deusa seu ornato
 Inquieta, não pelo metal nem pelas gemas,

Mas pelo fogo e pelo deus que já lhe tomam
 O peito. Um último pudor lhe inflama a face.
 Diz: “Crês, ó irmã, que o pai dará o prometido 675
 Ao grego, que o alcançou co’os mais propícios deuses?
 Quanto da acerba guerra ainda restará?
 A quanto risco ele se expõe por gente estranha”!
 Enquanto o diz, em meio à fala, Juno a deixa
 Segura dos ardis e contente com a empresa. 680
 Mais resoluta, do alto muro desce a bárbara
 Moça e não segue nem procura a irmã sumida.
 O quanto a força árdua dos chefes e os exércitos
 Cercam o Esônio e a ele só todos acossam,
 O mesmo tanto os paus e as pedras ela sente. 685
 Prima tremeu ante o arco infesto de Lexânor
 Mas sobre o crânio de Jasão passa a alta flecha
 E, ó Caico, acerta-te, deixando desgraçada
 A esposa e o lar desfeito sem o primo leito.
 Mírace, o régio núncio, viera do longínquo 690
 Oriente p’ra se unir, com presentes de ouro,
 Colcos aos Partos, em não vão pacto com Eetes.
 Então, na Cítia, ao jovem tomam o amor súbito
 À guerra e as Parcas: u’ escudeiro eunuco junto
 Seguia mostrando a juventude imberbe e estéril. 695
 Ele, assentado, co’o carcás sobre tapetes,
 Veloz, aos freios corre a turba em carro infesto,
 E, em falsa fuga, lança flechas reviradas.
 Verde co’as pedras e orientais fios²⁴ das matas,
 A coroa da pátria o alto da nuca cinge-lhe, 700

²⁴ Seda.

Nobre co'as mangas e co'alfanje à mão direita;
 Cobrem seus pés bárbaros panos estrangeiros.
 Não se ocultou por muito tempo o espólio a Siene
 Que, pelo leve tigre tinto em muita púrpura,
 Atira a flecha. Da ferida aberta verte 705
 Súbito sangue e escapa a vida de seu dono –
 O jovem tomba o crânio sobre o arco partido.
 Então, de negro sangue sujam-se a ígnea capa,
 O rosto e a coma, que sua mãe, co'a flor da Arábia,
 Cuidara e ornada com douradas filigranas. 710
 Qual quando alguém nutre com água e terra fértil
 Uma oliveira, e com bons ventos favorece-a,
 Sem que lhe faltem zelo assíduo e esperança,
 E já o primeiro broto vê na tenra copa,
 Mas de repente, vinda das nuvens do Norte 715
 Cai u'a tormenta que o derruba na atra areia –
 Mírace, assim, perante à vila e à virgem cai.
 Mas ela, aflita por um só, não se comove
 Mais do que ao ver-te, ó Meleafro, e o furioso
 Talau, ou quando admira Acasto a combater – 720
 Embora toda a gente e os campos muito vissem-nos
 Qual tempestade a derrubar os que escapavam.
 Ante seus olhos vão a fuga vergonhosa,
 Sangue vertido e os carros sem seus nobres donos.
 Não suportou Perses dos seus a ruína e os ais, 725
 E, ao vê-los dando as costas, enche o céu de queixas:
 “Por que da pátria eu já expulso, vós ó deuses,
 De mim zombastes me ordenando combater
 E, com augúrios vão, à Cítia levar guerra?
 Por que os presságios, Jove, então me prometeram 730

Do meu irmão as justas penas? Pois o auxílio
 Argivo e tantos homens tu nos preparavas.
 De fato, é cruel tardar da luz para os que sofrem!
 Aos fados peço um dia apenas, que aos Aqueus,
 Por merecerem, logre; e eu veja esse soberbo 735
 Jasão chorar tantos trabalhos sem seus prêmios”.
 Disse e bateu co’arma no peito. Ao capacete
 Encheu de pranto e de soluços. Aguerrido,
 P’r’o ardor da guerra iria se, antes, o não visse
 Palas das tropas inimigas e, consigo: 740
 “Eis que p’ra morte se arremessa o feroz Perses
 A quem o pai já decidiu impor aos Colcos,
 No trono do irmão. Sem meu ardil, receio
 Que morra e o grande horror da culpa sobrevenha”.
 E assim dizendo, u’a nuvem negra em volta dele 745
 Espalha e afasta as chiantes flechas de seu crânio.
 Co’um turbilhão clemente, erguido sobre os seus,
 Ele é levado sobre um sopro de ar ligeiro
 Que o deixa, enfim, já nas fronteiras da batalha
 Onde, por sorte, o cruel Hiberno e os Issedônios 750
 Da guerra privam-se, e com brados só auxiliam.
 Junto, a ansiada noite traz sombras e estrelas;
 De pronto amaina o ardor da guerra e a triste virgem
 Desce dos muros perpassada de temor.
 Ao que os Nitélios interrompem feros cultos 755
 E logo as Tíades, p’ra tudo preparadas,
 Raptam o deus, assim Medeia volta à turba
 E, entre as forças da Grécia e as falanges da Pátria,
 Co’insaciável paixão, de Jasão reconhece
 Seu rosto e as armas sob o cavo capacete. 760

(Página deixada propositadamente em branco)

CANTO VII

Já a tarda Vésper, virgem, do hóspede Tessálio
Também te aparta e tua alegria te abandona.
A noite cai sem lenitivo à amante só.
Pois quando no último portal, com passos trôpegos,
Triste chegou ao leito, tendo a mente em trevas, 5
Na longa insônia revolveu vários queixumes
Não sabendo que mal a consumia. Enfim,
Ousando, em meio à dor, as causas admitir,
Disse: “Por que erro ou que infortúnio estou desperta
A contra gosto? Assim não eram minhas noites, 10
Decerto, ó forte jovem, antes de teu rosto.
Por que, insensata, eu tanto e tanto dele lembro-me
Se um mar tão grande nos separa? Por que no hóspede
Apenas penso? Que de Frixo o velo tome! –
É o que só busca: única causa de trabalhos. 15
De fato, quando reverá ele estas terras,
Ou às Esônias vilas quando irá meu pai?
Felizes são os que atreveram dar-se ao mar
E tantas vias não temeram, vindo aqui
Seguindo um tal varão! Mas, sendo assim,
que partam!”] 20
Lançada ao leito, então, revirou-se na cama
Até que viu a tênue Aurora arder as portas.
A luz do dia não refez a amante insone
Menos que a chuva quando os matos secos ergue,

Ou aos cansados remos desce a brisa mansa. 25
 Mas já o cuidado da jornada adverte os Míncias
 Que, mesmo em tempo de alegria e de proveito,
 Em vão, buscam o rei. Jasão antes o deixa
 Queimar aos deuses sacrifícios e oferendas,
 E então se achega, olhando ao longe se o tosão 30
 Dourado – o velo prometido – no átrio brilha.
 O rei, porém, ao resoluto rosto e à voz
 Se adianta; rompe a espera e lança contra a face
 Do herói e o atinge co'ira assim: “Vós, que nascidos
 Em outras terras tendes reino e praias vossos 35
 Que insânia e inveja do que é meu vos trouxe aqui
 Por sobre o mar? Meu genro Frixo! De meu males
 A prima causa és tu, que n'água não caíste
 Co'a irmã p'ra que, feliz, eu não soubesse o nome
 Ora dos Gregos. Quem é Pélias, Grécia ou Têssalo? 40
 Que raça Míncia vejo, as Ciâneas onde estão?
 Chegam à Cítia os estrangeiros – que vergonha!
 Com mais cinqüenta degredados, Jasão entra
 Na Ásia, e a nau zomba de mim perante todos
 Para levar de um rei ainda vivo o espólio? 45
 Obrigar-me-á a oferecer e abrir meus bosques
 E será digno de vencer sem qualquer luta?
 Por que, ladrão, roubar não queres os bens sacros
 De todos templos e levar do lar as filhas?
 Devo pensar que tendes casas e parentes 50
 Vós que só a nau, co'infames saques, e a tormenta
 Alimentaram; que seu rei – se acreditarmos
 Em vós – lançou ao mar e a volta vos vedou,
 Quiçá para tomar o ouro do Eólio velo.

Descerá antes, com a tombada mata, o Cáucaso 55
 E sobre o mar trará de volta a presa Hemônia;
 Antes verei Hele tornar co'as fitas fúnebres.
 Se inda persistes, todavia, em não partir
 E te envergonha a inane volta, ou se na nau
 Algo de sobre-humano oculta-se, o que buscas 60
 Não reterei: mas antes cumpre o que te ordeno:
 Há diante a vila, há muito inculto, o márcio campo
 E também touros flamejantes que a mim mesmo
 Relutam conhecer quando lhes pesa o arado.
 Minha velhice mais e mais lhes deu agora 65
 Ardor e raiva, e com mor fogo as ventas fremem.
 Sucede-me na glória, ó hóspede fortíssimo,
 E ara outra vez meus campos! Não te faltarão
 Os grãos que eu dava às messes, só por mim abertas. 70
 Basta uma noite p'ra que penses. Com teus deuses
 Estas ordens pondera. E se algo há de divino
 Na nau, que, então, venhas ao campo dos trabalhos.
 Incerto ainda estou se quero que de pronto
 De fogo e trevas tu te envolvas, ou mais dures 75
 Até que os grãos nas searas lances, que dos dentes
 Da serpente de Cadmo u'exército germine
 E que floresça a plantação de armados jovens".
 Pasma co'a fala do cruel rei, primeiro a filha
 Quedou e olhou, pálida, o moço; estremeceu
 Temendo que, íncio, o hóspede ousasse ou, 80
 pobre, cresse]
 Capaz da empresa. O horror também turbara o jovem
 Que por funesta ira prendia-se. Não tanto
 Ó Tibre, espanta-se o Tirreno ou o mestre Jônio

Que, já te olhando e à clara luz do céu sereno
 Presto é arrastado e não mais vê nem porto ou terra 85
 Ausônia, mas o aproximar das sevas Sirtes.
 Reflete, então, sobre a resposta que ao tirano
 Infame dê. Após pensar, enfim se insurge:
 “Não foi tal prêmio ou a esperança, Eetes, que deste
 Aos Míncias quando por teus muros nos armamos. 90
 O que mudou tua boa fé? Que dolos guardam
 Tuas ordens? Vejo aqui outro Pélias e outros mares?
 Eia, Tiranos, ódio e força em mim lançai!
 Nunca a esperança ou vigor faltam-me. Costumo
 Cruéis ordens suportar e não ceder. Só peço: 95
 Se a tal colheita¹ me abater co’as suas lanças,
 Ou se amanhã da boca imiga o fogo haurir-me,
 Ao sevo ouvido, então, de Pélias faz saber
 Que aqui morremos eu e os homens, que se houvesse
 Lealdade, à pátria retornar nós poderíamos”. 100
 Co’essas palavras, deixa pasmos pai e filha;
 E, arrebatado, sai do pérfido palácio.
 Mas, entre os pais abandonada, a virgem trêmula
 Se cala; e os olhos baixos não pode manter
 Por muito tempo, sem voltar o triste rosto. 105
 Olhou p’ras portas e, a partir, inda o encontrou.
 Mais belo, então, a pobre amante o viu saindo,
 Deixando atrás de si tais ombros e tal dorso.
 Ela, por pouco, opta deixar o paço e o umbral,
 Porém, detém o passo ardente entre os portais. 110

¹ Referência aos filhos da Terra, nascidos da sementeira dos dentes da Serpente de Cadmo.

Qual quando a errante Io percebe a prima areia
 E o pé vacila – a quem a Erínia ir faz ao túmido
 Mar e as mães fárias chamam do outro lado d’água –
 Assim rodeia e chega à porta, a ver se aos Míneas
 Mais brando chama o pai. Buscando a face do hóspede, 115
 No leito só, já fraca amua-se, ou no seio
 Da irmã querida busca abrigo. Quer falar
 Porém se cala. Outra vez indo-se, pergunta
 Como chegou à Eea praia o hóspede Frixo
 E como aladas serpes Circe transportaram. 120
 A pobre, então, desfruta a vista das amigas –
 Mas não lhe agrada. De repente, vai aos pais
 E à mão paterna co’os mais brandos beijos cobre;
 Qual u’a cadela acostumada ao leito e à mesa
 Do doce dono, doente pela peste e a raiva, 125
 Antes da fuga olha, chorosa, para o Lar.
 Enfim, com branda ira, consigo assim se increpa:
 “Segues, insana. O zelo e a imagem dele afligem-te –
 Ele que tem, talvez, no mar já a nave em fuga
 E às pátrias vilas o meu nome não dirá? 130
 Por que me abala assim que aquele as provas vença
 Ou caia, e a Grécia com tal luto, se atormente.
 Se já o supremo Fado o trouxe, antes melhor
 Teria sido ser mandado a estranhos reis.
 Quem dera, enfim, que não tardasse nesta vila. 135
 Dizem que tem do nosso o divo Frixo o sangue –
 E eu vi sofrer a minha irmã. E conta o mísero
 Que foi, por ordens, obrigado a ir às ondas.
 Porém, que volte como for, e que não saiba
 De minha prece, ou que a meu pai jamais odeie”. 140

Disse e arrojou no leito os membros fatigados
 P'ra que o descanso compassivo viesse, quando
 Mais sevo sono a toma e a inquieta: o hóspede súplice
 De um lado implora; de outro, o pai. Por novo medo
 Desperta e se ergue. Reconhece o lar e as servas, 145
 Levada há pouco pelas vilas da Tessália.
 Qual, perturbado pelas Fúrias e Pavores,
 Orestes toma a espada e fere a hoste da mãe;
 A Ira, co'horrível som do açoite, e as serpes
 seguem-no –]
 Que outra vez crê-se arder co'a morte da Lacônia² – 150
 Do falso ataque dessas deusas, volta exausto
 E no colo da irmã desgraçada se atira.
 Sem ver a Colca vacilar co'as inquietudes
 E não cair inda no extremo da paixão,
 Juno não mais a voz e o vulto de Calcíope 155
 Retoma. Quando o ardor se esfria e a mente enfrenta
 O mal mais fraco que o pudor, nas altas brisas
 Ela se eleva, a procurar Vênus no Olimpo.
 “Lembro que tu estás comigo nesta empresa,
 Mas ela dura se mantém; mudada em ira 160
 E fúrias sofre, e ora me deixa amargurada.
 Vá, peço, e vence o que me frustra esses amores,
 P'ra que ela, enfim, ouse deixar do pai a casa
 E defender de todo azar o meu Esônide.
 E mais: que em mágico veneno ela arrimada 165
 Engane a serpe que vigia a noite inteira –
 Que tem por sua a árvore toda (espia ao longe)

² Clitemnestra.

E que com largas voltas cobre o velo de ouro –
 E em sonos lance o grande freixo. Ora contigo
 É isso; o resto deixo às Fúrias e a ela mesma”. 170
 Então responde a mãe de Amores que têm asas:
 “Não te deixei quando buscaste a prima ideia
 Mudar da moça e, co’aflição desconhecida,
 A alma tocar-lhe. Pois de pronto, a ti somente,
 Dei minha cinta que, ajustada, a fez ceder. 175
 Mas não bastou, o encargo é meu: de mim precisam
 O Pudor dúbio e os vacilantes corações.
 Fá-la-ei buscar se unir co’o Esônio sem tardar.
 Faz que ela vá depressa ao templo da lucífera
 Diana, p’ra onde usa levar as sacras tochas 180
 E, em culto à deusa, co’as iguais colcas dançar.
 Não temas Hécate, ou que acaso ela embarace
 A minha empresa – e mais desejo que ela o tente:
 O Amor virá presto e, co’o canto das três línguas,
 Hei de obrigá-la a refrear os bois flamíferos 185
 E o abraço suportar”. A Íris Juno vê
 E à lesta manda obedecer à ordem de Vênus
 Pr’a que conduza o moço Esônio ao dito bosque.
 Íris buscou os Míneas presta; e a Citereia,
 À colca. Atenta, Juno ao Cáucaso voltou – 190
 O olhar atônito mantendo no Eeo muro
 Co’ esperança e temor; sem saber do porvir.
 Vênus, oculta, divisara a vila e, logo,
 Um langor novo fez tombar da virgem o ânimo –
 Com calorosas queixas dobram-se os furores. 195
 A revolver sobre o estrangeiros impressões várias,
 De novo se entristece e, em vão, diz ao ausente:

“Ah, se pudessem co’os venenos da Tessália
 Mãe ou esposa – acaso as tenhas – te ajudarem!
 Que pode u’a virgem mais que chorar teus trabalhos? 200
 Ai, que obrigada a ver teu fim inda eu não sei
 Ou pelas sendas da infeliz irmã seguir!
 Ele ora pensa que a ninguém move sua sorte
 Ou dele lembra; e a mim odeia, como a todos.
 Se alguma vez, porém qualquer poder eu tive, 205
 A última cinza que restar no horrível campo
 E ossos que o fogo cruel do touro preservar
 Sepultarei. Ser-me-á, então, justo a sua alma
 Amar, e ao túmulo levar estes cuidados”.
 Disse; e eis que Vênus se assentou logo no leito 210
 Como a Titânia deusa Circe transformada,
 Co’a falsa veste rebordada e a vara mágica.
 Qual se enganada por um lento sonho, a colca
 Tem, dúbia, os olhos e imagina, aos poucos, ser
 Aquela a tia. Alegre, então, entre os lamentos, 215
 Saltou e deu, antes, na seva deusa um beijo
 E disse: “Enfim aos teus retornas, dura Circe³!
 O que te fez fugir na biga de serpentes?
 Ou que tardar mais te agradou que as pátrias terras?
 Antes a nau Tessália em vão chegou ao Fase 220
 E Jasão veio, infeliz, sobre tanto mar,
 Que o amor à pátria te moveu”. Vênus, então,
 Atalha-a e diz: “Dos meus caminhos tu és a causa:
 Já há muito ociosa, venho por tua juventude.
 As queixas cessa e não me acuses de seguir 225

³ Filha do Sol e irmã de Eetes.

U'a melhor sorte. Já que os dons divinos contam-se,
 Crê, antes, que este mundo e os deuses são comuns
 A todos que têm vida. Então, chama de Pátria
 Por onde o dia passa. Ó filha, que o maligno
 Constante inverno não nos prenda sob o frio: 230
 Deixar os duros colcos eu e tu podemos.
 Do Ausônio pico a régia esposa agora eu sou
 E não me assusta o campo ali dos bois flamíferos;
 Vês-me senhora do mar Tusco. Quais Sarômatas
 Serão, porém, teus pretendentes? De que Híbero 235
 Ou Gelono serás esposa – e, ai, não única”?
 Ela, de pronto, refutou o que disse a deusa:
 “Da grã Perseida⁴ não me encontras esquecida
 Para, infeliz, ser obrigada àqueles leitos.
 Peço que vás e este temor por mim afastes. 240
 Desta aflição, porém, me tira, já que o podes,
 Pois tenho medo e ardor, ó mãe, e há tempos soffro
 Na mente incerta um fero incêndio. Tenho n'alma
 Nenhum repouso e sono algum; a língua seca-me.
 De meu mal dá-me a paz e a razão me devolve. 245
 Dá-me de novo o dia e a noite, dá-me a veste
 Que traz o sono e os olhos fecha-me co'a vara.
 Nada, porém me aclaras, mãe. Antes, só, fui
 Mais forte. Vejo um triste leito, tudo hostil,
 E se eriçarem teus cabelos de serpentes”. 250
 Medeia assim dizia e, recostada ao seio
 Da cruel Vênus chorava, a revelar a dor
 Latente na medula e o fogo no imo peito.

⁴ Hécate.

Vênus abraça-a e dá-lhe beijos, que a enfurecem.
 Inspira um amor de ódios eivados. Enquanto envolve 255
 Com várias falas a tristonha e com conversas
 Outras cativa-a, diz: “Me escuta e ergue tuas faces”.
 E assim, em lágrimas, começa: “Quando há pouco
 Ligeira eu vinha em divos ventos ter contigo,
 Vi, por acaso, junto à barra, u’ a nau brilhante – 260
 Que a minha ilha⁵, que detém todos os nautas,
 Não deixaria partir nunca de seu porto.
 Um que mais belo do que todos pareceu-me
 Então eu vi – eu contemplava o capitão.
 Ele se achega crendo eu ser tua companheira 265
 E diz: ‘Se tens pena de quem morrerá logo,
 De quem verás lutar com monstros sem motivo,
 Peço que o contes aos ouvidos virginais;
 Mostra meus prantos! Estas falas lhe dirijo
 Que, como posso, envio; e as mãos, da praia, estendo. 270
 As deusas que comigo eu trouxe em mil perigos
 Me abandonaram. Salvação só e esperança,
 As que ela der-me, se mas der. Que as minha preces
 Ela não negue; diz-lhe, peço, que socorra
 Varões que nunca mais verá, e os nomes guarda-lhes. 275
 Ai, que não posso aqui pagar nenhum favor! 284
 Porém, que saiba que este corpo salvo à morte
 E esta alma seus serão. Assim se apiedará?
 Ou senão, diz...’ Já se atirava à espada nua
 E eu prometi – não falhes, peço. Comovida
 Co’ a fala e a sorte do varão, deixei que ouvisses

⁵ Ilha de Eia.

Seu rogo. És tu de glória nova e nobre súplice 290
 Mais digna: já de meus venenos tenho a fama.
 Se em duras provas Hipodâmia⁶ ajudou Pélops – 276
 Ela, que ao ver expostas todas as cabeças
 Dos pretendentes seus, temeu o carro do pai –,
 Se deu o irmão à morte a filha do rei Minos,
 Por que não podes socorrer os nobres hóspedes 280
 Ou ordenar aos campos Eeos que se amansem?
 Que em morte eterna os fumegantes touros caiam
 E a colheita de Cadmo, ao verem o estrangeiro”.
 Medeia, há muito, já volvera o olhar soturno, 292
 Contendo a mão e o ardor, a ponto de atacar
 A deusa: abrasa-se o Pudor com tanta ira.
 No leito, a pobre tampa os trépidos ouvidos, 296
 Fugindo à fala; o horror tomara a tenra idade. 295
 Presa não vê como fugir ou p’ra onde ir. 297
 Que a terra se abra ela deseja, e que a sepulte
 Para escapar às diras falas. Porém, Vênus
 Manda a seguir, e nos portais por ela espera. 300
 Qual no átrio de Equião, Baco, feroz, co’as ínfulas
 Conspurcadas de vinho, abandona Penteu⁷
 Quando este o deus recebe e, mísero, suporta
 Da mãe a casta veste, o tímpano e a lança,
 Assim, sozinha, a virgem teme; olha ao redor 305
 P’ra tudo e nega-se a sair dos aposentos.
 Mas o Amor sevo e mais Jasão mandado à morte

⁶ Enômao prometeu dar a mão de sua filha Hipodamia a quem conseguisse vencê-la em seu carro. Pélops, que conquistou os cavalos alados, venceu-a na prova.

⁷ Filho de Équion e de Agave. Descrito nas *Bacantes*, de Eurípides.

Urgem, e as falas que escutou crescem no peito.
 Ah, o que fazer? Vê-se traindo, dura, o pai
 Com o estrangeiro; já prevê dos crimes seus 310
 A fama. Ao Tártaro e aos deuses importuna
 Com queixas. Bate o chão co'as mãos. Invoca a deusa
 Da curva noite e Dite, p'ra que, enfim, consintam
 Em salvá-lo da morte – e, junto dele, aquela
 Que por ele enlouquece. Impreca agora contra 315
 O ausente Pélias, que o danara co'ira tanta.
 Decide, logo, prometer sua arte ao mísero,
 Mas nega e julga ser melhor morrer com ele.
 Que por amor tão vil jamais seria presa
 Ou que ao estranho não daria força e ajuda 320
 Proclama, e atira-se no leito, quando crê
 Ser rechamada, e as portas soarem nos seus gonzos.
 Logo que sente ser vencida por um deus
 Que não sei qual, e ausente o que antes o Pudor
 Mandava, ao fundo vai do tálamo, indagando-se 325
 Que ajuda ao rei da nau Hemônia saberia.
 Quando a sinistra porta abriu-se, revelou-se
 O quarto que cheirava a mágicos venenos –
 Tudo o que ao mar tirou, e ao fundo dos sepulcros,
 E o que apanhou sob a sanguínea luz da lua: 330
 “Tu seguirás ou sofrerás”, diz, “a vergonha
 Quando tens presta fuga ao mal e a tantas mortes”.
 E, assim dizendo, co'o olhar em vão procura
 Aquela que era a mais veloz entre as peçonhas;
 Hesita e as iras acumula, p'ra morrer. 335
 Ó muito alegre luz do dia, és mais querida
 Na hora da morte! Quedou pasma com sua fúria:

“Ah, morrerás! Podes durar assim tão jovem?”
 Diz, “Não verás as alegrias de viver
 A juventude, nem crescer o doce irmão⁸. 340
 Mas, cruel, não sabes que Jasão, com qualquer morte
 Que seja a tua, morrerá? Ele que a ti
 Só chama e invoca, a quem primeiro vi na praia?
 Por que quiseste, então, selar um falso trato
 E não mandaste, ó pai, de pronto o moço aos
 monstros?] 345
 Confesso: eu mesma então o queria. Ó cara Circe
 Titânia, creio em tuas palavras, e te sigo;
 Os teus conselhos de mais velha me perturbam;
 Porém, mais nova, cedo a eles”. Quando o disse
 Volveu de novo ao jovem grego o zelo e o medo 350
 Desejando viver ou morrer só por ele,
 Queira ele ou não. Com grandes cantos, pede a Hécate
 P’ra grandes forças enviar, pois não estava
 De si segura, ou dos venenos que sabia.
 Os seios cinge co’o que julga ser mais forte: 355
 A flor e as ervas que no sangue da ferida
 De Prometeu nascem, e o Cáucaso alimenta –
 Que o cruor sagrado fortalece e nutre em meio
 À neve e aos tristes gelos quando o abutre afasta-se,
 Tirada a víscera, e co’o bico asperge as rochas; 360
 Verde e imortal, tanto não murcha mesmo ao fim
 De u’a longa vida, quanto está à salvo do raio
 E, em meio às chamas, flores crescem-lhe. Foi Hécate
 Quem primeiro levou u’a dura foice às fontes

⁸ Absirto.

Do Estige, e às rochas arrancou as fortes ramas, 365
 Depois mostrou a planta à serva que, à luz décima
 Da Fêbea, os brotos colhe: cada resto atija
 Do deus⁹ a sanha. Ele em vão geme olhando os colcos;
 A dor, então, os membros todos lhe contrai
 No monte, e a foice faz tremer todas correntes. 370
 Com tais venenos se arma a pobre contra a pátria
 E entra, a temer, no breu da noite. Vênus dá-lhe
 A mão e a voz, e com conversas brandas leva
 Consigo a apavorada através da cidade.
 Qual quando primo u'a temerosa mãe empurra 375
 No ar os filhotes, do elevado ninho, e exorta-os
 A prosseguirem e nas asas sustentarem-se,
 E o primo medo do cerúleo Olimpo fere aqueles
 Que já rogam voltar à costumeira árvore,
 Assim Medeia se quebranta entre as muralhas 380
 Da escura vila e teme as casas silenciosas.
 Parou, então, em vão, no umbral da última porta
 E de novo chorou, co'o ânimo desfeito.
 Olhou p'ra deusa e hesitou assim dizendo:
 "Jasão, de fato, por mim chama e mesmo implora? 385
 Falta de amor, culpa ou desonra não se ocultam?
 Torpe não é servir a um homem que suplica"?
 Nada responde a deusa e corta a inane fala.
 Mas começara a colca a andar, pelo silêncio
 Denso, co'um som mágico os deuses da montanha 390
 Cobrem os rostos; rios voltam a suas fontes.
 Já o Pavor cai nas greis e estábulos; sepulcros

⁹ Prometeu.

Atroam. Mais lenta se pasma a umbrosa noite!
 De longe, a segue, a tremer, Vênus. Ao chegarem
 À sombra, sob as altas árvores de Hécate, 395
 Não esperado ainda, Jasão, então, de súbito,
 Brilhou e o viu primeiro a virgem consternada.
 Logo a Taumântia¹⁰ ergueu-se em fuga, em asas céleres,
 E Vênus solta a mão que tem. Qual quando, adiante,
 Na tarda noite o Pavor lança-se aos pastores, 400
 Contra os rebanhos; como as cegas sombras mudas
 No caos profundo avançam; tal, em meio às trevas
 Do bosque à noite, ambos atônitos se encontram
 E seguem juntos, como abetos silenciosos
 Ou como rígidos ciprestes, cujas ramas 405
 Pelo Austro rápido ainda não foram turbadas.
 Enquanto os dois mudos e imóveis se mantinham
 E a noite o curso prosseguia, já Medeia
 Quer que Jasão eleve o rosto e primo fale.
 Tão logo o herói a vê chorando, apavorada, 410
 Co'a face em brasa e o Pudor mísero, falou
 Estas palavras, consolando a enamorada:
 “Trazes um raio de esperança? Vens por pena
 De meus trabalhos ou te alegra a minha morte?
 Peça: não portes, virgem, qual teu pai infame! 415
 Num rosto assim não fica bem tanta inclemência.
 Convêm tais prêmios e tais dons por meus labores?
 Sob os teus olhos deverei ser rechaçado?
 Empresta, moça, tua audição às justas queixas.
 Por que teu pai quer que eu enfrente tantos monstros 420

¹⁰ Íris, filha de Taumante e Electra.

(Por que o mereço?) ou que tais penas eu expie?
 Será porque Canto¹¹ ora jaz sob a estrangeira
 Lança e morreram pelos vossos muros Ífis
 E tantos cílios? Antes ir-me houvesse o pérfido
 Mandado e abandonar seu reino sem demora. 425
 Vês com que trato ou por quais riscos me dará
 A recompensa prometida? É decidido:
 Morrer prefiro a não cumprir, quaisquer que sejam,
 As ordens de teu pai. Nunca irei sem o velo –
 Não serás tu a prima a ver-me desonrado”! 430
 Assim falou. Ela, a tremer, observa a boca
 Do súplice fechar-se a pedir sua resposta.
 Pasma não vê como, em que ordem e até onde
 Começar, desejando a voz soltar primeira.
 Porém Pudor não dá à tímida a palavra. 435
 Hesita mas, erguendo os olhos, logo diz:
 “Por que, Tessálio, indago, vieste às nossas terras?
 Por que esperança tens em mim? Por que, fiado
 Em tua virtude, não buscaste os tantos feitos?
 Se eu temesse sair da casa de meu pai, 440
 Morrias, e amanhã esta alma esperaria
 Um funeral. Onde ora estão Juno e a Tritônia?
 Sozinha estou contigo em meio a azares tantos,
 De terra estranha uma princesa? Pasma, creio
 Que nem mesmo a floresta agora me conhece. 445
 Mas por teu fado sou vencida. Aceita a ajuda –
 Que nem é minha. Se de novo quiser Pélias
 Perder-te ou te enviar a vila ou riscos outros,

¹¹ O argonauta Canto foi morto por Gesandro.

Em tua beleza não confies”. Já tirava
 Do seio as ervas do Titânio e a força de Hécate, 450
 Quando a Jasão de novo fala, nesses termos:
 “Se inda esperança alguma pões nesses teus deuses
 Ou o teu valor pode afastar-te da iminente
 Morte, também te peço agora, hóspede: deixa-me
 E me devolve ileso ao meu mísero pai”. 455
 Disse e de pronto, pois que os astros declinavam
 E o Boiadeiro já guinara o extremo zênite,
 Com ais e muito choro entrega ao moço o encanto
 Como se junto desse a Pátria, a fama e a honra.
 Ele na mão recebe e apanha toda a força. 460
 Sabendo o que fizera, então, irreparável,
 Pudor sumiu da face e Erínias possuíram-na.
 Lança um feitiço em todos membros de Jasão.
 Por todo escudo, a murmurar, dá sete voltas,
 já mais pesada faz a lança do varão 465
 E dos ausentes touros torna o fogo fraco.
 “Recebe agora as cristas”, diz, “e ajusta o elmo
 Que na funesta mão Discórdia há pouco tinha.
 Lança-o em meio às messes ao arar a terra
 E logo toda a tropa¹², em fúria, contra si 470
 Pelejará. Meu pai, fremente, irá pasmar-se
 E, certo, me olhará”. Assim dizendo, mais
 E mais guiava a mente sobre o mar profundo;
 Já os Mírias via abrindo as velas sem levá-la...
 Tocada, pois, por dor extrema, toma a destra 475
 Do Esônio e diz humildemente: “De mim lembra,

¹² Os filhos da Terra.

Imploro; eu mesma lembrarei sempre de ti.
 Quando partires, diz-me, peço, p'ra que lado
 Do céu profundo eu olharei? Mas também tu
 Onde estiveres, pensa em mim, a qualquer tempo. 480
 Mas como estás lembra e confessa a minha ajuda
 E não te vexa seres salvo por u'a virgem.
 Por que teus olhos, ai de mim, nada pranteiam?
 Finges não ver que pela justa ira de um pai
 Eu vou morrer? Um feliz reino com tua gente, 485
 Esposa e filhos por ti esperam. Descoberta,
 Eu partirei – alegre deixo a luz por ti”.
 Diz o estrangeiro presto (pois com cantos mudos,
 Ela o movera e deflagrara u'amor igual):
 “Sem ti, crês tu, que o Esônio queira alguma coisa 490
 Ou busque algum lugar? Devolva-me ao tirano,
 Melhor será. Recolhe e leva o ingrato encanto.
 Que amor à vida é o meu? Por que inda quero
 u'a pátria]
 Que não te abrace Éson primeiro e, alegre, a Grécia
 Espere ver-te, co'o tosão, brilhando ao longe, 495
 A se atirar às primas ondas? Considera
 Meus ditos, rogo, e aceita ser a minha esposa.
 Juro por ti, que és mais potente do que os deuses
 Do céu e inferno; por teu nuto, que astros volta;
 E pelas horas que estaremos separados: 500
 Se eu me esquecer de tua ajuda ou desta noite,
 Quando deixaste o cetro, a casa e até os parentes,
 Ou perceberes que eu já não observo os votos,
 Que eu não consiga aos feros touros e aos terrígenos
 Então fugir; que em minha casa as tuas artes 505

E chamas turbem-me; que, ingrato, ninguém possa
 Me socorrer; e se algo existe de mais sevo,
 Que mo acrescentes e me lances ao terror”!
 Ouviu-o também Furor, que aplica as justas penas
 Pelo perjúrio, e vinga as queixas dos amantes. 510
 Tendo assim dito, imóveis ambos permanecem.
 Erguem a face em leda audácia juvenil
 Mas logo o doce olhar dos rostos eles tiram.
 Já o Pudor triste os olhos baixa; a mudez volta
 E a virgem, outra vez atemoriza o Esônide: 515
 “Ouve os perigos que virão depois dos touros
 E que guardião te espera junto ao velo Eólio.
 Confesso: inda não findei o meu anúncio.
 Obra mais seva resta na árvore de Marte.
 Crê que... – tomara tenhas toda confiança 520
 Em mim e em Hécate noturna, e nossas forças”.
 Disse; e p’ra lhe mostrar que monstros o aguardavam,
 Provoca a serpe recostada em grandes voltas,
 Que à sombra atira-se, de súbito, do Esônide.
 Como antes nunca, ela se ergueu vibrando a língua, 525
 Depois, com medo por seu velo, se enroscou
 E toda a árvore tremeu sob as rodilhas;
 Ela o procura e, a morder ventos, se enfurece.
 “Que ruído é este? Dize-o, virgem, que desgraça”?
 Co’a espada em punho, o Esônio exclama, enregelado; 530
 Ela, a sorrir, afasta a serpe e assim lhe diz:
 “Esta é a prova final que a ira de meu pai
 P’ra ti prepara, ó pobre amado entre perigos!
 Tomara eu veja-te subir no freixo horrível
 De escuras ramas, sem esforços, a calcar 535

Do vigilante monstro as voltas. Não me importa
 Depois morrer”. Assim dizendo, ela fugiu
 E regressou à vila sob as sombras últimas.
 Já despertara ao rei, na Aurora, a vã esperança
 De que afastara u’a noite só, co’ondas, o Esônide; 540
 De que do ponto aberto livre estava a face;
 De que o silêncio ao mar voltara. Quando, ao longe,
 Quis comprová-lo, ao seu encontro vem o Arcádio
 Équion, dizendo estar Jasão no márcio campo
 De Circe, pronto a dar combate aos bois brozípedes. 545
 “Chamado, eu vou”, disse e partiu do paço o rei.
 “Arai primeiro os campos meus com fogo, ó touros,
 Lançai e volvei todas as chamas. Que das messes
 Brote u’a colheita inesquecível para o Hemônio.
 A tua terrível serpe, ó filha, manda aos gregos; 550
 Que, ante à visão do velocino eles pereçam
 E que mantenham, para mim, sangrando as costas¹³”.
 Disse e mandou abrir o campo aos touros soltos.
 Uns, os medonhos grãos, os dentes de Equião, levam;
 Outros carregam da charrua o grave peso. 555
 Mas a Pagásea juventude, por seu turno,
 Segue e se ajunta ao chefe; então, diz cada um
 Grandes palavras; e do campo se retiram.
 Jasão parara; estava só, longe de todos
 Qual passarinho que do fim do bando perde-se 560
 Quando, ao cansar do dia, a areia do Austro ardente,
 A neve que retorna aos picos do Rifeu
 Ou o fero horror do escuro Bóreas o afastaram.

¹³ Como o velocino tinha poderes curativos, Eetes deseja que Jasão morra antes de conquistar a cura.

Como, de súbito, do pasmo Fase as águas,
 Do Cáucaso a floresta e toda a terra Eea 565
 Brilharam; e os redis lançaram chamas negras;
 Qual quando às vezes de uma nuvem coruscante
 A ira de Jove aos homens lança gêmeos raios,
 Ou juntos dois ventos rebentam as correntes
 Fugindo, assim, do cerco os dois touros evadem 570
 E, irados, sopram chamas como um turbilhão,
 Lançando um incêndio em negras ondas. Assustaram-se
 Os Argonautas; o aguerrido Idas que, há pouco,
 Se lamentava de ser salvo pelas mágicas
 De uma mulher, olhou p'ra colca constrangido. 575
 Sem mais tardar, Jasão lançou-se, após os ver
 Ir separados. Brande o escudo ameaçador
 E, de frente, co'a mão, afasta o fogo errante.
 Quando um parou e o olhar terrível circulou –
 O que primeiro viu as armas de Jasão –, 580
 Pouco hesitou e, presto, irou-se. O mar em fúria
 Assim não joga-se aos rochedos, nem retorna
 Após quebrar-se. Lança dois sopros de fogo
 E oculta o herói. Mas não permite-lhe Medeia
 O incêndio respirar. Do fogo esfria o escudo 585
 E as chamas arrefece, à vista do veneno.
 Jasão arroja a mão e prende o ardente chifre
 E, então, o segura a toda força, o sujeitando.
 O touro, a se esquivar do herói e de ti, Medeia,
 Sacode e empurra, co'ira toda, o que o segura. 590
 Parado, enfim, põe-se a mugir esmorecendo
 E, derrotado, abaixa os chifres fatigados.
 Jasão p'r'os nautas olha e pede u'a grande corda;

As fuças prende; puxa e cede, e finca o joelho;
 O vence e obriga ao brônzeo arado a nuca trêmula. 595
 A colca, túrbida, desarma então o outro
 E lento e tímido o oferece; em noite escura
 O envolve enquanto ele se achega. Exausto, o touro
 A nuca e os ombros tomba, à força de ira e peso.
 Jasão o ataca e, todo, atira-se-lhe em cima, 600
 Prendendo o bicho já cansado de bufar.
 Tendo os jungido e submetido ao forte arado,
 Co'o joelho excita-os, e co'a seva vara os move –
 Qual quando Lápita¹⁴, co'as rédeas, agarrou
 O rincho e o lombo do cavalo que primeiro 605
 Surgiu da terra e apareceu no cimo do Ossa.
 Como se arasse os campos líbios ou as terras
 Do fértil Nilo, assim Jasão, contente, joga
 Os grãos nas messes, e de guerra onera as leivas.
 Márcio clangor aí três vezes troou no arado 610
 E, em todos sulcos, as cornetas ressoaram.
 A belicosa gleba treme e, junta, nasce
 E se arma a tropa, que por todo o campo brota.
 O herói parou um pouco e regressou aos seus
 Aguardando onde a terra os guerreiros daria. 615
 Mas quando vê já às leiras cristas retornarem
 E a terra inquieta co'os infestos capacetes,
 Se arroja e as terras sob as nuca, junto ao chão,
 Inda sem ombros, não verão o dia – a espada
 Aplaina os troncos; as couraças rutilantes 620

¹⁴ Filho de Apolo. Domou o primeiro cavalo criado por Netuno.

E as mãos saídas da mãe prende, antes que o
enfrentem.]

Mas, ante os mil e mil soldados, não se basta.

Como o Tiríntio, quando exausto, junto às hostes

Da Hidra feroz, para o Paládio fogo olhou¹⁵,

Logo, de novo, a se valer das artes cólquidas, 625

Do capacete solta o atilho, mas vacila,

Pois quer sozinho todo exército enfrentar.

Esperanças não tem. Por toda parte os filhos

Da terra adensam, co'os chamados e as trombetas.

Todos o vêem e as armas contra ele arremessam. 630

Então, furioso por tão grande diferença,

Lançou no meio deles o Elmo que Medeia

Dera-lhe, co' o veneno tártaro. Todas as lanças

Presto voltaram-se. Como a ira anual da Mãe¹⁶ 635

Lacera os frígios; e aos eunucos cabeludos,

Belona, assim Medeia as tropas inflamadas

Súbito embola e leva irmãos a se enfrentarem.

Com ira igual, todos ali julgam matá-lo.

Eetes se espanta e quer chamar de volta os homens 640

Enfurecidos, mas jazia a tropa toda

Sem primeiro a cair ou último a ficar.

E a Terra, rápida, seus corpos consumiu.

Jasão no rio entrou co'as armas fumegantes,

Qual, co'os corcéis, vindo do pó Guético, Marte 645

Quando, co' o suor esquento o Hebro, ou quando
o negro]

Ciclope foge da caverna e das feridas

¹⁵ Um dos trabalhos de Hércules: acabar com o hidra de Lerna.

¹⁶ Ira pela perda de Atias, seu filho.

Do raio rútilo, e respira na Sicília.
Regressa e abraça os companheiros, que o ovacionam,
Sem julgar digno exigir ter do rei mendaz 650
O prometido: mesmo que esse o velo aos ombros
Pusesse-lhe, não mais queria o pacto e a paz.
Ferozes ambos, começaram a se afastar.

CANTO VIII

Mas já no leito apavorada por seus atos,
Cercam Medeia a ira do pai e as ameaças.
Não teme mais a pobre as águas tenebrosas
Nem as longínquas terras: quer, por quaisquer ondas,
Fugir, ou em qualquer navio já embarcar. 5
Último beijo deu nas fitas virginais;
Ergueu do leito, a que abraçava, a coma e a face;
De um sono antigo recolheu antes os restos
E, nas marcas do leito, assim gemeu a mísera:
“Ai, pai, se desses ora mil abraços últimos 10
Em mim, que fujo, e visses, Eetes, os meus prantos...
Não creias, pai, ser mais querido a quem eu sigo.
Tomara juntos pereçamos sob as ondas!
Rogo que empunhes manso o cetro em longa idade,
que os outros filhos para ti sejam melhores”. 15
Disse e tirou do letal cesto uma poção
– Que o esposo hemônio desprezar não deveria – ;
Nos virginais seios, a guarda co’o colar
E, sobretudo, inda ajuntou u’a cruel espada¹.
Como se erguida pelo látego das Fúrias, 20
Então partiu – qual, com o atônito pé, Ino
Lançou-se ao mar, não se lembrando, consternada,

¹ O colar e a espada são os instrumentos da morte de Creúsa e dos filhos de Medeia, no ciclo trágico.

Do filho; e o esposo fere, em vão, o extremo do Istmo².
 Já inquietações tinham levado à mata o herói
 Que se ocultava sob a noite da floresta – 25
 Brilhava a face da sidérea juventude!
 Qual Látmio³, o caçador (quando inda os
 companheiros]
 No bosque estavam), na estival sombra reside
 Digno do amor da deusa – e a Lua, com seus cornos
 Velados vem –, assim Jasão, em nuvem rósea, 30
 De glórias enche a mata e espera pela amante.
 No entanto, a pávida donzela, qual u'a pomba,
 Que, perseguida pela sombra de uma águia,
 Cai, a tremer, em qualquer homem, ela assim,
 Apavorada, a ele lançou-se. Ele, porém, 35
 A recebeu e assim falou, com brandos ditos:
 “Ó grande orgulho que hás de ser aos meus Penates,
 Única causa não indigna de meus cursos,
 Já não me importa o velocino; à minha nau
 Só basta haver te conduzido. Eia, portanto, 40
 Aos teus favores meritórios este aduz,
 Visto que o podes. Já que somos obrigados
 A levar o tosão, que a glória aos nautas caiba”!
 Disse e deu, súplice, nas mãos o primo beijo.
 Soluçando outra vez, a virgem respondeu: 45

² Atamante perseguiu Ino, sua segunda esposa, quando descobriu que esta o havia enganado, fazendo-o sacrificar os filhos de sua primeira mulher: Frixo e Hele. Após matar Learco, perseguiu Ino até a praia e, ao tentar alcançá-la com a espada, golpeou a terra.

³ Endimião, pastor expulso do monte Olimpo por ter ousado enamorar-se de Juno. Foi condenado a dormir eternamente no monte Latmo.

“Abandono por ti a casa e o bem dos meus.
 Já não mais chamo-me princesa; sem o cetro
 Sigo meus votos. Cuida desta fugitiva
 Com quem, bem sabes, pactuaste. Os deuses
 ouvem-nos]
 E os astros vêem-nos. Sofrerei contigo o mar 50
 E todas rotas, p’ra que nunca alguém me obrigue
 A aqui voltar ou a enfrentar o olhar do pai.
 A ti e aos deuses, ó estrangeiro, isto é o que eu peço”.
 Disse e, furiosa, tomou rápida um desvio.
 Seu companheiro hesita e apieda-se; mas, súbito, 55
 Em meio às nuvens vê u’a chama gigantesca
 E a escuridão tremer com luz assustadora:
 “Que rubor há no céu? Por que a estrela tão lúgubre
 Reluz”? Indaga. E a virgem diz ao temeroso:
 “Os olhos da serpente, o torvo olhar, contempas. 60
 Co’as suas cristas ela vibra estes relâmpagos.
 Porém, só teme ao ver-me e chama-me de longe,
 Qual sempre, e pede-me, com branda língua, víveres.
 Sus! Diz se queres espoliar a vigilante
 Que o imigo vê, ou que eu afunde em sono os olhos, 65
 Ou que eu, melhor, te entregue a serpe dominada”.
 Ele se cala e horroriza-se co’a virgem.
 Já a Colca erguera as mãos aos astros, a espalhar,
 Num ritmo bárbaro, os encantos; e invocava-te
 Ó Sono: “À Cólquida te chamo, ó Onipotente, 70
 Vindo de todo mundo, e ordeno-te ir à serpe.

Confiada amiúde no teu chifre⁴, domei nuvens,

⁴ Os romanos costumavam representar o Sonho como um

Raios e tudo que no céu brilha. Porém,
 Ora maior acode, qual teu irmão – a Morte.
 Tu também, fiel guardião do velo fríxeo, é tempo 75
 De os olhos afastar, enfim, destes cuidados.
 Temes qual dolo estando eu cá? Da mata irei
 Cuidar. No entanto, deixa tu o longo trabalho”!
 Posto que exausta, ela não desce do ouro Eólio,
 Embora o queira, nem à boca dá descanso; 80
 Mas, atingida pela nuvem de sopor,
 Tremeu, e da árvore expulsou os doces sons.
 Porém a Colca espumar faz venenos tártaros
 E, co’o ramo Leteu⁵, os silêncios esparge.
 Com canto oposto, cerra os olhos – que resistem. 85
 Co’a mão e a língua, excita toda a força Estígia,
 Até que Sono se assenhora da ira ardente.
 Já tomba a crista e, já vencida, a testa oscila,
 E cai a nuca enorme ao lado do tosão –
 Qual o Pó refluí, ou o Nilo em sete braços lança-se, 90
 Ou como o Alfeu⁶ corre nas terras do hespérios.
 Medeia, ao ver no chão da cara serpe o crânio,
 Levando em volta dele os braços estendidos,
 Chorou, cruel, não só por si, mas por seu bicho:
 “Eu não te via assim na tarda noite quando 95
 Trazia-te comida e oferendas, nem quando
 Dava-te mel e, com venenos, fiel, nutria-te.
 Qual massa grávida ora jazes! Que arfar lento

menino que tem na mão um chifre, de onde derrama a água do esquecimento.

⁵ O ramo molhado com a água do rio Letes produz o sonho e o esquecimento.

⁶ Rio que deságua no Jônio.

Deixa-te inerte! Ao menos, pobre, não te mato.
 Que sevo dia hás de passar! Já não verás 100
 Nenhum tosão ou dom fulgente à tua sombra.
 Portanto, parte e noutros bosques passa o tempo,
 Peço, e me esquece. Que no mar não me persiga
 Teu silvo infesto. Mas também, Esônio, tu
 Te apressa e foge co'o tosão que conquistaste. 105
 Os touros de meu pai, culpada os sufoquei
 E inda matei da terra os filhos. Tens da serpe
 Caído o corpo. Todo mal já fiz, eu creio"!
 Buscando, então, caminho em que o árduo
 herói subisse]

Ao topo da árvore dourada: "Sobre a serpe", 110
 Diz, "Trepas e o pé calca no dorso"! Sem demora,
 O neto de Creteu, confiado nas palavras,
 Firma na casca e encarapita no alto freixo
 Cujas ramas se abrigava o velo rútilo
 Qual nuvens rubras, ou qual Íris quando vai, 115
 Co'as vestes soltas, encontrar o ardente Febo.
 O Esônio pega o ansiado prêmio – última empresa!
 Logo que a árvore entregou o monumento
 Da Fríxea fuga, que envergara pelos anos,
 As tristes trevas, co'um gemido, a circundaram. 120
 Ambos fugindo, a mata deixam e dirigem-se
 À foz do rio. O campo brilha. O herói coberto
 Co'o fulgente tosão, ora o deita nos braços,
 Ora aos ombros o leva, ou co'a canhota ao agarra:
 Da gruta de Nemeia, igual saíra Hércules 125
 Inda ajustando o leão à cabeça e às espáduas!
 Quando da sombra o ouro surgiu, diante dos homens

Que aguardavam, então, no combinado porto,
 Clamor se ergueu da tropa Hemônia. Alegre, a nau
 Também moveu-se p'ra encontrar na beira o jovem 130
 Que apressa o passo e se despoja do áureo velo.
 Logo, co'a virgem temerosa, sobe a bordo
 E, co'a lança na mão, vencedor se consagra.
 Aos ouvidos do pai, no entanto, chega o horror
 Trazendo à casa o luto e a nova: a fraude e a fuga 135
 Da moça. Então, o triste irmão se lança às armas;
 A vila toda logo ajunta-se. Esquecido
 Da idade, Eetes corre e de armas se enche a praia –
 Em vão: já foge a embarcação, co'as velas soltas.
 Ambas as mãos na praia erguiam inda a mãe, 140
 A irmã, as outras mães, as noivas e as donzelas
 Colcas iguais a ti, Medeia. Sobressai
 A mãe que, só, com alaridos enche os ares:
 “Detém a fuga! Traz de volta a nau do mar.
 Tu o podes, filha. Aonde vais? Ficam os teus, 145
 Teu pai ainda não irado, o reino e o cetro.
 Como te pensas”, grita, “só na terra aqueia?
 Que lugar há p'ra ti entre as ináquias, bárbara?
 Tais são os votos que esperavas no himeneu?
 Busquei esta velhice? Oxalá pussede ir 150
 Co'afiadas unhas, qual uma ave, até o ladrão
 E sobre o mar, chamar com claro canto aquela
 A quem gerei. Foi prometida ao rei albano
 E não a ti: não pactuarão contigo os pais,
 Ó Esônio, não te ordena Pélias evadires 155
 Furtivamente, nem raptares colcas virgens.
 Fica co'o velo – e mais, dos templos, leva tudo!

Mas, por que em vão, me queixo a alguém?
 Foi ela mesma]

Ó nefas, que fugiu ardendo em tanto amor.
 As coisas voltam-me ora à mente: assi', infeliz, 160
 Foi, dês que os gregos aportaram com seus remos,
 Que não te agradam, filha, mais comida ou brinco.
 Desde então não tens cor, tuas palavras são tristes
 E a face inquieta – a tua alegria sempre estava
 No olhar distante. Por que não mo foi predito 165
 P'ra que por genro eu recebesse em casa o Esônide
 E não sofresses fuga assim, p'ra que comum
 Fosse a impiedade e agora nós ambas iríamos
 A qualquer parte? Eu gostaria de ir contigo
 À Tessália e a qualquer cidade, inda que hostil". 170
 Assim a mãe e a irmã espalham ais e ululos.
 Todas as servas, em clamor de despedida,
 Jogam palavras no ar vazio, e o nome chamam.
 Porém, ao longe, o vento leva-te e tua sina.
 Assim navegam dia e noite. Mais tranqüila 175
 Na volta é a brisa. Conhecidas terras passam,
 Quando, de súbito, da popa Érgino disse:
 “Esônio, tu, feliz co'o velo conquistado,
 Não vês qual sorte ou quais caminhos nos esperam,
 Pois o amanhã nos chama aos fins do mar cruel 180
 E às Ciâneas. Tífis, venerando pai, recordo
 Dos teus trabalhos entre as rochas. Companheiros,
 Mudemos nosso rumo: abramos outras vias
 No mar, e o curso que eu disser será seguido.
 Não longe daqui está a foz do Histro Cítico, 185
 Que sei no mar não se lançar num braço só:

Sete águas correm, se abrem sete embocaduras.
 Busquemos este delta e as ondas que se vertem
 Pela esquerda no mar. Seguiremos depois
 Do rio o curso, até u'a mansa correnteza 190
 Que nos devolva noutra mar⁷. Mais vale, Esônio,
 Qualquer demora que enfrentar de novo as penhas,
 Que atravessar os Ciâneos montes: basta a mim!
 Pois com inteira popa⁸ é que Argo não retorna".
 Tal disse, sem saber que os deuses já haviam 195
 Fixado as pedras, que não mais se chocariam.
 Respondeu-lhe Jasão: "Piloto fidelíssimo,
 Em vão não temes; não me oponho a ir mais longe
 Ou a mostrar-me, enquanto volto, a todas terras"!
 Logo, então, guinam a outros reinos e lugares, 200
 E buscam praias freqüentadas pelos nômade.
 Na popa, atrás do vigilante timoneiro,
 Medeia se ajoelhara aos pés da áurea Minerva.
 Ali postada, tendo o manto sobre os olhos,
 Chorava a só: inda que fosse co'os reis gregos 205
 Não inda estava certa das futuras bodas.
 Dela se apieda o litoral do mar Sarmático.
 Ela, a chorar, passou por Diana Toanteia⁹ –
 Não houve lago ou rio Cítio a não chorar,
 As Hiperbóreas tempestades comoveram-se 210

Vendo-a, que há pouco tinha um reino.
 Mesmo os Míncias]

⁷ Mar Adriático.

⁸ Recordem-se os danos sofridos pela nau ao passar por entre os Rochedos Móveis.

⁹ No Queroneso Táurico, onde havia um santuário de Diana.

Calam-se e querem já levá-la. Erguia a face
 Só quando, às vezes, Jasão dava-lhe comida,
 Mostrando que passava o brumoso Carâmbis
 Ou o reino Lício. Ele iludia a gemebunda 215
 Dizendo que os Hemônios montes já surgiam.
 A ilha de Peuce tem o nome da Sarmátia
 Ninfa, onde o Histro, sempre atroz nas duas margens,
 Lança no mar os turbulentos afluentes.
 Nessa orla, o Capitão enfim manda aportar 220
 E ousa contar, em vez primeira, o pacto aos homens:
 A promessa empenhada e o trato conjugal.
 Todos o animam e elogiam dela os méritos.
 Depois, Jasão começa a erguer à irada Palas¹⁰
 Um altar, sem desprezar da deusa Idália a força. 225
 Se alguma vez belo foi, nunca entre os Míneas
 Mais excedeu do que no dia de suas bodas.
 Qual Marte, vindo vencedor do Hebro sangrento,
 Furtivamente chega à Idália¹¹ e à Citera,
 Ou como o Alcides vai cansado às celestiais 230
 Mesas e logo Hebe, de Juno a filha, o acolhe.
 Presentes são propícios Vênus e Cupido
 – Que anima a Eétida embargada de tristezas.
 A Citereia, com tecidos de açafraão,
 A veste e dá-lhe sua coroa geminada 235

Co'as pedras que arderão cingindo uma outra virgem.
 Nova beleza as faces enche-lhe, realça

¹⁰ Palas, que até então fora propiciadora da expedição dos Argonautas, ira-se, uma vez que Jasão leva a cabo sua empresa mais por amor a Medeia que a ela mesma.

¹¹ Cidade de Chipre, famosa pelo culto a Vênus.

A loura coma, e vai dos males esquecendo.
 Qual quando o Almão expurga o pranto
 dos Migdônios]
 E Cibele, na vila, alegra-se co'as tochas, 240
 Quem pensaria que dos templos saíra há pouco
 Tão sevo sangue, ou quem de si recordaria?
 Quando Jasão chega co'a noiva às aras sacras,
 Os dois se acercam e começam a rezar.
 Pólux oferta o fogo e as águas nupciais 245
 E p'ra direita os dois dão volta. Mas aos ares
 A branca chama não se ergueu das gordas vítimas,
 Nem Mopso viu no incenso a paz ou perenal
 Fidelidade – só do amor o breve tempo:
 P'r'os dois há ódio e compaixão iguais, ó bárbara, 250
 E para ti já não deseja filho algum.
 Logo dispõem a refeição e o sacrifício;
 Da farta caça o alegre prêmio a todos basta;
 Uns nos espetos, na caldeira outros cozinham.
 Depois, recostam-se nos leitos de gramíneas 255
 Na gruta em que o Histro possuíra a arfante Peuce.
 Em meio à rósea juventude eles se deitam,
 Mais altos sobre seu dourado velocino.
 Que novo medo interrompeu os esponsais,
 Turbou o leito e os sacrifícios ainda quentes? 260
 Co'a frota de seu pai, Absirto se aproxima,
 Brandindo tochas contra os gregos fugitivos,
 Chamando a dira irmã aos gritos: “Eia, Colcos,
 Se ainda tendes ira e dor, vos apressai.
 Não é Jove o raptor que foge ora no mar, 265

Nem perseguimos de um fingido touro¹² os rastros.
 Nefas, no barco o ladrão leva o velocino
 Co'a virgem que assim quis e nos deixou – que horror –
 Intactas casas e a cidade¹³. O que, afinal,
 Me bastará? Já ao velo e a ti não busco, irmã; 270
 Não haverá esperança alguma de tratado
 Ou fim p'ras iras. Poderei, então, voltar
 P'ra diante de meu pai em tempo assim tão curto?
 Só cinqüenta homens e um navio naufragado
 Me aplacarão? Grécia falaz, te acoisarei 275
 E às tuas muralhas co'este fogo eu buscarei!
 Às dignas núpcias teu irmão não faltaria,
 Irmã, e já trago e brando as tochas de tuas bodas:
 Primo celebro o casamento, pois que o posso.
 Peço: do pai desculpa a idade, pois comigo 280
 Os outros todos juntos – povo e senadores –
 Estão aqui, p'ra que do Sol, tu, régia virgem,
 Aviltada não vás ao tálamo do Hemônio.
 Por isso tantas naus e tochas se ajuntaram”.
 Disse; e chamando homens e ventos outra vez, 285
 Súplice, corre entre os recentes remadores 286a
 E, ante os pilotos, novas flâmulas desfralda. 286b
 Eles turbam o mar co'as ramagens cortadas
 E mais co'os troncos que num dia só, às pressas,
 Aparelharam e dos montes seus baixaram –

 Que não puderam ira e dor de antigos homens? 290

¹² Alusão ao rapto de Europa por Júpiter transformado em touro.

¹³ Desonra épica de Jasão, uma vez que raptou a mulher sem combater.

N'água, não foge, a frota bárbara persegue
 A lesta nau Paládia, até que do Danúbio
 Viram a foz e, diante dela, a verde Peuce –
 Reconhecendo ali dos mastros de Argo as pontas.
 Todos, então, levam clamor e ardor imigos; 295
 Frigor mais forte os remos fazem. Quando, ao longe,
 Foi vista a nau, todos os barcos perseguiram-na;
 Primeiro, Estiro agarra a âncora naval
 De pau nodoso, e das longínquas ondas mira-a
 Inflamado outra vez pelo amor conjugal. 300
 Uns já nas mãos tomam as lanças e os escudos,
 Outros com pez armam as tochas. Impaciente
 Pela demora, ele a haste vibra. Não mais resta
 Mar que a arma vede; eles, no entanto, aos gritos,
 urgem]
 E, ruidosos, co'os pés, golpeiam o convés. 305
 Quando no mar os Míncias viram fogo e barcos,
 Não o medo apenas lhes surgiu. O capitão,
 Deixando a virgem, primo atira-se na popa;
 Tira, soberbo, da alta lança o capacete
 E, com a espada e o escudo, brilha. Não mais lentos 310
 Na praia os jovens, de arma em punho, se organizam.
 Porém, Medeia, que fizeste? Que Pudor
 Sentiste ao ver de novo o irmão e os homens colcos –
 Tu que te crias já segura co'a distância
 Do vasto mar! Logo ocultou-se nu' antro infesto 315
 Credo que morta ela seria se Jasão
 Tombasse, ou se ao irmão vencesse a lança grega.
 Juno, porém, no céu não tarda. Não suporta
 Os Míncias ver em luta extrema, já que em número

Nem de navios nem de Colcos se igualavam. 320
 Logo que a deusa vê chegar a frota imiga,
 Na terra adentra e arromba as portas das tormentas
 E dos tufões. A turba alada dos irmãos
 Irrompe e Juno aponta a esquadra. Todos viram-na
 E a um ponto só do mar, de pronto, juntos lançam-se 325
 Co'infesto estrondo. Ergueu-se o mar hostil aos Colcos
 E ondas contrárias que na praia se levantam.
 De Estiro a vela é arrebatada entre Argo e os Mínia;
 No vasto vão de novo, abrupta, ela se abate,
 Revolvendo-se n'água. Os barcos vão e vêm, 330
 Todos nos ares, e ao refluxo da onda descem.
 A uns sorve o turbilhão; outros, o mar com força
 Carrega; e medo em todas faces resplandece.
 A tempestade cruel do céu as portas abre.
 Porém não cessa inda a violência do árduo Estiro 335
 Que exorta os seus por entre as lutas dos divinos¹⁴:
 “Dará meu dote a Colca à vila que quiser?
 E um Hemônio adúltero será meu sucessor?
 Entre reis tantos e tão nobres pretendentes
 Não me serviu do pai o voto favorável? 340
 Mais vale sua virtude ou segue-se ao mais forte?
 Eu jungirei touros de fogo sem magias
 E caçarei co'a espada a serpente de Equión.
 Contempla, pois, da praia as lutas de nós dois.
 Serás do vencedor. Verás digno combate 345
 E, ao mar sangrento, ir-se a cabeça cara, o corpo

Do afeminado aqueu; a olente cabeleira

¹⁴ Juno e os Ventos.

Não mais com mirra, mas com piche,
 enxofre e chamas.]

Ondas, levai logo este corpo, e só, à praia:
 Eetes e Sol, co' o genro não se vexarão. 350

Engano-me ou agora ela nos move os ventos
 Co' um sortilégio, e eleva o mar co' a dira língua?
 Salva-se o Esônide outra vez por sua ajuda?
 Não servirão esses murmúrios e esconjuros.
 Ide, navios, e parti a onda da virgem"! 355

Disse, e arrojou-se, co' os soldados, para os remos.
 Porém, desfaz-se a nau, por ondas sacudida,
 E lança a tropa e o capitão, que inda ameaça
 E também busca o litoral co' o braço erguido.
 Levando a espada em punho e as armas, ia o náufrago; 360

Põe-se a buscar remos e bancos da nau soltos,
 E às altas popas lança gritos de aflição.
 Mas nenhum barco o ajudar pode ou quer, em meio
 A tantas ondas. Cada vez que se aproxima,
 P'ra trás, de novo, o mar o afasta. O violento 365

Já sobe e desce, e do imo emerge. Mas u'a onda
 Chega e num grande torvelinho sob as águas
 O prende – enfim foi pela virgem derrotado.
 Pasma co' a acerba vista, Absirto desespera-se:
 Que faz? Com força qual tomar o porto e a foz? 370

Como atacar os Míncias presos que, frementes,
 Já reconhece? O adverso mar e a tempestade
 Contrários lutam. Todo mar é um furacão.
 Ele, porém, se afasta e volta em ira vã,
 Destruída a frota. Pelo lado esquerdo, então, 375

Co' os homens é levado à praia oposta a Peuce –

Porquanto a ilha parta o Danúbio em dois braços.
 Já há muito, a nau Pagásea e os Míncias permanecem
 No ancoradouro. Ali, co'a frota imiga, o herói
 De Eetes sitia o acampamento dos Tessálios, 380
 Mas, impaciente, não tem chance de lutar:
 Noites e dias, entre as vagas, se enfurece,
 Até que os planos da Satúrnica se acertaram
 E seus cuidados algum termo à guerra acharam.
 Porém, os Míncias, desejando o fim das lutas, 385
 Com preces e rumor importunam o Esônide:
 Por que os mantém presos em prol de uma estrangeira?
 Por que os obriga a suportar tantos perigos?
 Antes olhasse as muitas vidas e o destino
 Melhor dos seus – que o não seguiram mar adentro 390
 Nem pela Fúria ou vil amor, mas por virtude.
 Quando a um só foi permitido o rapto e as bodas?
 É tempo, pois: aos gregos basta o velocino
 E, devolvendo a virgem, dar fim aos combates.
 Que os deixe regressar e que em cruenta guerra 395
 Não lance a Erínia¹⁵ a prima luta entre Ásia e Europa.
 Assim fixara o Fado, e Mopso, a tremer súplice
 Vaticinava que esta afronta iria aos netos
 E que um outro raptor¹⁶ no incêndio a expiaria.
 Ele, a gemer, inquieto pelos tantos brados – 400
 Posto que a Lei Divina, os laços conscientes
 Do sacro pacto e as doces tochas a comovam –

Hesita e quer a guerra mas pesa os perigos.

¹⁵ Medeia é considerada uma Erínia, porque seria o motivo de uma guerra.

¹⁶ Páris.

Não mais prossegue contrariando os companheiros.
 Tendo o acertado, aguardam tempo e mar propícios. 405
 Não permitem, porém, que a própria amante o saiba
 E zelam por guardar a triste decisão.
 Contudo, o pobre Amor, que move os veros medos –
 E os vãos também –, lograr não deixa à jovem virgem.
 Embora ocultas, ela sente as artimanhas, 410
 Os sinais da perfídia e o silêncio de todos.
 Pensando em si, sem perturbar-se com as súbitas
 Ameaças, antes só do Esônide aproxima-se;
 P'ra longe o leva e logo diz-lhe estas palavras:
 “Que te falam de mim os jovens fortes Míncias 415
 Noite e dia? Que, enfim, possa eu logo o saber,
 Se cativa não sou da embarcação de Pélias,
 Nem se, iludida, eu sigo donos – é-me lícito
 O vosso plano ouvir. Não temo, fiel esposo!
 Porém, tem compaixão e guarda tua promessa 420
 De matrimônio até chegarmos à Tessália –
 Repudia-me lá. Bem sabes me juraste –
 E não teus. Eles talvez possam voltar
 Atrás, contudo não tens tu o mesmo direito.
 Comigo levar-te-ei: sozinha eu não respondo 425
 Qual mulher má, pois nesta nau fugimos todos.
 Acaso assustam-te as birremes de meu pai
 E meu irmão? Perante u'a hoste maior tremes?
 Pensas que ajuntam-se outras naus e maior tropa:
 Já não confias? Não sou digna dos perigos? 430
 Não mereci teu sacrifício e o de teus homens?
 Quisera que sem ti tivessem alcançado
 A pátria minha, ou que outro fosse o capitão.

Ora regressam e eis que podem me entregar –
 Não há esperança. Escuta, ao menos, meus projetos 435
 E que não cedas ao temor dos companheiros.
 Quem creu que tu podias jungir touros de fogo
 E quem te levaria ao templo da serpente?
 Quem dera meu amor não pudesse por ti
 Tudo fazer, ou titubeasse. Indago agora 440
 O que me ordenas. Ó cruel, calas? Teu pudor 460
 Que ameaça traz? Devia, Esônio outrora bom, 441
 Te implorar súplice – meu pai assim não pensa –
 Ou suportar os meus castigos e a maldade
 De meu senhor?” Isso falou co’a mente em fúria
 Ao que resposta preparava, e deu-lhe as costas 445
 Vociferando. Como a Tríade que Baco
 Conduz a Ogígia e com o Aônio tirso a acerta,
 Tal era a virgem que, a tremer, lançou-se aos montes.
 Foge dos filhos cruéis da terra com suas lanças;
 Apavorada, dos ardentes touros foge. 450
 Porém, se visse, enfim, da Págasa ou do Pélio
 As nuvens, e do Tempe a luminosa bruma,
 Morreria contente. O dia todo, então,
 Passa entre as queixas. Anda só sob as estrelas.
 Qual noite cheia de uivos tristes ela ulula, 455
 Qual ferozes leões que esfomeados rugem
 Ou como as vacas que, perdendo as crias, choram.
 A honra da raça, do avô – o Sol – a grande glória
 E a jovem bárbara beleza desvanecem-se
 Do que era quando ela levou à nau Aônia 461
 O radiante tosão, e pôs-se ovante à proa
 Como outra Palas, entre os nobres nomes gregos.

Jasão hesita ante a ameaça e a ira dos Colcos. 463a
 Pudor, de um lado, e a decisão dos seus, do outro,
 O oprimem, mas tenta afagá-la em seus soluços. 465
 Ele mesmo, a gemer, falando abrandando os ditos:
 “Crês que eu o mereça, ou que deseje, tudo assim”?

Aqui se interrompe narrativa dos *Cantos Argonáuticos*, antes do fim da expedição. Contudo, seguindo a tradição literária do mito, Absirto foi assassinado por Medeia e Jasão, e seus membros foram lançados pelo caminho da fuga a fim de atrasar os exércitos Eetes, que os perseguiram. Depois disso, após os percalços que levam os argonautas aos desertos da Líbia, a nau Argo retorna finalmente ao porto de Iolcos, de onde partiu para o céu, em sua viagem, transformada em constelação.

BIBLIOGRAFIA

- A. Torres-Murciano (2005), “El Proemio de Valerio Flaco – Una lectura retórica”. *CFC (L)*. 79-100.
- D. Hershkowitz (1998), *Valerius Flaccus’s Argonautica – abbreviated Voyages in Silver Latin Epic*. Oxford.
- F. Coulson (1986), “New evidence for the circulation of the text of Valerius Flaccus.” *CPh*. 58-60.
- F. Ripoll (2003), “*Perfidus tyrannus*: le personnage d’Étès dans les *Argonautiques* de Valérius Flaccus”. *IL*. 3-10.
- G. Dumézil (1988). *Le Crime des Lemniennes – Rites et légendes du monde égéen*. Paris.
- H. Casanova-Robin (2004), “Le corps de Médée chez Valérius Flaccus: un élément d’une poétique de la pasión”. *IL*. 3-10.
- J. Mozley (1934), *Valerius Flaccus*. The Loeb Classical Library. London.
- J. Strand (1972), *Notes on Valerius Flaccus Argonautica*. Göttemborg.
- M. Nisard (1868), *Lucrece, Virgile, Valérius Flaccus – oeuvres complètes avec la traduction em français*. Paris.

- R. Getty (1940), "The Introduction to *Argonautica* of Valerius Flaccus". *CPh*: 259-273.
- S. Moreda (1996), *Valerio Flaco – Las Argonáuticas*. Akal. Madrid.
- V. Ussani (1955), *Studio su Valeriu Flacco*. Roma.
- W. Ehlers (1980). *Gai Valeri Flacci Setini Balbi Argonauticon libros octo*. Bibliotheca Teubneriana Stuttgart.
- W. Garson (1963), "The Hilar Episode in Valerius Flaccus' *Argonautica*". *CQ*. 260-267.
- W. Garson (1964), "Some Critical Observations on Valerius Flaccus' *Argonautica*. I". *CQ*. 267-279.
- W. Garson (1965), "Some Critical Observations on Valerius Flaccus' *Argonautica*. II". *CQ*. 104-120.
- W. Summers (1894), *A Study of The Argonautica of Valerius Flaccus*. London.

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLECÇÃO AUTORES*
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS LATINOS

1. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior: *Gaio Valério Flaco. Cantos Argonáuticos*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

(Página deixada propositadamente em branco)

(Página deixada propositadamente em branco)

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA

